



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL- PPGHB
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA DO BRASIL

HELISSANDRO ROCHA DA SILVA

**TRAVESSIAS PELOS SERTÕES DO NORDESTE:
UMA GUERRA CHAMADA CANGAÇO ENTREMENTES A COLUNA PRESTES
(1920-1928)**

TERESINA-PI
2022

HELISSANDRO ROCHA DA SILVA

**TRAVESSIAS PELOS SERTÕES DO NORDESTE:
UMA GUERRA CHAMADA CANGAÇO ENTREMENTES A COLUNA PRESTES
(1920-1928)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – PPGHB da Universidade Federal do Piauí – UFPI, na área de concentração História, Cidade, Memória e Trabalho como requisito para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Johny Santana de Araújo

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processos Técnicos

S586t Silva, Helissandro Rocha da.
Travessias pelos sertões do Nordeste : uma guerra chamada
cangaço entrementes a Coluna Prestes (1920-1928) / Helissandro
Rocha da Silva. -- 2022.
134 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro
de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em
História do Brasil, Teresina, 2022.

“Orientador: Prof. Dr. Johny Santana de Araújo.”

1. Cangaço - História. 2. Coluna Prestes, 924-1927 - Brasil -
História. 3. Sertões. 4. Coronéis. I. Araújo, Johny Santana de.
II. Título.

CDD 981.3

Bibliotecária: Thais Vieira de Sousa Trindade - CRB3/1282

HELISSANDRO ROCHA DA SILVA

**TRAVESSIAS PELOS SERTÕES DO NORDESTE:
UMA GUERRA CHAMADA CANGAÇO ENTREMENTES A COLUNA PRESTES
(1920-1928)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História do Brasil. Área de Concentração: História, Cidade, Memória e Trabalho.

Orientador: Prof. Dr. Johny Santana de Araújo

Aprovado em 22 de Abril de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Johny Santana de Araújo - UFPI
Orientador/Presidente

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá - UECE
Examinador externo

Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro -UFPI
Examinador interno

Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento - UFPI
Suplente

Para minha querida Elis, que me acompanhou decisivamente nesta jornada. Este trabalho é fortemente tributário dela pela preciosa colaboração.

AGRADECIMENTOS

ou

Vida e fé

[...] Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.
(PESSOA, 2011, p.60)

Era dezembro de 2019, quando do resultado final da seleção para mestrado do PPGHB/UFPI, nosso nome estava entre os aprovados, a emoção foi indescritível. Com base naquela realidade, experiência e o horizonte de expectativas, vislumbrávamos um feliz 2020, cheio de emoções neste momento de historiador pesquisador. Almejavamos ampliar as redes de sociabilidades no meio acadêmico, resultando em novos saberes. Mas de repente, após uma semana de aula, a caminhada foi abruptamente interrompida, havia uma pedra no meio do caminho e ela era perigosamente desafiadora.

Tratava-se de um dos maiores desafios que a humanidade enfrentou, era a pandemia mundial Covid-19, trazendo consigo presságios, terror e morte. Diante de tamanha gravidade no Brasil vivemos tempos “pandemônicos”, originados das políticas públicas implementadas pelo chefe do executivo nacional e os ditos seus seguidores, com negacionismo e obscurantismo deles advindos, que custaram a vida de milhares de brasileiros, tempos difíceis.

Por outro lado, no exercício de nossa cidadania, procuramos cumprir todas as orientações advindas da ciência. Vacinação tornou-se palavra de ordem, pois viver era preciso! Daí a necessidade de andar com fé, pois ela não costuma falhar. Fé em Deus, fé na ciência, fé na vida. Tomada a decisão de andar com fé, na luz ou na escuridão, compreendemos que a fé está na manhã e no anoitecer. Andar com fé era preciso, pelo sim ou pelo não lutamos pela vida com muita fé.

Côncio, de que nesta travessia precisávamos de vida, da luz do dia, que nos dar alegria e prazer. Nossa valoração da vida como amor, cor e paixão. Deus nos possibilitou que a vida fosse vivida para podermos fazer esta travessia, escrever a nossa dissertação diante de tantas adversidades, decorrentes da vil pandemia e das questões políticas a ela associada, que tivemos que enfrentar.

Foi preciso navegar com o veleiro de mastros fortes em meio as tormentas, a travessia em mares turbulentos foi extremamente difícil. Mas, isto não seria possível sozinho, junto comigo navegavam pessoas que me ajudaram a conduzir o barco à terra firme, estávamos de mãos dadas e não nos afastamos.

Daí advém a minha gratidão à Elis, minha esposa, pela mulher singular na minha vida, como mãe dos meus filhos e companheira que compartilho alegrias e angústias. Que é capaz de me dar um rumo quando estou desorientado, é a minha bússola.

Mui grato sou ao meu irmão, Alexsandro Rocha pelo amor fraterno, o carinho que a mim dedica em quaisquer circunstâncias, é o amigo de todas as horas que sempre posso contar. Em nome dele agradeço aos meus pais e demais irmãos.

À minha filha, Beatriz Lainy, a Bia, pelos cuidados que tem com o pai, pela contribuição que me deu para este trabalho, quando compartilhávamos a experiência de entrementes fazermos mestrado, mesmo sendo eu na área de humanas, ela na área de saúde.

Ao meu filho Delano, o Dêzinho, filho amado, que acompanhou atentamente minhas leituras e a escrita desta dissertação, mesmo sendo um acadêmico de Engenharia foi incalculável sua contribuição.

Ao meu orientador, professor doutor Johny Santana de Araújo, pela integridade moral, humana e erudição admirável, por ter acolhido a minha proposta de pesquisa. Pela paciência e compreensão que teve comigo nestes tempos difíceis, pelas valiosas orientações neste percurso, enfim, é enorme a minha gratidão por tudo.

Por fim, meus agradecimentos a todos que em algum momento tiveram comigo nesta jornada, embora de formas e intensidades diferentes, também tiveram certo grau de contribuição. Navegar foi preciso, foi um prazer, uma emoção indescritível navegarmos juntos, mesmo sendo em mar revoltoso, vencemos com vida e fé.

De repente transcorreram os dois anos, esgotou-se os prazos formais do mestrado sem a oportunidade de pisar no chão da universidade, sentar para estudar numa biblioteca, criar novas sociabilidades e tomar um café com os amigos. Mas, aqui chegamos com a esperança de que o novo sempre vem, no Brasil esperamos que uma nova mudança em breve vai acontecer e a gente já escuta estes sinais.

Com ternura e gratidão,
Helissandro.

Sítio Heli - Elis, Teresina, 2022.

Como toda atividade artesanal o trabalho do historiador leva-o a sujar as mãos , implica uma relação corpo a corpo, subjetividade a subjetividade, com o seu material de trabalho. O historiador se mistura e sai com as roupas, o corpo e a alma marcados pelo seu material de trabalho, pelos acontecimentos, pelas vidas e ações que vem a pôr em cena. Assim como as mãos e o corpo do artesão, a subjetividade do historiador sai calejada ou cheia de cicatrizes de seus encontros com as idas humanas, com as lutas, com as ilusões e desilusões daqueles que vieram nos anteceder. O trabalho do historiador, nestes tempos que correm, se aproxima do trabalho do lixeiro, a apanhar os restos do que sobrou dos sonhos e grandes projetos e promessas que já pretenderem ser o sentido do processo histórico.

(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p.34)

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo demonstrar o cangaço de Lampião e as articulações que culminaram na incorporação deste cangaceiro pelo governo federal como legalista nos chamados batalhões patróticos para combater a Coluna Prestes, por ocasião de sua passagem pelos sertões nordestinos, na década de 1920. A pesquisa utilizou o repertório consolidado pela historiografia ao referenciar autores que já se dedicaram, embora de forma distinta, sobre a mesma realidade que esta dissertação pretendeu examinar levando em conta a sua historicidade. O manuseio dos jornais como fontes históricas foi realizado com criticidade e atento aos locais de produção de discursos, inerente aos textos literários, o estudo utilizou uma abordagem com a noção de que eles sempre trazem algo da sociedade que a viu florescer. Teve como resultado a identificação de modalidades de cangaço, a construção de relações de poder entre parcelas da elite local, os ditos coronéis e o cangaceiro Lampião, este ingressou nas forças legalistas a serviço da República para combater a Coluna Prestes, que por sua vez, não foi aceita pela sociedade pastoril sertaneja. Lampião representou o esplendor do cangaço, enquanto a Coluna Prestes inaugurou o auge de contestação à Primeira República. O movimento tenentista não foi derrotado, nem aceitou a anistia, resolvendo marchar para o exílio, já o cangaceiro Lampião continuou na lucrativa atividade chefiando grupo de cangaço.

Palavras-chave: História. Sertões. Cangaço. Coronéis. Coluna Prestes.

ABSTRACT

The present dissertation aims to demonstrate the cangaço de Lampião and the articulations that culminated in the incorporation of this cangaceiro by the federal government as a loyalist in the so-called patriotic battalions to fight the Coluna Prestes, on the occasion of his passage through the northeastern hinterlands, in the 1920s. This research used the repertoire consolidated by historiography when referring to authors who have already dedicated themselves, although in a different way, to the same reality that this dissertation intended to examine, taking into account its historicity. The handling of newspapers as historical sources was carried out critically and attentive to the places of production of speeches, inherent to literary texts, the study used an approach with the notion that they always bring something from the society that saw it flourish. It resulted in the identification of cangaço modalities, the construction of power relations between parts of the local elite, the so-called colonels and the cangaceiro Lampião, who joined the legalist forces at the service of the Republic to fight the Prestes Coluna, which in turn, it was not accepted by the sertanejo pastoral society. Lampião represented the splendor of the cangaço, while Coluna Prestes inaugurated the height of contestation against the First Republic. The lieutenant movement was not defeated, nor did it accept the amnesty, deciding to go into exile.

Keywords: History. Sertões. Cangaço. Colonels. Prestes Column.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Chefes de cangaceiros, Sinhô Pereira e Luiz Padre.....	30
Figura 2: Mapa de ocorrência do cangaço no Nordeste.....	41
Figura 3: Lampião e sua família em Juazeiro do Norte.....	44
Figura 4: A mais importante fotografia de Lampião dos anos 20.....	53
Figura 5: Coronéis entre as imposições do governo e as seduções do cangaço.....	58
Figura 6: Mapa do percurso da marcha dos tenentistas da Coluna Prestes.....	65
Figura 7: Passagem da Coluna Prestes pelo Maranhão.....	84
Figura 8: O deputado federal Floro Bartolomeu da Costa.....	109
Figura 9: Batalhão Patriótico do Juazeiro.....	109
Figura 10: Padre Cícero em automóvel no Juazeiro, 1925.....	110
Figura 11: Padre Cícero escrevendo cartas.....	113
Figura 12: Casa da família de Lampião.....	128
Figura 13: Foto chapéu de Lampião, 1934.....	128
Figura 14: Vaqueiros no Sertão.....	129
Figura 15: Representação do cangaceiro Lampião.....	130
Figura 16: A indumentária sertaneja em couro.....	131
Figura 17: Importância da sanfona no sertão.....	131
Figura 18: Cangaceiro a cavalo, Portinari.....	132
Figura 19: Levante dos 18 do Forte: marca o tenentismo	133
Figura 20 : O alto comando da Coluna Prestes.....	133
Figura 21: Coluna Prestes no exílio, Bolívia, 1927	134

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. O CANGAÇO NOS SERTÕES	23
2.1 O desenvolvimento do cangaço nos sertões	23
2.2 Modalidades de cangaço(s)	28
2.3 As territorializações do cangaço nas primeiras décadas do século XX	31
2.4 As travessias de Sinhô Pereira, o dito “comandante” de Lampião pelo Piauí	35
2.5 Piauí, usado pelo cangaço para homiziar e fazer travessias	42
2.6 Familiares de Lampião no Piauí?	43
3. AS RELAÇÕES DE PODER ENTRE O CANGACEIRO LAMPIÃO E CORONÉIS	47
3.1 Coronéis: Protetores e coiteiros	47
3.2 A perda da invencibilidade de Lampião no ataque a Mossoró	52
3.3 As redes capilares de poder construídas por Lampião	56
3.3 O apoio logístico de Lampião através de vários vasos comunicantes	58
4. A COLUNA PRESTES ENTREMENTES AO CANGAÇO DE LAMPIÃO	63
4.1 A Coluna Prestes entra no Nordeste e marcha rumo a Teresina	66
4.2 A estratégia dos batalhões patrióticos e a incorporação do cangaceiro Lampião	70
4.3 Padre Cícero entre Luís Carlos Prestes e Lampião	71
4.4 A cobertura e as repercussões advindas da imprensa	75
4.5 As múltiplas vozes no Congresso Nacional	79
4.6 A experiência dos sertanejos diante da Coluna Prestes	83
4.7 A luta pela pacificação do país e o desarmamento dos sertões	86
4.8 Coluna Prestes deixa os sertões nordestinos rumo ao exílio	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	103
ANEXOS	109

1.INTRODUÇÃO

O cangaço, centralmente o de Lampião e sua incorporação pelo governo federal para combater a Coluna Prestes na década de 1920, constitui no assunto delimitado como objeto de estudo nesta dissertação, essa delimitação é fruto de um investimento intelectual que embasa, justifica o recorte analisado e suas balizas espaçotemporais, daí nasce a originalidade e caráter autoral. O estudo é constituído de mastros que sustentam velames entrelaçados, embora distintos “eles pertencem à mesma embarcação destinada a uma só e única navegação” (RICOUER,2007,p.18).

Entendemos a História como problema, nesta presente pesquisa, a problematização começa com o fenômeno cangaço e realiza um mergulho mais profundo quando passamos a questionar como o cangaceiro Lampião, chefe de banditismo grupal e armado, através de uma articulação política de amplitude nacional foi inserido nas ditas forças legalistas para combater a Coluna Prestes por ocasião de suas travessias pelos sertões do Nordeste do Brasil. Este é o problema que pretendemos demonstrar com centralidade, norteado pela produção historiográfica e pelas fontes históricas que conduziram este empreendimento.

Podemos sumarizar que destacamos a modalidade de cangaço praticada por Lampião, suas territorializações e relações de poder. Em seguida, comporta uma reflexão sobre a Coluna Prestes e as articulações políticas que resultaram na estratégia do governo federal durante a presidência de Arthur Bernardes para combater a Coluna Prestes nos sertões do Nordeste do Brasil, a decisão de incorporar o cangaceiro Lampião no combate aos tenentistas gerou ampla repercussão nos jornais e consequências no meio político da época.

Estudar o cangaço de Lampião para na sequência articular com o movimento tenentista, ambos os conflitos presenciados na última década da dita República Velha requer uma apropriação de noções próprias do período e certas maneiras de conceber a história no âmbito teórico, neste sentido consideramos revelantes as reflexões de Marc Bloch acerca do pretérito, “O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa” (BLOCH,2001,p.75). O que faz compreender que não se pode mudar o passado, mas se pode estudá-lo como fazem os historiadores, para melhor conhecê-lo através das fontes históricas, que são pedaços do passado que de alguma forma chegaram ao presente.

A complexidade do trabalho do historiador apresenta similitude com a atuação do detetive, que faz deduções a partir do que encontra na cena do crime, as motivações, o modo de

agir e a identidade do criminoso, como lembrou Ginzburg (1989), ao citar Sherlock Holmes. A pesquisa aqui desenvolvida é atenta de que Lucien Febvre (1876-1956), alertou para a necessidade de se evitar “o pecado dos pecados – o pecado entre todos imperdoável: o anacronismo”(FEBVRE,2009,p.33).

O presente estudo é tributário das acepções de Koselleck (2012) que sistematizou uma semântica de tempos históricos e seus conceitos, a combinação do espaço de experiências e do horizonte de expectativas de uma coletividade humana suscita a construção cultural de uma ideia específica de tempo, diferente do tempo da natureza. A história deve ser apreendida em sua própria historicidade, para o autor “cronologicamente, toda experiência salta por cima dos tempos, ela cria continuidade no sentido de uma elaboração aditiva do passado” (KOSELLECK,2012,p.311).

Na condição de historiador, o analista do século XXI promove uma viagem metodológica ao passado (século XX) através das fontes históricas, aqui entendidas como pedaços do passado que chegaram até o presente ou ainda “passados presentes”. Em conformidade com Hartog (2019), trata-se de um esforço no sentido de apreender as experiências na temporalidade, o tempo que causa inquietude, instiga a temeridade causando desassossego, mas por outro lado, desperta a curiosidade, o saber e provoca a experiência. Nas palavras de Durval Muniz, “O historiador: o cozinheiro do tempo, aquele que traz para nossos lábios a possibilidade de experimentarmos, mesmo que diferencialmente, os sabores, os saberes e odores de outras gentes, de outros lugares, de outras formas de vida social e cultural” (ALBUQUERQUE JÚNIOR,2019,p.32).

O assunto que problematizamos nesta pesquisa é tributário do conjunto de obras sobre a temática produzido por Frederico Pernambucano de Mello¹, para este trabalho a principal delas, *Guerreiros do Sol*, o autor formulou a chamada teoria do “escudo ético”, modalidades de cangaço e as relações de poder do cangaceiro Lampião, já em outro trabalho dedicou-se a fazer reflexões sobre as articulações que culminaram na incorporação de Lampião aos batalhões patrióticos para combater a Coluna Prestes. Jogou luzes sobre a possível ocorrência de cangaço no Piauí de forma que pretendemos unir os fios e conectá-los.

Luitgarde de Oliveira Barros² é contribuinte nesta dissertação pelas noções de que a

¹ Historiador, pesquisador que fez parte da equipe de Gilberto Freyre e foi presidente da Fundação Joaquim Nabuco durante 15 anos. É autor de um conjunto de obras sobre sertões e cangaço.

² Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, é professora aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atua há várias décadas como pesquisadora. É doutora e mestra em Ciências Sociais (Antropologia) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (PUC- SP). Tem Pós- doutorado em Antropologia pela Universidade de Campinas (Unicamp) e Pós-doutorado em Ciência da Literatura pela UFRJ.

sociedade pastoril gerou um *ethos*³ imanente que dele gerou o cangaço e a resistência a ele suscitada pelos chamados nazarenos⁴ que travaram uma peleja por duas décadas guerreando com Lampião. A autora dedicou-se ainda a fazer reflexões sobre as relações de poder de Lampião com poderosos coronéis e governador de Estado como é o caso de Eronildes de Carvalho, em Sergipe.

Barros(2018), procura demonstrar que as articulações para colocar Lampião na perseguição a Coluna Prestes partiram da cúpula da República e não de padre Cícero. Por fim, a autora chegou a questionar o porquê dos estudiosos da temática cangaço escamotear o Piauí, tarefa que não passou despercebida neste trabalho. Cumpre ressaltar que quanto a bibliografia trata-se de referenciar os autores que colocaram para si desafios semelhantes, que refletiram e enfatizam sobre os mesmos aspectos da realidade que pretendemos investigar.

Estabelecemos a coerência entre o objeto da pesquisa e as metas apresentadas, de forma que os objetivos propostos foram atingidos, quais sejam: demonstrar o cangaço de Lampião e as articulações que levaram este cangaceiro a ser incorporado pelo Estado brasileiro como legalista para combater a Coluna Prestes por ocasião de sua passagem pelos sertões nordestinos, na década de 1920; Investigar as modalidades de cangaço, territorializações e o tipo praticado por Lampião; Inserir o Estado do Piauí na chamada “geografia do cangaço” e demonstrar como a Coluna Prestes esteve presente em sua capital.

Em seguida, dedicamos a analisar como Lampião, chefe de banditismo, recebeu armas, munições do exército e uma patente de capitão sob pretexto de prestar serviços à República no combate aos tenentistas, e ainda, a tarefa de verificar a sociedade pastoril sertaneja perante a experiência vivida entrementes a Coluna Prestes que atravessava os sertões. Ao fim e ao cabo esses foram os objetivos do presente trabalho.

Dedicamos uma atenção aos dois tempos historiográficos, quais sejam: o tempo do historiador (século XXI) e o tempo das fontes e da época examinada (século XX). Neste sentido, todo o cuidado com o uso de conceitos para melhor compreendê-los como possuidores de funções primordiais: organizar a realidade percebida ou a ser examinada; generalizar e criar conexões entre objetos distintos; comparar aproximando e contrastando objetos diferentes;

³ [Antropologia] Característica comum a um grupo de indivíduos pertencentes a uma mesma sociedade. Etimologia (origem da palavra *ethos*, palavra grega). Conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região. Ver detalhes em: DICIO (Dicionário Online Português). *Significado de Ethos*. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/ethos/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

⁴ Povo do distrito de Nazaré, município de Floresta (PE), que proibiram Lampião de morar na localidade e o expulsaram, gerando ódio no bandido, que fez inúmeras tentativas de invasão, o que suscitou resistência de seus moradores, passaram a ser conhecidos como os maiores inimigos de Lampião.

problematizar ultrapassando a mera instância descritiva; aprofundar ultrapassando os níveis de ingenuidade e senso comum e comunicar criando uma linguagem comum aos praticantes de certo campo.

Nesta dissertação compreendemos que a historiografia é formada por um repertório de conceitos consolidados. E que os conceitos podem ser inventados na própria oficina do historiador, foi o que aconteceu com Victor Nunes Leal (2012), que criou o conceito de coronelismo, para estudar determinadas sociedades no Brasil muito dominadas por uma elite local armada, os chamados coronéis, até então, não existia o conceito de coronelismo⁵.

Cumpra notar, de onde vem os conceitos em História? Do patrimônio conceitual consolidado pela Historiografia, da criação pessoal de historiadores em obras específicas, do patrimônio conceitual consolidado nas demais ciências humanas, de migrações oriundas de outros campos de saber, da vida comum de hoje e das fontes e realidades históricas examinadas.⁶

A problematização da temática examinada, o cangaço de Lampião entrementes a Coluna Prestes em travessias pelos sertões do Nordeste é atravessada pelo componente político, as maneiras de conceber a política nesta pesquisa está mais proximamente das concepções de René Remond, pois, o historiador francês num esforço para libertar a abordagem política da acusação de apego ao efêmero sublinhou a profundidade das mudanças. Dedicou-se também a rebater outros óbices que pesavam sobre a História política, de ser factual, subjetiva, psicologizante e idealista.

Abraçando os grandes números, trabalhando na duração, apoderando-se dos fenômenos mais globais, procurando nas profundezas da memória coletiva, ou do inconsciente, as raízes das convicções e as origens dos comportamentos, a história política descreveu uma revolução completa. Como então acreditar que seu renascimento possa ser apenas um veranico de maio? (RÉMOND,2003,p.36).

De acordo com Tania Regina de Luca, a historiografia a despeito de sempre propor novas interpretações, não o faz descartando o já produzido, mas levando-o em conta. Neste sentido, dialogamos com o historiador francês Michel de Certeau (1925- 1986), num ensaio muito citado, apontou que “ toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural”. Ou seja, ele advertiu para o fato de historiadores

⁵ Ver detalhes em: LAPETHI UFRRJ- IM. *Aula 2 O uso de conceitos para a produção do saber científico 09/09/2021 Curso Teoria e Metodologia*. Youtube. 12 set. 2021. 2 h 15m 10s. Disponível em:< <https://youtu.be/fm07hurW9gs>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

⁶ Ver detalhes em: LAPETHI UFRRJ- IM. *Aula 3 O uso dos conceitos para a produção do saber histórico 23/09 Curso Teoria e Metodologia*. Youtube. 13 out. 2021. 2h 22 min 34 s. Disponível em: <<https://youtu.be/FtsYpiy2w8M>> Acesso em: 20 jan. 2022.

vincularam-se a instituições como universidades, centros de pesquisa, fundações, arquivos, bibliotecas, o que tem implicações nos temas que escolhem, nas fontes que selecionam, nos problemas que formulam.

Quanto aos aspectos metodológicos, desde o século XX que a agenda da História despontou com uma intensidade de novos aspectos no perfil mais essencial da historiografia, delineadas em novas contribuições como problematização, expansão das fontes, multiplicação dos campos históricos, ampliação dos temas e interdisciplinaridades. No limiar do século XXI surgiram alguns horizontes para uma nova escrita da história, tais como “expressão polifônica de múltiplas vozes sociais, recursos literários incorporados à escrita historiográfica, escrita para distintos públicos-leitores e maior fluência textual” (BARROS,2019, p.36).

De acordo com as concepções de José D’ Assunção Barros, a década de 1980 foi um dos momentos no processo de ampliação das fontes historiográficas, dentre elas, emergiram a importância das fontes periódicas, destaques para os jornais e as fontes literárias, que são fontes históricas textuais de natureza distintas⁷. Para Luca (2018), as possibilidades ensejadas pelos jornais no Brasil tiveram o pioneirismo de Gilberto Freyre, mas que a posteriori veio a ser agregados à produção de vários pesquisadores, formado segundo padrões de excelência acadêmica que não dispensavam o uso de jornais.

O manuseio das categorias e análises das fontes foram feitos mediante a concepção de que não se trata de “retratos” da realidade, nem são ingênuos nem imparciais, mas sim, que são pedaços do passado que de alguma maneira chegaram no presente, são testemunhos que fornecem evidências de maneiras distintas, que possuem lógicas próprias de constituição, por isso exigisse do historiador o desenvolvimento de metodologias adequadas e flexíveis a cada tipo. No caso dos jornais, cumpre identificar no que se relaciona ao objeto desta pesquisa, que valores projetos de poder e relações sociais influenciaram determinados posicionamentos, em relação a abordagem de Lampião e ao combate a Coluna Prestes.

Ao trabalhar com jornais procuramos identificar as características essenciais dos mesmos, quais sejam: “periodicidade, polifonia de textos, produção multiautoral, interação entre informação e discurso, busca de vários segmentos leitores, efeito de realidade e abrangência de assuntos” (BARROS,2019, p.182). Uma abordagem que permite explicitar um conjunto de conceitos específicos, enfatizando os principais aspectos que queremos investigar. Dentre o conjunto de jornais que analisamos um deles se destaca, “em 1900, *O Jornal do Brasil*

⁷ Ver também: LAPETHI UFRRJ- IM. Aula 8 As fontes textuais de todos os tipos 25/11 Curso Teoria e Metodologia. Youtube. 11 jan. 2022. 2h 06 min 48 s. Disponível em: <<https://youtu.be/d3vj7NLbpbs>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

atingiu a marca de 60 mil exemplares impressos por dia, a maior da América Latina” (BARROS,2019, p.207).

Metodologia tem relação direta com o verbo fazer, neste sentido a análise historiográfica dos jornais será feita com criticidade levando em conta as questões que devem ser colocadas a um jornal como o lugar de produção em observância a inserção econômica, anunciantes, proprietários, editor e concorrentes; polifonia, seus colaboradores e intertextualidades; sessões temáticas com tipo de conteúdo, aspectos formais e linguagens; o conteúdo e seu estilo geral; periodicidade, inserção na série e preço.

Demonstramos ainda, ao refletir sobre os modos de lidar com jornais, que exige uma atenção com a materialidade e suporte impresso; publicização, sua tiragem e alcance espacial; recepção e segmentos de leitores; meios de impressão, materiais disponíveis, técnicas e maquinários; lugar de impressão, circunstâncias e inserção política⁸ (BARROS,2019). É interessante as considerações do historiador Robert Darnton que trabalhou como jornalista, no famoso periódico *The New York Times*, e ele chama atenção sobre como “o poder do editor sobre o repórter, e/ou do diretor sobre o editor, realmente gera uma tendência na maneira de redigir as notícias, tal como assinalam os estudos sobre o ‘controle social na sala de redação’” (DARNTON,1990, p.77).

Portanto, entendemos o jornal em conformidade com a linha de pensamento de Le Goff (2013), no texto *Documento Monumento*, a ideia de que o jornal é uma montagem, que contém uma intencionalidade por trás. Há todo um artil na hora da produção, ele é idealizado por produtores. Então, por detrás da confecção desse produto cultural existe uma intencionalidade e isso nos interessa. Eles (os jornais) não são imparciais por mais que o jornalista e seus professores façam um esforço neste sentido, sabemos que eles não são imparciais e muito menos ingênuos. Foi com estas noções que abordamos os jornais para fazermos reflexões sobre os conflitos diante da realidade de poder político durante a Primeira República.

Outra categoria de fontes utilizadas é formada pela literatura com a centralidade na chamada geração⁹ de 1930 que é considerada como intérprete da realidade social, política e cultural da realidade do recorte espaço temporal do Brasil que pretendemos investigar. A literatura se constituiu em uma das fontes privilegiadas da história “um romance, mesmo que

⁸ Ver também: LAPETHI UFRRJ- IM. *Aula 9 Os jornais como fontes históricas 09/12 Curso Teoria e Metodologia*. Youtube. 16 dez. 2021. 2 h 8 min 24 s. Disponível em:< <https://youtu.be/N-7J2C8uHUE>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

⁹ A chamada geração de 1930 é composta por literatos nordestinos que tratam em suas obras da realidade que pretendemos examinar. Dentre os seus principais representantes destacamos Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo.

radicalmente ficcional – e que não apresente quaisquer pretensões de constituir uma literatura realista –, fala da realidade de quem o construiu e de quem o vai ler” (BARROS,2019, p.98).

Cumprir notar que – ainda que todas as obras artísticas e literárias sempre tragam algo da sociedade que as viu florescer – nunca temos aqui meramente um reflexo ou uma relação linear e mecânica. A literatura também preenche lacunas. “Produzida pela sociedade, a Literatura ajuda a transformá-la. É preciso compreender o projeto de ação social que está por trás de uma obra literária, voluntária ou involuntariamente” (BARROS,2019, p.100).

Durante muito tempo os literatos foram importantes intérpretes do Brasil conforme as acepções de Nicolau Sevcenko, em a obra *A literatura como missão*, neste sentido citemos *Os Sertões* de Euclides da Cunha, um dos pontos de partida para estudar dois brasis que não se conheciam: o litoral e o sertão. A pesquisa desenvolvida em diálogo com a literatura pretende produzir uma escrita mais leve e fluída com contribuições advindas dos literatos, entretanto sem perder o rigor científico. Portanto, “ambos podem abordar exatamente a mesma questão, o distanciamento fica por conta dos procedimentos adotados” (LUCA,2020, p.84).

Posto isto, dizer que o pesquisador pretendeu manipular as ferramentas de que dispunha para atingir seus objetivos com uma abordagem adotada que remete ao conjunto de conceitos específicos do campo escolhido. Acontecimentos históricos podem ser encarados a partir de distintas perspectivas: política, social, econômica e cultural, não esquecendo os aspectos envoltos em permanente interação e que a reconstrução do passado comporta casualidades complexas. Não sendo possível a recuperação integral do passado, então, resta ao pesquisador fazer suas escolhas e recortes.

As fontes históricas estão situadas no âmbito da metodologia da História. O historiador labuta com sociedades que já desapareceram ou se transmutaram, ou ainda com processos que já se extinguiram ou fluíram por meio de transformações que terminam por atravessar os tempos até chegar ao presente produzindo novos efeitos, os modos de perceber essas sociedades ou apreender esses processos são a partir das “fontes históricas” – aqui entendidas como os diversos resíduos, vestígios, discursos e materiais de todos os tipos deixados pelos seres humanos historicamente situados no pretérito, chegaram ao tempo presente através de caminhos diversos.

A viagem metodológica do historiador ao passado é possível através das fontes históricas, que são “passados presentes”. Trabalhamos com os jornais e fontes literárias, em plena era da informática torna-se quase obrigatório o uso de fontes digitais contidas em sites ou vídeos na internet. É legítimo perguntar: onde estão as fontes que o historiador precisou para fazer sua pesquisa? No acervo de centros de documentação ou em plataformas digitais, e

disponíveis online, especialmente no site da Biblioteca Nacional, Fundação Getúlio Vargas e seu Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Joaquim Nabuco, em materiais digitais da Câmara dos Deputados, do Senado Federal e outros.

O conjunto de jornais que analisamos como fontes, encontram-se catalogados e são formados pelos seguintes: *A Noite* (1911-1964), *O Jornal do Brasil* (fundado em 1891, tendo interrompido o texto impresso em 2010), *Diário de Pernambuco* (1825-2021), *O Jornal* (1919-1974), *Jornal O Globo* (1925-2021), *Jornal A Tarde* (1912-1999 encontram-se digitalizadas), *Jornal A Manhã* (1925-1929), *Jornal do Recife* (1859- 1938), *A Gazeta* (1906-1979), *O Imparcial* - RJ (1920-1929), *Jornal O Ceará* (circulou em Fortaleza de 1925-1930), *Jornal O Pequeno* (1898-1955), *A Província* (1872-1933), *Diário de Notícias* (1875-1979), *A Gazeta de Notícias* (1875-1942). Dentre outros.

As fontes literárias compõem o repertório desta dissertação, no que concerne as temáticas relacionadas à história, o gênero de fronteiras entre as “fontes literárias” propriamente ditas e as “fontes realistas” é a dos romances históricos. As obras que foram sistematizadas e analisadas são *Os Sertões* de Euclides da Cunha, *Capitães de Areia* de Jorge Amado, *O quinze e Lampião* de Raquel de Queiroz, e *A Bagaceira* de autoria de José Américo de Almeida.

As fontes literárias prosseguem com Graciliano Ramos e as obras *Vidas Secas* e *Viventes de Alagoas*, os livros *Cangaceiros* e *O Moleque Ricardo* ambos de José Lins do Rêgo, *Literatura como missão* de Nicolau Sevcenko e *Grande Sertão: veredas* de Guimarães Rosa, *Morte e vida severina* de João Cabral de Melo Neto, dentre outros. Por vezes, utilizamos a gesta poética, também chamada de literatura de cordel, extraída da realidade que investigamos nos sertões do Nordeste do Brasil, que sempre traz algo da sociedade que viu florescer.

Diante do exposto, definimos os tipos de fontes textuais, que propomos utilizar na pesquisa, fazendo uma prévia taxonomia dos tipos de fontes históricas com relação à sua qualidade, natureza ou suporte, pois realçamos que também faremos o uso de fontes digitais, possibilitando a concretização dos objetivos propostos e a compreensão da complexidade, da realidade política e social que analisamos sobre o cangaço de Lampião, mediante a sociedade pastoril sertaneja, na década de 1920 e entrementes a Coluna Prestes.

Por fim, no âmbito metodológico perceberá o atento leitor que trabalhamos algumas imagens na dissertação, porém, sem intenção de utilizá-las como fontes, mas somente como ilustrações, por isso mesmo, a maioria delas se encontram nos anexos. Contudo, não consideramos as imagens inocentes, elas não são apenas ilustrações no sentido de dar um lustro, na verdade elas tem agência própria, elas são produto mas também produção, elas são efeito,

mas também causa, são reflexos e reflexividade¹⁰.

Esta pesquisa histórica, justifica-se pela relevância do tema, mesmo que provavelmente, gerações anteriores e contemporâneas de historiadores já tenham se debruçado sobre a questão que pela sua complexidade não se esgotou. Dedicamos a investigar fontes, personagens, circunstâncias, processos por terem sido pouco explorados e reinterpretá-los; analisar fontes “conhecidas” examinadas sobre outra perspectiva, unir fios, inserir o problema num contexto mais amplo, e ainda, reavaliar o peso das múltiplas causas envolvidas neste processo.

Ao investigar o cangaço de Lampião e fazer reflexões sobre suas relações de poder, territorializações e sua incorporação pelo governo federal para combater a Coluna Prestes, a complexidade dessa problemática gerava inquietações, incomodava este historiador ao mesmo tempo que o mobilizava a investigar e examinar essa realidade. Daí surgiu o primeiro investimento intelectual neste sentido que foi na oportunidade de construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na graduação em história.

A produção historiográfica e as fontes levam a pensar que a pesquisa aqui apresentada possui relevância em termos acadêmicos e sociais, pois particularizam nossas escolhas no inerente a abordagem, espacialidade, temporalidade e fontes. De modo que seja capaz de formar uma construção autoral com conteúdo original na medida que vislumbra contribuir, reforçar, relativizar ou negar interpretações vigentes, ou seja, que as escolhas na escrita do trabalho contribuam para o estado de saber científico da história.

Do ponto de vista social poderá a pesquisa dar importante contribuição sobre reflexões acerca da sociedade pastoril sertaneja, o homem pecuário e seu código de honra consuetudinário, uma moral formulada por Mello (2011). Ou ainda, um *ethos* imanente da sociedade nos sertões nordestinos, conforme as noções de Barros (2018), resultando em problematizações possíveis sobre a historicidade da política no Brasil em consonância com o pensamento político de Rémond(2003), pois as noções extraídas em Certeau(2017) nos faz pensar que os temas possuem certa demanda social, institucional ou são emergentes no momento.

Supomos que a relevância científica e social consiste também no frescor das novas abordagens que partem do nível regional para uma amplitude nacional, através da polifonia das fontes, extensivo ao olhar do sertanejo diante da experiência do cangaço nos sertões e extensivo aos tenentistas. Entendemos que estes enfoques são importantes para a instituição história como disciplina, uma vez que preenche lacunas de algo que poderia estar em silêncio, no

¹⁰ Academia Brasileira de Letras. Lilia Schwarcz Seminário Brasil, brasis: Imagens do Brasil. 58 min 21 s. Disponível em: <https://youtu.be/LB02bBzZYXE>. Acesso em: 23 out. 2021.

esquecimento ou interdito. Portanto, é preciso jogar luzes neste passado, mesmo sabendo que algo poderá ficar ofuscado ou na penumbra.



2. O CANGAÇO NOS SERTÕES

Cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões. O sertão está em toda parte [...] eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa (ROSA, 2019,p.13-18).

Nesta primeira parte da dissertação, pretendemos discutir o desenvolvimento do cangaço nos sertões. Trata-se, além disso de demonstrar como na historiografia atual tem feito reflexões sobre o cangaço e sertões que precisam ser trabalhados com interdisciplinaridade, no nosso caso mais proximamente das noções advindas da literatura, em conexão com problemas historiográficos construídos pelo analista e não como simples depósitos de informações, discorreremos sobre as modalidades de cangaço(s), destaque para o tipo específico praticado pelo cangaceiro Lampião.

Queremos mostrar neste capítulo, as territorializações do cangaço nas primeiras décadas do século XX que alcançaram o Estado do Piauí, para tanto, fizemos um breve recuo nas balizas espaçotemporais (1920-1928), mostraremos ainda as travessias do cangaceiro Sinhô Pereira, o dito “comandante” de Lampião pelo Piauí, este Estado foi usado pelo cangaço para homiziar ou fazer travessias de cangaceiros.

E ainda, compreender o mundo e a linguagem que dá forma e significado ao conteúdo do qual se aproxima o analista, pois, é tarefa do historiador que precisa olhar para a fonte histórica e enxergar o mundo ou processos que lhe deram origem. Depois poderemos passar as outras partes desta dissertação, um mergulho mais profundo nas ordens mais específicas de fontes históricas, com tudo o que elas implicam. Dito isto, passemos a primeira tarefa que é a de discutir o cangaço nos sertões. Lembrando que Lampião exerce uma força de “gravidade”.

2.1 O desenvolvimento do cangaço nos sertões

As incursões desta pesquisa ocorrem num vasto universo móvel e fluído chamado sertão, onde de acordo com as acepções de Guimarães Rosa, viver era negócio perigoso em meio a coronéis, jagunços, cangaceiros e intempéries de todas as ordens, “é onde o pensamento da gente se forma mais forte que o poder do lugar” (ROSA,2019, p.25). Este sertão, que a ele o literato dá caratér enigmático, ao dizer:“Sendo isto. Ao dôido doideiras digo [...] vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só

umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas” (ROSA, 2019, p. 77-78).

Desde os derradeiros anos do século XVII e ao longo de todo o século XVIII, a expansão colonizadora empurrou o homem para além das léguas agricultáveis do massapê, projetando-o no universo do sertão e “fez surgir um novo tipo de cultura, cujos traços mais salientes podem ser resumidos na predominância do individual sobre o coletivo - no plano do trabalho - e nos sentimentos de independência, autonomia, livre-arbítrio e improvisação” (MELLO, 2011, p.42).

A pecuária nascente como sistema de produção sugere um certo nomadismo explicável pela procura de pastos nas regiões semiáridas. Talvez por isso, verifiquemos a ausência de empreendimentos de porte, formou uma economia especial, em que praticava a agricultura de subsistência e a pecuária estimuladas pelos períodos de chuva, que geravam o parco patrimônio do sertanejo.

As raízes embrionárias do cangaço, como movimento de insurgência nômade, remonta aos primórdios da colonização litorânea brasileira, que já verificava bando de salteadores. Mas, à medida em que o litoral organizava sua vida social e o ordenamento jurídico, estes grupos de malfeitores deslocaram-se para a hinterlândia¹¹, com a denominação de cangaço, “este fenômeno de origem litorânea que é, sem que dispusesse, nesses primórdios junto ao mar, do nome por que ficaria conhecido e que só viria a receber no sertão, quando para ali vai sendo enxotado pelo sucesso da colonização na faixa verde” (MELLO, 2015, p.44).

Nos sertões, a sociedade pastoril desenvolveu uma rica cultura e a retenção de classicismo vocabular “tantas vezes confundido por estudiosos apressados com o que seriam um falar errado, quando na verdade se está diante do ‘português do século XVI’ do falar clássico de Camões e Gil Vicente” (MELLO, 2011, p.46). Há registros em plena década de 1920 de uma avó ralhando com o neto glutão e diz: esse menino quando começa a comer não tem mais *parança*¹².

Neste mesmo período intrigava os observadores atentos, o emprego de expressões populares de origem náutica como *desmastreado*¹³. Também essas expressões no sertão estavam presentes no falar do cangaceiro que usavam o verbo *navegar* com o sentido de errar,

¹¹ Ver detalhes em: Historiador desenvolve trabalhos sobre Lampião e o cangaço. Disponível em: <<https://www.meionorte.com/noticias/historiador-desenvolve-trabalho-sobre-lampiao-e-o-cangaco-350620>>. Acesso em 17 jul. 2021.

¹² Numa breve consulta à um bom dicionário identificará que *parança* é o ato de parar. Ver detalhes em: DICIO. Parança. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/paranca/>>. Acesso em: 09 fev. 2022.

¹³ Que se conseguiu desmastrear; cujos mastros foram retirados. Desprovido de mastros: navio desmastreado. No sertão usado no sentido de desorientado, desnorteado ou desequilibrado. Ver detalhes em: DICIO. Desmatreado. Disponível: <<https://www.dicio.com.br/desmastreado/>>. Acesso em: 09 fev. 2022.

ou seja, de empreender longa caminhada sem destino certo, lhe mereceria a atenção. Eram respingos dos primórdios da colonização que um dia resolveu penetrar no sertão adentro.

Conforme verificado, o sertão guardava parte dos vocábulos dos primeiros marujos, que ainda sujos de sal, resolveram internar-se no sertão. As músicas de Luiz Gonzaga, um dos intérpretes dos sertões, por vezes utilizou-se de algumas dessas palavras. Por isso, a música deste artista traz experiências de um povo e de um tempo, “o Nordeste nasce onde se encontram poder e linguagem [...] o geográfico, o linguístico e o histórico se encontram” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.33).

De acordo com o historiador alemão Reinhart Koselleck, “os acontecimentos históricos não são possíveis sem atos de linguagem, e as experiências que adquirimos a partir deles não podem ser transmitidas sem uma linguagem”. Em consonância com este autor, lembremos, “Que se considerem fatores linguísticos ou extralinguísticos é decisivo para a forma de reproduzir a história passada. Já por causa dessa escolha prévia, nenhum relato de coisas passadas pode incluir tudo o que então existiu ou ocorreu”(KOSELLECK, 2012, p. 266).

O sertanejo, com a atividade pastoril possuíam escassos lucros com a economia, mas o homem da indústria pecuária tinha alguns prejuízos gerados por alguns tipos de animais bravios de maior porte, “à frente o mais indesejável deles, pela tendência de oposição natural à expansão pecuária, que é o felino. ‘A onça faz dura guerra a todos os gados do sertão’” (MELLO, 2011, p.49). Ressalta-se ainda que além das intempéries naturais, haviam outros fatores:

A necessidade da convivência por longo tempo com clima traiçoeiro – próprio das guerrilhas indígenas e das agressões de animais bravios, para não falarmos dos *facinorosos* que pululam nos documentos antigos – fez do sertanejo homem naturalmente desconfiado, revelando-se nesta sua atitude permanente toda a insegurança da vida que levava, exposta às emboscadas, às escaramuças de surpresa, aos temidos ‘tiros de pé-de-pau’, às agressões de curva de caminho, de escuridão de noite silenciosa, e a tudo mais que lhe poderia reservar a ousadia de um viver temerário, em terra natural e socialmente inóspita (MELLO, 2011, p. 49-50).

O sertão era uma nebulosa, berçário da cultura sertaneja, sendo “o cangaço [...] um fenômeno próprio da zona de indústria pastoril, no Nordeste” (RAMOS, 2007, p. 135). Entretranto, demonstraremos no decorrer desta secção que o cangaço não se limitou rigorosamente ao chamado semiárido nordestino, mas teve outras territorializações. Talvez, mais certo esteja o autor Gustavo Barroso, que afirmou “não somente nessas zonas sertanejas existem cangaceiros”. Este autor defende ainda que, “os bandidos não são produtos exclusivos das terras brasileiras do Nordeste” (BARROSO, 1917, p. 14-17), pois existem em outros povos e regiões, porém com denominações diferentes.

Ramos (2007) faz inerência a ocorrência do fenômeno cangaço no sertão nordestino, ocupado pelo homem pecuário, neste sentido há similitude com outro autor, “o Nordeste aqui considerado é o que se estende do Piauí à Bahia, [...] um miolo geográfico de terras quentes e secas, onde predominam, no plano climático, o chamado semiárido quente” (MELLO, 2011, p. 51). Convém lembrarmos que a área delimitada não é homogênea do ponto de vista climático, no que diz respeito a temperatura e pluviosidade, há sensíveis alterações em função do relevo ocasionando temperaturas mais amenas ou de uma melhor oferta de água, é o caso de ilhas de fertilidade encontradas em Baturité, Ibiapaba, Garanhuns, Triunfo, Cariri cearense e outros.

O sertão representa uma realidade complexa, até mesmo para pesquisadores experientes, “Em estudo sobre a seca de 1951 no Ceará, o geógrafo Hilgard O’Reilly Sternberg estranharia as deferências de agricultor humilde da serra do Pereiro para com os blocos de pedra que lhe juncavam o milharal de encosta” (MELLO, 2011, p.54). Era uma constatação de que pelo conhecimento sertanejo das condições naturais de sua região, plantar milho onde havia pedras era melhor, pois elas conservavam a umidade e a terra era mais fresca e fértil.

Nos sertões do Nordeste, o cangaceirismo eclodia com maior intensidade em períodos de intempéries naturais, a seca de 1877-79, talvez, tenha sido um dos maiores momentos de quebra da ordem pública estabelecida, conforme reconhecida pelo próprio imperador do Brasil, Dom Pedro II, na forma que segue:

Na fala com que encerrou a 1ª sessão e abriu a 2ª, da legislatura da Assembleia Geral do Brasil do ano de 1879, lamentava o Imperador a quebra em ‘alguns lugares’ da ‘segurança individual e da propriedade’. ‘Às causas notórias – dizia ele aos parlamentares - por mais de uma vez trazidas ao vosso conhecimento, acresceram outras provenientes da calamidade da seca e conseqüente mudança da condição e hábitos da população. O governo empenha-se em combater essas causas e acredita que cessando os efeitos daquele flagelo e mediante a enérgica repressão ao crime, seja mantida a segurança individual e respeitada a propriedade (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 5 maio 1879).

Entrementes, em que pese a existência do cabra, capanga, jagunço, valentão e o pistoleiro, todos com tipificações diferentes. Mas, é figura do cangaceiro que propomos fazer uma análise mais detida. Para José Américo de Almeida, “o cangaceiro originou-se da instituição do guarda-costa, como uma necessidade de defesa das fazendas ameaçadas pelo gentio” (ALMEIDA, 1980, p.556). Entretanto, os grupos de cangaço tornaram-se autônomos, sob o comando de um chefe, que fazia tratativas *vis à vis* com coronéis, mas sem comprometer a sua liberdade e independência. Dessas relações, temos em Lampião um dos melhores exemplos.

As condições político-jurídicas da Primeira República favoreceram a propagação do

cangaço, aproveitando-se da maior autonomia entre os estados, sua atuação se deu preferencialmente num traçado em cima das fronteiras estaduais, a chamada “geografia do cangaço” (MELLO, 2011, p.201-209). Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, não foi o primeiro, nem o último cangaceiro, mas o considerado maior de todos. Construiu suas territorializações numa composição com poderosos coronéis, montando uma “máquina de guerra” nômade que durou 20 anos.

Estudamos os conflitos do cangaço nos sertões do Nordeste do Brasil sem, porém, possuir o espírito demolidor que verificamos a seguir: “Não quer este livro defender o Nordeste, mas atacá-lo; ele não quer sua salvação, mas sua dissolução” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 352). Contudo, seguimos este autor nas brechas, juntando os vários fragmentos, conectando as várias pontas “o historiador, assim como as rendeiras, deve saber conectar os fios, amarrar os nós, respeitando os vazios e silêncios que também constituem o desenho do passado, o entramado dos tempos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 33).

A pesquisa aqui construída, é tributária da literatura por considerá-la uma das mais fascinantes formas de compreender a realidade da experiência nos sertões. É através dos literatos, em especial os da chamada geração de 1930, àqueles considerados intérpretes do Nordeste do Brasil. Dentre eles, o autor de *Vidas Secas* se destaca pela capacidade de denúncia social da opressão do sertanejo, como na passagem da prisão arbitrária do vaqueiro Fabiano que é agredido por um soldado que dizia ser representante da ordem estatal, “isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente” (RAMOS, 2018, p.65).

De acordo com as maneiras de Guimarães Rosa ver e conceber o sertão, trata-se de um espaço múltiplo, complexo, sinuoso e conflitivo, talvez por isso tenha afirmado, “no centro do sertão, o que é doideira as vezes pode ser a razão mais certa e de mais juízo!” (ROSA, 2019, p.207). Sertão e cangaço chamou a atenção de José Lins do Rêgo, em 1953, lançou o livro com o título de *Cangaceiros*, numa abordagem da realidade nordestina, fortemente marcada pela seca e pelo movimento do cangaço, com seu estilo crítico e observador das desigualdades sociais.

No sertão, palco de coronéis e cangaceiros, uns morrem, outros perguntam quem matau ? como viver ali é negócio perigoso, para Neto(2007) é melhor dizer que foi uma ave-bala, mas o senhor sabe: “sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!” (ROSA, 2019, p.21). Foi neste cenário que ocorreram as travessias da Coluna Prestes, “os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás, reclamavam posse de todos animais de sela. Sei que deram fogo, na barra de Urucúia, em São

Romão, aonde aportou um vapor do Governo, cheio de tropas da Bahia” (ROSA, 2019, p. 76).

2.2 Modalidades de cangaço(s)

A narrativa predominante era de que o cangaceirismo seria um instrumento de vingança, que agiria como causa e ao mesmo tempo fim para quem passasse a integrar grupo já existente ou, em esforço de aglutinação, viesse a criar bando próprio. Sendo o cangaço uma missão de vingança, que a sociedade pastoril, muitas vezes abonava os ditos crimes de honra, conforme observação de Gustavo Barroso, “no sertão, quem se não vinga está moralmente morto” (BARROSO, 1917, p.59). Dentro desse quadro todo próprio, a vingança tendia a ser revestida na forma de um legítimo direito do ofendido.

Para Graciliano Ramos o maior crime que poderia existir no sertão era o roubo de gado *cavalar*, que constituía na principal riqueza do sertanejo. “O ladrão de cavalos é que não acha perdão. Em regra, não o submetem a julgamento: matam-no” (RAMOS, 2007, p. 137). Este autor ainda acrescenta, “esse rigor explica-se numa terra de vaqueiros, onde o cavalo é o único meio de transporte, absolutamente indispensável nas retiradas” (RAMOS, 2007, p. 137). Essas reflexões serão retomadas no capítulo que trata das relações dos sertanejos com a Coluna Prestes, numa experiência apreendida naquela temporalidade.

Sabendo disso, Lampião conduzia seu cangaço profissional, marcado por forte rapina, sequestros e extorções, um domínio pelo terror. Entretanto, jamais admitia roubar, dizia ele que fazia solicitações amigavelmente, uma vez não atendido, “tomava pelas armas”, que muitas vezes significava jorrar muito sangue. Pois, sabia que se naquela sociedade, de acordo com seu código de honra, era abonado alguns crimes de sangue, concernentes a missões de vingança, não acontecia o mesmo com o ladrão. Muito pelo contrário, para este não havia tolerância, em consonância com o *ethos* daquela sociedade pastoril.

Talvez, quem melhor formulou as modalidades de cangaço tenha sido Mello (2011) com a sua teoria do escudo ético, que identificou três tipos básicos de cangaço, sendo que “o cangaceiro alardeava a condição de vingador e pouco ou nada fazia para concretizar sua vingança. No princípio, alguns tiroteios, cercos, emboscadas; em etapa seguinte, a acomodação chegava a ser completa” (MELLO, 2011, p. 126). Diz ainda o autor, que a figura do cangaceiro, homem sem patrão, vivendo das armas, infenso a curvaturas era razoavelmente aceito na sociedade sertaneja.

Então, para a maioria dos chefes de grupos de cangaço, a vingança era o pretexto para manter-se na vida em armas, ou seja, era o escudo ético. Poucos eram os cangaceiros

verdadeiramente vingadores, neste caso completada a missão de vingança abandonavam o cangaço e por vezes mudavam de região ou estado como aconteceu com Sinhô Pereira e Luiz Padre. Sobre os estudos concernentes a chamada teoria do escudo ético, assim escreveu Ariano Suassuna:

Com a franqueza e a ausência de inveja com que procuro me pautar, digo que, sem sombra de dúvida, a teoria do escudo ético, de Frederico Pernambucano, foi a única que, até o dia de hoje, me pareceu convincente: foi a única que explicou a mim próprio os sentimentos contraditório de admiração e repulsa que sinto diante dos cangaceiros (JORNAL DA SEMANA, 30 jun. 1973).

O cangaço meio de vida ou profissional, constitui uma das modalidades de cangaceirismo, “tipo de maior frequência e expressão como modalidade criminal dentro do quadro geral do cangaço nordestino. É o banditismo de profissão, que tem como principais representantes Lampião¹⁴ e Antônio Silvino¹⁵” (MELLO, 2011, p. 140). Dentre os múltiplos casos em que suas características são verificáveis, podemos citar a despedida do Lampião “legalista”¹⁶, que empreendeu uma voraz rapina e assassinatos em diversos municípios de Alagoas, “ as horríveis e desumanas façanhas do bandido – roubos, arrombamentos e defloramentos” (JORNAL DO RECIFE, 22 jun. 1926).

Ao formular a teoria do escudo ético, Mello(2011) identificou a modalidade do cangaço de vingança, como sendo a mais propagada, porém na realidade era um “ tipo de ocorrência relativamente menos frequente, embora as suas características de banditismo sertanejamente ético tenham emprestado à imagem genérica do cangaço [...] especialmente literário. Seus principais representantes são Jesuíno Brilhante ¹⁷e Sinhô Pereira” (MELLO, 2011, p. 140).

Cumprir notar, o oposto da opulência dos bandoleiros profissionais, os cangaceiros

¹⁴ VIRGULINO FERREIRA DA SILVA (1898-1938), natural de Vila Bela, atual Serra Talhada, Pernambuco, foi o mais longo, poderoso e bem sucedido dos cangaceiros do Nordeste. No ínterim de duas décadas correspondente ao seu período de correrias, chegou a exercer domínio concreto sobre áreas dos sertões de sete estados do Nordeste tendo seu grupo no auge de seu maior sucesso possuído mais de uma centena de componentes, homens em armas com destaque para seus irmãos Antônio Ferreira da Silva, o Esperança; Livino Ferreira da Silva, o Vassoura e Ezequiel Profeta dos Santos, o Ponto Fino. O seu cunhado Virgínio, o Moderno; E o seu diletíssimo amigo Luís Pedro, todos mortos na atividade de profissão, o cangaço.

¹⁵ MANUEL BATISTA DE MORAIS (1875-1944), chamado de Antônio Silvino, natural de Afogados de Ingazeira, Pernambuco, teve sua atuação de banditismo em quatro estados do Nordeste, em quase duas décadas seu período de cangaceirismo vai de 1895 a 1914, quando foi preso, julgado em Olinda e condenado a prisão na Casa de Detenção em Recife, onde permaneceu preso até 1937, ano que recebeu o indulto concedido pelo Presidente da República Getúlio Vargas, em vista do bom comportamento que apresentava no Presídio.

¹⁶ Inerência a incorporação do cangaceiro Lampião aos batalhões patrióticos, a serviço da República, no Governo do presidente Artur Bernardes, para combater a Coluna Prestes, quando de suas travessias pelos sertões do Nordeste do Brasil.

¹⁷ JESUÍNO ALVES DE MELO CALADO (1844-1879), natural da zona do Patu, Rio Grande do Norte, toda a sua vida no cangaço foi marcada por missões de vingança contra inimigos poderosos, e politicamente protegidos. Disso resulta que seus biógrafos na quase unanimidade reconhecer o seu caráter reto e justiceiro. Seus admiradores lembram sempre das célebres recomendações que fazia aos integrantes que se alistavam no seu bando: “quem entra para este grupo não toca no alheio e aprende a respeitar a casa das famílias honestas”.

considerados vingadores, como o caso de Luís Padre e Sinhô Pereira, tinham o pudor de sequer deixar-se fotografar com armas, a guerra privada entre famílias, com frequência, as levava a bancarrota, é o exemplo do cangaceiro Sinhô Pereira que afirmou, “Tinha terra e gado. Vendi tudo barato para cuidar da vingança” (MELLO, 2011, p. 144). O caso dos cangaceiros acima citados não eram frequentes, “Sebastião Pereira e Luiz Padre provaram, com seus atos, que eram casos excepcionais no cangaço nordestino” (JORNAL DA SEMANA, 24 jun. 1973).



Figura 1. Sinhô Pereira (sentado) e Luiz Padre, chefes cangaceiros do período de 1916-1922, em foto de Delmiro Gouveia. Do primeiro ano de lutas, apanhada na Vila da Pedra, Alagoas (MELLO, 2011, p.400).

Inerente a um dos mais celebrados vingadores, José Américo de Almeida, assim escreveu: “É o destino de Jesuíno Brilhante, assassino por vingança, distribuindo os víveres dos comboios que atacava pelos famintos da seca de 1877 e matando um de seus mais valentes sequazes, o escravo José, porque tentara violentar uma mulher” (ALMEIDA, 1980, p. 558).

Concernente aos tipos de cangaços, Luís da Câmara Cascudo, em *Viajando o sertão*, observou que a partir de Lampião desaparecia o cangaceiro *gentleman* e surgia o bandoleiro profissional que estabelecia seu domínio através do terror e da rapina que praticava, “Lampião reina incontestavelmente na imaginação sertaneja. Devemos um grande bem ao hediondo bandido. Desmoralizou o tipo romântico do cangaceiro” (CASCUDO, 1975, p.40). Esse tipo também era chamado de “cangaceiro manso”, razoavelmente aceito pelos conjuntos de valores daquela sociedade.

Após observar as táticas de guerra da Coluna Prestes, Lampião passou a formar destacamentos, os chamados subgrupos, cada um com seus respectivos chefes, um deles, o cangaceiro José Baiano, tido como perverso, avaro, bom financista, era considerado um dos maiores agiotas do Estado de Sergipe, conforme publicado pelo Jornal *O Correio de Aracaju*, edição de 28 de novembro de 1934, noticiou que este bandoleiro profissional, em dia de boa caça, atacando meia dúzia de fazendas no município de Frei Paulo, Sergipe, arrecadou o valor correspondente a de um automóvel novo.

De acordo com Mello(2011), haveria um terceiro tipo, o chamado cangaço de refúgio, que consistia no ingresso de sujeitos à margem da lei, por haver praticado crime(s), daí ser procurado pela polícia ou está sendo perseguido por um grupo, e até mesmo família rival. Um dos exemplos dessa modalidade de cangaço é verificado no caso do cangaceiro Ângelo Roque¹⁸, ele mesmo, em linguagem própria diz, “ Eu me vendo desapracatado, sem sussêgo, sem famia, percurei Lampião, Virgulino Ferreira da Silva, in 1928. Pru bem, sempre foi fáci si achá u Capitão” (LIMA, 1965, p. 180), desta maneira fazia do cangaço um asilo nômade.

2.3 As territorializações do cangaço nas primeiras décadas do século XX

Trata-se de fenômeno pretérito à Primeira República, mas é nela que o cangaço se propagou de forma epidêmica nos sertões nordestinos, pelas razões aqui já apontadas, quais sejam, pelas condições políticos-jurídicas. O cangaceiro Lampião na sua longa vida bandoleira tirou o máximo de proveito destas condições “favoráveis”, de maior autonomia entre os estados. Por isso mesmo, a chamada “geografia do cangaço,” priorizava um traçado em cima das fronteiras estaduais.

O Pajeú pernambucano era considerado o epicentro do cangaceirismo expandido inicialmente para a Paraíba e o Ceará, por vezes estendido a outros estados, esse era o roteiro das territorializações do chamado primeiro tempo de Lampião (1918-1928). Entrementes, a presente pesquisa através de um conjunto de fontes, coloca o Piauí como palco das ocorrências do cangaço, catalogados e sistematizados, os casos principais no cenário piauiense, como veremos a diante.

No momento em que houve mudanças na forma de combate ao banditismo tornando-os

¹⁸ ÂNGELO ROQUE DA COSTA, nascido em 1899, no município de Tacaratu, Pernambuco, ingressou no cangaço no ano de 1926, para livrar-se de vingança de inimigos em virtude de ter assassinado um soldado de vulgo Couro Seco que havia desvirginado uma irmã. Tornou-se cabra marcado para morrer pela família do falecido, daí ingressou no grupo de Lampião, segundo ele para se proteger.

mais eficazes e a realização de acordos interestaduais, forçaram Lampião a fazer novas construções de espaços, desta vez na Bahia, Alagoas e Sergipe (1928-1938), era uma sobrevida que duraria mais dez anos. Lembremos, porém, que existiram outros grupos de bandoleiros, antes, durante e até mesmo após a morte de Lampião.

As travessias promovidas pelos sertões dentre seus objetivos, tem o esforço de jogar luzes nas veredas em busca de indícios capazes de elucidar o elo entre Piauí e cangaço, pois “quando o historiador mergulha no passado, ultrapassando suas próprias vivências e recordações, conduzido por perguntas, mas também por desejos, esperanças e inquietudes, ele se confronta primeiramente com vestígios” (KOSELLECK,2012, p.305).

Já se questionou os motivos pelos quais o Estado do Piauí foi considerado fora da região de atuação do cangaço, segundo Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, isso se deu por razões até hoje não discutidas pelos autores. “Lampião e seus lugares tenentes não atacaram o Piauí nem o Maranhão [...]embora o Piauí possua todas as tradições históricas de povoamento, zona sertaneja de seca como os outros estados da região” (BARROS, 2018, p.45). A autora nota que no geral, o Piauí é escamoteado nos estudos sobre o fenômeno cangaço.

Mas, houve quem formulasse a chamada geografia do cangaço e nela incluiu o Piauí, mesmo que não tenha desenvolvido uma análise a esse respeito, disse genericamente, “sobre a área que mais de perto nos interessa caracterizar aqui, avançamos com alguma arbitrariedade e muitas generalizações que se estende do sudoeste do Piauí ao norte da Bahia” (MELLO,2011, p.51). Se Ramos (2007), afirmou ser o cangaço imanente da sociedade pastoril sertaneja, então, seria um fenômeno verificável também no Piauí?

De acordo com esse entendimento, sim. Visto que o Piauí, está ligado a pecuária e até mesmo inseparável dela nas suas origens. Para Carvalho(2019), há uma figura de origem judaica bastante influente na infância da música popular brasileira trata-se de Fred Figner, que migrou da Boêmia, sua Casa Edison, no Rio de Janeiro, comercializaria milhares de canções, dentre elas, uma música singular que falava das relações entre Piauí e pecuária, lançada em 1916, conforme verificada no trecho a seguir:

O meu boi morreu
Que será de mim
Manda buscá outro
Ó maninha
Lá no Piauí¹⁹

Existia uma constelação de fatores capazes de empurrar os temperamentos jovens e mais

¹⁹ Repertório da atriz Abgail Maia, gravada por Eduardo e Bahiano e o corpo de coros da Casa Edison, RJ (1916).

vibrantes na direção do cangaço, disso parece não haver dúvida. Mas havia sempre outras possibilidades que a própria realidade acabava criando de não cair nesta modalidade criminal, “Porque havia sempre os recursos heroicos da resignação e da fuga, em que a Maniçoba do Piauí, a seringueira do Amazonas e o industrialismo de São Paulo, ao menos no período que corresponde aos dois surtos epidêmicos de cangaço” (MELLO,2011, p.101). Neste caso, o autor aponta o extrativismo da borracha de Maniçoba do Piauí como sendo capaz de criar uma linha de fuga, um caminho de minhoca pelo qual jovens sertanejos tinham a alternativa de não ingressar no cangaço.

Estes fluxos migratórios de outras regiões do ser(tão) nordestino, de fato, se deslocaram para os maniçobais do Piauí, que se constituíam numa multiplicidade etária de homens, mas com predominância de adolescentes, “Esses grupos de extratores, em função de sua origem eram tratados como maniçobeiros pernambucanos, cearenses, baianos e adjetivados como turbulentos e malfeitores” (QUEIROZ,2015, p.108).

Sobre a presença de conflitos que envolviam maniçobeiros oriundos de outros estados nas áreas de extração e coleta do látex de maniçoba no Piauí, diz a autora: “À sua afluência era atribuída a situação de desordem e insegurança reinantes nas áreas produtoras” (QUEIROZ,2015, p.108).

Alguns dos pernambucanos que vieram para o Piauí na condição de maniçobeiros eram oriundos das ribeiras do Riacho do Navio, Pajeú e Moxotó, para muitos essas regiões se constituíam numa “ceva de bandidos”, um antro dos maiores celerados e facínoras do cangaço. Muito se disse que o Piauí está vinculado a “pata do gado,” é o “berçário” da cultura pastoril sertaneja, uma imanência, própria dele mesmo, o Piauí estaria para o gado, assim como o Pajeú, região de Pernambuco, estaria para o banditismo. Por outro lado, muito se afirma ser o cangaço fruto dessa cultura pastoril dos sertões.

Neste mundo de meu deus
Tudo tem repartição:
Piauí pra criar gado,
Ceará, pra algodão;
Cariri, pra rapadura,
Pajeú pra valentão.

(Sextilha folclórica publicada por Ulysses Lins de Albuquerque – Três Ribeiras, p.51)

Inerente aos pernambucanos, mesmo que pese a constatação de facínoras no Pajeú, tratava-se evidentemente de estereótipos, mas assim eram vistos fora de seu estado naquele

tempo. É bem verdade que esses fluxos de maniçobeiros para o ser(tão) piauiense trouxeram desordem e conflitos, mas, não existia uma homogeneidade, eram sujeitos singulares, dentro de uma multiplicidade.

Essas abordagens referem-se a um sertão que não possui só exclusivismos, quais sejam, cangaço, viola e violência. Também, não é necessariamente retrógado, arcaico e arcaizante, da seca, dos presságios do canto da Acauã, dos retirantes, dos carrascais, favela e cascavel. É sobretudo, mono e múltiplo, singular e plural. O sertão é o nosso palco, onde os atores delimitados pelo tema entram em cena.

Por vezes, o artista Luiz Gonzaga transformava o sertão violento num lugar de pureza bucólica “do verdadeiramente brasileiro, onde os meninos ainda brincam de roda, os homens soltam balões, onde ainda existem as festas tradicionais de São João. O lugar onde reina a sanfona” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 183). O sertão de Gonzaga como um espaço que foge da civilização do litoral, uma espécie de “*fugere urbem*” e nostalgia, mesmo em meio a coronéis, jagunços e cangaceiros.

Ah! Se eu fosse um peixe/ Ao contrário do rio
Nadava contra a água/ E nesse desafio
Saia lá do mar pô Riacho do Navio
Eu vinha direitinho pô Riacho do Navio²⁰.

Dentre os fluxos de imigrantes que foram atraídos pela força de gravidade da extração de borracha nos maniçobais do Piauí, talvez, o patrocinado pelo pernambucano Ângelo Gomes de Lima, o Anjo da Jia, seja o mais turbulento e com maior riqueza em significados. Este chegou em Caracol(PI), “com avantajado número de cangaceiros, disfarçados em maniçobeiros comboiados de Pernambuco”(DIAS,2000,p.29).

Trazia consigo a titularidade de coronel da Guarda Nacional, diante das tensões que surgiam, assim se pronunciou o governo do Piauí, “Entretanto o banditismo nos flagela[...] são elementos deletérios que nos buscam, perseguidos pela justiça de estados limítrofes, ou atraídos pelos lucros certos da maniçoba nativa em terras devolutas, elementos que se referem perigosamente na vida interna do Piauí²¹”.

O drama causado pela seca histórica de 1915, demonstrado em romance de Raquel de Queiroz, assolou o Nordeste brasileiro, no Piauí a crise social gerada pela seca agravou-se com as complicações políticas advindas da sucessão do Governador Miguel Rosa, que não elegeu seu sucessor, valeu-se do coronel Aureliano Dias, que arregimentou cerca de duzentos

²⁰ *Riacho do Navio* (Zé Dantas e Luiz Gonzaga), RCA, 1955.

²¹ PIAUÍ. Governo. 1912-1916(Rosa). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Miguel de Paiva Rosa em 1 de junho de 1915*. Teresina: Typographya Paz, 1915. p.14.

jagunços, de Caracol partiram para Teresina, contudo, “ao chegar a Oeiras o comando recebeu a ordem para interromper a viagem” (DIAS,2000, p.33).

O governador eleito, Eurípedes de Aguiar já havia tomado posse. Em função disso, ocorreu um rearranjo político em Caracol com a destituição do potentado da família Dias do comando político, ascendeu ao poder local, “o chefe de cangaceiros, Ângelo Gomes ao ser nomeado intendente ‘com poderes inclusive no comando político’” (DIAS,2000, p.36). Era o início de uma contenda armada no sudoeste de Piauí.

Este coronel possuía projeções políticas além de Caracol “a influência política de Anjo da Jia não se restringia aos políticos de São Raimundo Nonato, foi muito além, chegou até Floriano” (DIAS,2000, p.54). É neste contexto, que este município presenciou “desfile em lúgubre cortejo, salteadores, cangaceiros, facínoras e ladrões, a vilipendiarem seus habitantes, a saquearem seus bens e a depredarem suas propriedades” (GASTÃO,2015, p.56). Os conflitos políticos evoluíram para uma luta armada do potentado dos Dias com Anjo da Jia, numa peleja típica do cangaço, tão ao gosto da gesta poética nos sertões.

Ao se desterritorializar do Piauí na década de 1920 e reterritorializar em Pernambuco, o coronel Anjo da Jia, continuou mergulhado no mundo do cangaço, agora na condição, da lucrativa atividade, de coiteiro do cangaceiro Lampião, entretanto, numa ação de repressão ao banditismo patrocinada pelo governo de Estácio Coimbra, resultou na prisão de vários desses homens, que representavam milhares de votos, dentre eles, “finalmente é preso o coronel Ângelo Lima, conhecido como o Ângelo da Jia, à época o maior deles”(MELLO,2011,p.199). Lampião perdia um couro “inviolável”.

2.4 As travessias de Sinhô Pereira, o dito “comandante” de Lampião pelo Piauí

Perguntado sobre o cangaceiro mais valente do Nordeste, Lampião respondeu: “a meu ver o cangaceiro mais valente do Nordeste foi Sinhô Pereira”(JORNAL O CEARÁ, 17 mar.1926). Considerado típico cangaceiro de vingança, foi inegável sua coragem, junto com seu primo Luiz Padre, ambos netos do Barão do Pajeú.²² Mas, cumprida a missão a que se destinaram, resolveram abandonar a luta, decisão que transforma o Piauí em travessia e mais uma vez, palco do cangaço.

Entrou para o cangaço devido a guerra travada pelas famílias Pereira e Carvalho, numa disputa pelo domínio político de Vila Bela, atual Serra Talhada, Pernambuco, os primeiros eram

²² Andreilino Pereira da Silva, o barão de Pajeú, (c. 1830 — 30 de dezembro de 1901) foi um proprietário rural e político brasileiro, primeiro prefeito do atual município de Serra Talhada, Pernambuco, entre 1892 e 1895.

grandes proprietários de terras e dominaram a política do município durante meio século. Entretanto, no início do século XX, os Carvalhos ascenderam economicamente e tomaram o poder político local à bala, sendo acusados de assassinatos.

A família Pereira reuniu-se e escolheu um de seus membros para liderar uma vindita²³, o escolhido foi Sinhô Pereira, acompanhado de Luiz Padre que formaram um grupo de cangaço. Pereiras e Carvalhos promoveram cenas de violência e banditismo no sertão. De forma que no ano de 1918, Sinhô Pereira considera a vingança cumprida. Era hora de pensar, repensar, e ser aconselhado. Viver em paz nos sertões nordestinos seria algo impossível, por tudo que havia ocorrido.

Resolveu se deslocar rumo a Juazeiro do Norte, Ceará, considerada a “Meca” do Nordeste, onde tomou plano com Padre Cícero. O clérigo o sugeriu que se mudasse para uma região e praticasse agricultura. As providências seriam as seguintes: Sinhô Pereira e Luiz Padre viajariam até Pedro II, Piauí, sob os cuidados do páraço local, chamado Padre Castro, amigo de Padre Cícero desde os tempos do Seminário da Prainha, Fortaleza. Em seguida, os dois atravessariam o Piauí e alcançariam o Maranhão onde ficariam homiziados.

Eles escolheram viajar pelo Piauí, mas não seguiram para o Maranhão como sugerido pelo clérigo, mas para São José do Duro, Goiás, hoje Dianópolis, Tocantins, lá ficariam nas fazendas do coronel Abílio Wolney. Diante da decisão tomada caberia agora montar o plano de fuga, sempre atento as condições políticas da Primeira República, Sinhô Pereira e Luiz Padre fizeram um traçado pelas fronteiras chegando em Jaicós, Piauí, de acordo com Macedo(1980), seria uma poderosa “máquina de guerra” nômade do cangaço se deslocando para o Piauí?

Em Simões, Piauí, foi traçado o percurso a ser feito em solo piauiense, resolveram se separar, numa tentativa de despistar possíveis perseguidores, “Luís Padre seguiu na direção de Uruçuí. Enquanto Sinhô seguia para Correntes, pelo caminho de São Raimundo Nonato. Em Correntes, perto de Santa Rita do Preto, ainda Piauí, quase Bahia, os dois primos se reuniram outra vez” (MACEDO,1980, p.50).

Assim foi feito, mas uma incursão deste tipo requer maiores cuidados, ambos traziam consigo uma “carta de recomendação para famílias importantes do Piauí, dada por Felipe Alves de Carvalho, um amigo-a família do Marquês de Parnaguá, do Marquês do Paraíso e do Barão de Santa Filomena, nobres e potentados da fronteira com o Maranhão” (MACEDO,1980, p.52).

²³ Ação de se vingar; vingança, represália, retaliação. Ação de reparar uma ofensa sendo que o ofendido age de forma igual à pessoa que o ofendeu. Ver detalhes: DICIO. *Vindita*. Disponível em:< <https://www.dicio.com.br/vindita/>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

Quando a travessia estava na altura de Gilbués (PI), Luiz Padre, que seguia razoavelmente sua travessia, soube que Sinhô havia sido atacado, a justiça pernambucana exigiu a sua captura, através da expedição de carta precatória as autoridades do Piauí, era dezembro de 1918. Sinhô Pereira foi reconhecido, teve problemas e travou uma das maiores pelepas do cangaço com a polícia do Piauí, um épico para gesta poética popular. Em entrevista, ele mesmo, narra os fatos:

Distante de São Raimundo Nonato umas 20 léguas, numa vilazinha de nome Caracol, fomos cercados pelo Tenente Zeca Rubens, tudo armado de carabinas[...]depois veio o irmão do tenente, que mandou falar comigo para que eu voltasse ao comércio e tratasse do Cacheado, o atirado, que ele garantia. Ficamos lá até ele morrer. Cinquenta e sete dias [...]em Jurema, para diante de Caracol umas cinco ou seis léguas. Ai forças do Piauí nos perseguiram. Distante mais de trinta léguas, fomos cercados pelo tenente Zeca, com muita gente, 40 homens para cima[...]de caracol nós saímos montados. Em Sete Lagoas, tomamos o cavalo de um sujeito que ia passando. Depois, tomamos mais três cavalos. Na Barra de São Pedro, fronteira de Pernambuco com o Piauí, largamos a tropa para os donos apanhar (JORNAL DO BRASIL, 26 fev. 1969).

A matéria acima publicada por jornal de circulação nacional, o ex-cangaceiro, já idoso, morando em Minas Gerais, no momento exercendo a profissão de comerciante, faz inerência a tentativa da peleja de passar pelo Piauí. Portanto, a travessia do Sinhô Pereira foi interrompida por uma pedra no meio do caminho, era a polícia do Piauí, que o impediu de prosseguir viagem rumo a Goiás.

O ex-cangaceiro finaliza dizendo “Estava voltando para minha região, para brigar com meus inimigos[...]Foi aí que Lampião e os irmãos dele se juntaram comigo” (JORNAL DO BRASIL, 26 fev. 1969). Era um momento importante para o cangaço, visto que Sinhô Pereira forçosamente teve que voltar para Pernambuco, de onde pretendia fugir.

Enquanto isso, os irmãos Ferreira: Antônio, Livino e Virgulino. Já estavam em pleno mundo do cangaço, perseguidos por seus inimigos e pelas polícias estaduais. Porém, sem estrutura de capitais capazes de formar um grupo próprio. No retorno de Sinhô Pereira tiveram a oportunidade de serem incorporados e comandados por ele. Onde Virgulino se destacou.

Entrementes, Luiz Padre conseguia fazer suas correrias em solo piauiense, praticar ações de cangaço e seguir rumo ao destino a ser alcançado, sem passar despercebido pelos jornais regionais e na capital da República. Conforme publicação do noticioso “os facínoras de Luiz Padre a tacaram Caracol e foram dispersados pelas forças locais [...] notícia procedente de São Raimundo Nonato” (O JORNAL, 22 jan. 1920).

A presença deste cangaceiro do Pajeú, no Piauí, circulou por muito tempo na imprensa

através dos jornais. Uma dessas informações dava conta da ação de cangaceiros, em correrias pelo Piauí, travando combate com a polícia estadual, seria Luiz Padre que, “atualmente está foragido no Piauí com o seu grupo, que é composto de dez homens, todos indivíduos destemidos e afeitos à prática do crime” (A PROVÍNCIA, 30 JUL. 1920).

Em 1921 circulou no Rio de Janeiro a informação de que Luiz Padre havia sido morto nas terras do Velho Monge, “notícias do Piauí, referem que foi assassinado no interior daquele Estado o célebre bandido Luiz Padre, o terror da zona sertaneja” (O JORNAL, 1 maio 1921). Cumpre notar, não estaria ele, já chegado no seu destino final, São José do Duro, Goiás? Neste caso, estamos diante de uma inconsistência do jornal, pois este bandoleiro não morreu em terras piauienses.

Continuando a investigar a relação dantes indecisa entre Piauí e cangaço, que com este estudo pretendemos melhor compreendê-la ou desnudá-la. Identificamos uma derradeira peleja do maioral do cangaço, Sinhô Pereira para atravessar os sertões do Piauí rumo a Goiás, em 1922. Antes, porém, deixou uma herança, escolheu o mais destacado de seus cangaceiros, para assumir o comando do grupo, trata-se de Virgulino Ferreira da Silva, a partir deste momento iniciava o chamado “tempo de Lampião”²⁴. Pereira, relata: “Saí do Pajeú, atravessei Bodocó, Ouricuri, Caboclo, São Raimundo Nonato, Caracol, Parnaguá[...] atravessei o Piauí sem maior embarço” (GASTÃO, 2015, p. 49).

Assim “nasceu” Lampião, ou seja, da renúncia de Sinhô Pereira que se retira da luta nos sertões nordestinos e lhe entrega a liderança do grupo de cangaço, que transformou o cangaço, numa eficiente “máquina de guerra” e saqueadores. Exercendo um domínio sobre as áreas sertanejas, através do terror e também relações de poder com poderosos coronéis.

Foram 38 dias até chegar em São José do Duro (GO), a contar do lugar onde deixou Lampião, os primos Luiz Padre e Sinhô Pereira se reencontraram, adotaram a alcunha de Zeca Piauí e Chico Maranhão, respectivamente, tudo isso bem ao gosto do cangaço que lá continuaram a praticar, agora sob liderança de um chefe político, o deputado estadual, Abílio Wolney, um “*capo di tutti capi*”²⁵. Em Goiás, estiveram os primos do Pajeú, diretamente envolvidos nas disputas armadas, nas lutas entre as oligarquias e no seio familiar do coronelato goiano, que envolviam os também primos, Wolney e Araújo, conforme divulgação:

Sob a proteção do deputado estadual Abílio Wolney, os malfeitores Luiz Padre, Sebastião Pereira e José Inácio. Há um ano, aproximadamente esse congressista estadual tivera uma luta à mão armada com o seu primo Abílio

²⁴ Expressão cravada por Leonardo Mota quando da publicação do livro *No tempo de Lampião*.

²⁵ É a expressão utilizada para designar “o chefe de todos os chefes”, termo bastante usado para fazer inerência a chefes de máfias italianas. Ver detalhes: SENADO. Capturado o 'capo di tutti i capi'. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/318702/noticia.htm?sequencia=1>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

Araújo que, destroçado, foi residir no estado do Piauí (JORNAL DO RECIFE, 19 jul. 1923).

Ao chegar no sul do Piauí, Abílio Araújo arregimentou um grupo de cabras e jagunços, e patrocinou violenta vingança, relatada na sequência do mesmo noticiário que segue: “Disposto a tomar uma vindita, Abílio Araújo resolveu voltar àquela vila goianense, tendo-se feito para isso acompanhar de um numeroso grupo” (JORNAL DO RECIFE, 19 jul. 1923). Estas são redes capilares, vasos comunicantes que conectam o cangaço para além do semiárido nordestino.

Inerentes a essas conexões do cangaço, *A Noite*, publicou matéria, a cerca destas ocorrências, nela contém uma entrevista com um cearense, chamado de Dr. Xavier de Oliveira, que o jornal diz ser profundo conhecedor do sertão nortista, nela o entrevistado questiona a eficácia de um acordo interestadual, do qual o Piauí era signatário, trata-se do chamado tripé do cangaço, nele existia constantes deslocamentos, fluxos de cabras, jagunços e cangaceiros, os de tendência mais belicosa “deixaram os grupos a que pertenciam para se unirem a outros espalhados noutros estados do tripé Bahia, Piauí e Goiás” (DIAS,2000, p.106). A seguir trecho da entrevista do periódico carioca:

O último convênio, de que *A Noite* mesma me deu notícia, foi o celebrado entre Bahia, Piauí e Goiás, há poucos meses apenas. Eu me permito de classificar esse entre aqueles que dão para agente rir até encher a barriga. Senão, veja-se lá a cláusula 5ª do tal convenio para melhor se poder formar um juízo aproximado do quanto entendem do assunto, esses mesmos que, com a melhor das intenções, talvez, vêm corando dele: ‘Art. 5º – Cada um dos estados acordantes Bahia, Piauí e Goiás, responderá pelos danos e excessos praticados por suas forças, no território do outro’. Vê-se que nessa cláusula dura, positiva, não há sequer uma condicional, sendo apenas um futuro – ‘Cada estado responderá’ – etc (*A NOITE*, 4 mar. 1925).

Houveram os propagados acordos interestaduais que objetivavam combater o cangaceirismo, porém, o destaque se deu mais para aqueles estados em que se verificava a presença de Lampião. Contudo, existiam outras territorializações como as verificadas nesta citação de jornal da época, percebe-se que abrangia até os “sertões de dentro” em Goiás, extensivo ao Piauí e Bahia, o que convencionou chamar-se de tripé do cangaço.

Na década de 1920 é o momento que se torna mais nítida a “indústria do cangaço” nos sertões, seja no incremento de verbas públicas para combatê-lo, ou pelos capitais movimentados por essa modalidade criminal, “os gastos públicos com a repressão ao banditismo ascenderam nesse período a cifras vultosas” (MELLO,2011, p.196). Observa-se a admissibilidade da gravidade dos conflitos no sul do Estado do Piauí, em mensagem enviada pelo governador João

Luiz Ferreira, em 1923, “Parnaguá e Corrente estavam já de algum tempo fora da lei, envolvidos em perniciosa onda da anarquia, alimentada por ódios e desavenças locais e mantidas por indivíduos que se digladiavam”²⁶.

O Congresso Nacional era um dos palcos destas discursões, os senadores e os deputados da época olhavam com preocupação o cangaço. Documentos que se encontram guardados nos arquivos do Senado e da Câmara, mostram que os parlamentares trataram do tema na tribuna, das duas casas legislativas, em inúmeras ocasiões. Em 1926, o senador pelo Piauí, Pires Rebelo, discursou:

“Quem vive nesta capital da República [Rio], poderá achar que o governo tem feito a felicidade completa dos brasileiros. Ofuscados pelos brilhos da luz elétrica, é natural que os cariocas não saibam que naquele vasto interior existem populações aquadrilhadas fora da lei que zombam da Justiça e ridicularizam governos” (WESTIN, 2018).²⁷

O governador do Piauí, Matias Olímpio, veio a reconhecer tamanha gravidade gerada pelo cangaço, quando em mensagem enviada para a câmara legislativa, em 1927, nota-se a presença da “máquina de guerra” do cangaço neste Estado, o chefe do executivo estadual, revela o desconforto ao dizer: “Tenho o desprazer de levar ao conhecimento desta Casa do Congresso, como uma das mais dolorosas manifestações dos nossos males sociais, as cenas de violência e de barbaridade[...]representados pelo cangaceirismo”²⁸.

²⁶ PIAUÍ. Governo. 1921-1924 (Ferreira). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador João Luiz Ferreira em 1 de junho de 1923*. Teresina: Typ. de “O Piauhy”, 1923. p.22.

²⁷ WESTIN, Ricardo. Combate a Lampião quase entrou na Constituição de 34. *Senado notícias*. 02 jul. 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/combate-a-lampiao-quase-entrou-na-constituicao-de-34>. Acesso em: 18 jan. 2021.

²⁸ PIAUÍ. Governo. 1924-1928 (Mello). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Mathias Olympio de Mello em 1 de junho de 1927*. Teresina: Typ. De “O Piauhy”, 1927. p.5.



Figura 2. Mapa do cangaço no Nordeste com os setes estados, que presenciaram o domínio do cangaço de Lampião. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infograficos/2018/06/parlamentares-tentaram-incluir-combate-a-lampiao-na-constituicao-de-1934>. Acessado em 26 ago. 2021. Entretanto, nosso estudo adiciona à historiografia o halo de alcance do cangaço chegando até o Piauí.

No limiar do ano de 1927, *o Jornal do Brasil*, em sua cobertura de repressão ao cangaço, identifica conflitos no Piauí advindos de dissídios políticos e relacionados com o banditismo, “os sucessos recentes desenrolados, primeiro, no Ceará, por ocasião das últimas eleições municipais, e, depois, no Piauí, em consequência dos últimos dissídios políticos, em que a influência do banditismo dos sertões se fez sentir tão trágica” (JORNAL DO BRASIL, 7 jan. 1927). Citações desse tipo permite abrir uma janela para o tempo passado, possibilitado por uma viagem metodológica através das fontes históricas, resultando numa melhor compreensão da realidade analisada.

Ao anunciar uma sequência de fatos relacionados com a repressão policial ao cangaço, *o Jornal Pequeno*, em abril de 1927, publicou várias ações implementadas pelo governo de Pernambuco, elas resultaram na prisão dos chamados lugares tenentes de Lampião, o que se relaciona ao Piauí é a prisão do cangaceiro Emiliano Novaes, que tentou refúgio neste Estado,

porém sem sucesso:

Sendo-lhes dado por nossos soldados forte combate, o bandido saiu em debandada pelas caatingas, rumando pelas fronteiras do Piauí [...]dessa providência resultou que as forças do Piauí oferecessem luta também a Emiliano Novaes, que, voltando ao território pernambucano, foi afinal capturado pela nossa polícia (JORNAL PEQUENO, 21 abr. 1927).

Com matéria que possui como título ‘as proezas de Lampião’, o *Jornal do Brasil*, através da qual o periódico informa, a existência de um bandido, no Ceará, “que reside num antro de cangaceiros[...]o sitio de Pedraca é no povoado de Bom Jesus, que se acha repleto de bandoleiros importados do sul do Estado e de Parnaíba, do Piauí” (JORNAL DO BRASIL, 13 mai. 1927). Seria o recrutamento nos sertões de indivíduos do litoral? Essa era uma realidade vivida no Nordeste brasileiro na década de 1920, mas o comum era recrutar pares do sertão, gente do litoral no cangaço era algo excepcional.

Nestas incursões pelos sertões verificamos que a imprensa pernambucana publicou reportagem dando conta de uma estatística do combate ao banditismo organizada pelo major Theophanes Torres, em que este oficial, fez uma relação de 100 bandidos, considerados serem possuidores de alto grau de periculosidade, capturados ou mortos sob o seu comando, dentre os presos, um bandoleiro com crimes praticados no Piauí, “44 – Mariano Lopes, vulgo Mariano Neto – pronunciado por crimes de morte em Paulista e Jaicós Piauí, Orós Ceará e município de Ouricuri, onde foi Capturado pela força do destacamento local”(A PROVÍNCIA, 12 jun. de 1927).

2.5 Piauí, usado pelo cangaço para homiziar e fazer travessias

Muitos cangaceiros utilizaram-se do Piauí para fazer constantes travessias, outros, porém, para homiziar-se, as duas coisas foram feitas por um cangaceiro bastante conhecido que chefiava um mediano grupo, entre eles um irmão chamado Pinga Fogo. Estamos nos referindo ao cangaceiro Massilon Leite, a ele é atribuído, juntamente com o coronel Isaías Arruda, de Missão Velha, Ceará, a iniciativa de convite para Lampião invadir a cidade potiguar de Mossoró.

Após o insucesso da empreitada, o cangaceiro Massilon “foge para o Piauí no início de 1928” (MELLO, 2011, p. 240). Depois de algum tempo, neste Estado resolveu atravessar o Parnaíba e homiziar-se em Caxias, Maranhão. Onde conforme Medeiros(2010), veio a morrer numa bebedeira em que discutia com seu irmão, Pinga Fogo quem deles tinha o “corpo fechado”, ambos atiraram, um contra o outro, um tiro certo, atingiu Massilon, em decorrência

disso morreu poucos dias depois.

Outros cangaceiros, “gente de Lampião”, usaram o Estado do Piauí de maneira similar, a Massilon. Inerentes a deserções e prisões de membros do grupo de Lampião, o *Jornal do Recife*, deu a notícia da prisão de mais um cangaceiro, o vulgo Mormaço, que esteve na condição de policial, combatendo a Coluna Prestes “dali até Valença no estado do Piauí, onde deram combate aos revoltosos[...]recentemente, foi preso também um seu companheiro, de apelido Coqueiro, no Piauí que também abandonara o grupo” (JORNAL DO RECIFE, 13 set. 1927).

Não raras eram as notícias da imprensa, através dos jornais, das imbricações entre Piauí e cangaço evidenciadas na sua cobertura da guerra de combate ao banditismo, fazendo perceber, como este Estado era usado numa logística de refúgio de bandidos. Num dos combates dado pela polícia do Ceará, matou um cangaceiro, outro empreendeu fuga “depois da morte do cangaceiro João Marcelino, vulgo Vinte e Dois, pela polícia cearense, Balão resolveu fugir para o Piauí” (AMANHÃ, 28 abr.1927).

A repressão ao cangaceirismo fez Lampião “hibernar”, cessou suas ações por um período, desmontou sua “máquina de guerra”, as polícias estaduais conjecturavam prendê-lo. Na pressa de anunciar primeiro a prisão do bandoleiro, a imprensa anunciava tal ocorrência, mas que a posteriori não se confirmava. Cauteloso, um jornal de Salvador publicou “será desta vez? [...] Não é esta a primeira vez, nem será provavelmente a última, que os jornais da Bahia, Ceará, Pernambuco, Alagoas e Piauí, anunciam tal coisa” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 7 set. 1928).

Podemos inferir a presença de cangaceiros no Piauí, oriundos de outros estados nordestinos, onde a incidência do cangaço era maior. Desde os fluxos de imigrantes da extração da borracha de maniçoba, em que alguns cangaceiros se fizeram presentes. Até mesmo célebres do cangaço como Luiz Padre e Sinhô Pereira (1918/1922), o caso de Massilon Leite, em 1928 e muitos outros. Todos usando o território piauiense para atuar, homiziar-se ou fazer travessias.

2.6 Familiares de Lampião no Piauí?

Em 1927, o governo de Pernambuco fechou o cerco a Lampião, com consequências diretas para seus familiares, mesmo com aqueles que não eram criminosos. O serviço de inteligência da polícia pernambucana, dava conta de que um grupo de parentes do bandoleiro marchava pelo Piauí. O governo deste Estado foi informado, tomou as providências solicitadas pelo Estado vizinho e foi preso um grupo de pessoas que seriam supostamente membros da

família de Lampião, conforme segue:

“O Dr. Eurico de Souza Leão, chefe de polícia do Estado, solicitou há dias, ao Sr. Secretário de polícia do Piauí, que tomasse providências no sentido de deter a família do bandoleiro Lampeão, a qual, segundo se sabia, estava naquele Estado[...]comunicação do desembargador Pires de Castro secretário de estado da polícia do Piauí, informando que a família de Lampeão composta de nove mulheres e quatro homens[...]foi capturada numa localidade daquele Estado” (JORNAL DO BRASIL, 1 mar. 1927).

Identificamos essa notícia de prisão, no Piauí, da família de Lampião, sendo divulgada por outros jornais, citemos, *A Noite*, edição de 28 de fevereiro de 1927 e pelo *Jornal do Recife*, em 6 de março de 1927. Convém questionarmos qual a necessidade? Qual a utilidade de combate ao banditismo, ao prender membros da família de Lampião que não integravam o cangaço? Seriam mesmo parentes do bandoleiro estes presos que marchavam sobre o Piauí?



Figura 3. Lampião e sua família em Juazeiro do Norte, Ceará, em março de 1926. Foto de Lauro Cabral de Oliveira (BONFIM, 2017, p. 267).

João Ferreira, o único irmão de Lampião a não ingressar no cangaço, para Mello (2012) foi certa vez protegido no Juazeiro, pelo deputado Floro Bartolomeu, que impediu sua prisão solicitada pelo Estado de Alagoas . Após o rebuliço dos batalhões patrióticos e todo um espólio de encrencas geradas para Padre Cícero, a proteção dantes existente parece ter desaparecido. João Ferreira chegou a ser preso. Teria tomado a decisão de mudar-se do Juazeiro e passar a residir em Picos, Piauí.

Em Picos, criou sociabilidades e exerceu a profissão de negociante no final da década de 1920. Depois deixou Picos e passou a residir no Estado de Sergipe, no Baixo São Francisco,

na cidade de Propriá, conforme cartas atribuídas a João Ferreira, endereçadas a um compadre, na cidade piauiense, que constam no acervo do museu Ozildo Albano, Picos (PI), dão conta da comunicação de ambos inerentes a negócios.²⁹No conteúdo destas cartas consta que o irmão de Lampião, possuía um automóvel, talvez um pequeno caminhão, e negociava sacas de arroz, café, rapadura e outros produtos, vendendo-os pelos sertões.

No ínterim, em que João moraria em Picos, teria recebido uma visita ilustre, a do irmão famoso, o cangaceiro Lampião. Este acontecimento teria sido registrado num período de Natal, em que o bandoleiro se apresentou discreto e disfarçadamente, conforme citado ou sugerido por Ibiapina(1976), em o livro *Quero, Posso e Mando*.Entretanto, cotejando as várias fontes não é possível, abonar a afirmação deste autor.

O irmão caçula de Lampião, Ezequiel Ferreira, ingressou no cangaço muito jovem, possuía o vulgo de Ponto Fino, morreu em combate com a polícia baiana na primeira metade da década de 1930. Contudo, um senhor apareceu em Serra Talhada, Pernambuco, na década de 1980, dizendo ser ele Ezequiel Ferreira. Estava ali na ocasião, para tirar os documentos necessários para sua aposentadoria junto ao INSS.

Pessoas mais antigas da região que conviveram com os Ferreiras e estudiosos da temática cangaço foram chamados para fazer questionamentos. Dizia o suposto Ezequiel que após o ataque a Mossoró (RN), Lampião lhe deu dinheiro e mandou que fosse morar em Picos (PI)³⁰, o que prontamente teria sido feito, o registro de sua morte em combate seria uma forja de seu irmão. Para a maioria dos que inquiriram tratava-se de um impostor.

Mas, como se verdadeiro fosse o requerente obteve toda a documentação necessária para sua aposentadoria, o suposto Ezequiel Ferreira disse que em Picos, ganhou a vida vendendo redes e folhetos de gesta do cordel. Depois passou a morar em Valença(PI), onde faleceu no início da década de 1990. Contudo, a maioria dos pesquisadores do tema cangaço defende que o Ezequiel, irmão de Lampião, morreu mesmo na década de 1930, não ratificam, portanto, a versão do senhor de Picos que foi a Serra Talhada.

Norteados pelo conjunto de fontes, encontramos o Piauí inserido no contexto da sociedade pastoril sertaneja, para o historiador Manoel Domingos, o Piauí teve o vaqueiro como figura fundante da sociedade piauiense, isso não foi explorado como tal, parte das elites

²⁹ Ver detalhes em: João Ferreira no Piauí. *O cangaço na literatura*. Youtube. 08 dez. 2019. 37min 06s. Disponível em: < <https://youtu.be/yxJDPLJUsYc>>

³⁰ Ver em detalhes: Ezequiel Ferreira. *Aderbal Nogueira – Cangaço*. Youtube. 04 fev. 2019.13 min 35s. Disponível em:< <https://youtu.be/pwQV6eOgPgk> >.

do Estado não aceitavam ou tinham preconceitos de sua própria história.³¹ O autor destaca ainda, os diversos fatores contribuintes para a decadência da pecuária piauiense, alguns externos como a Guerra do Paraguai que privilegiou a pecuária do Rio Grande do Sul, por ser uma região próxima do conflito, e ainda, fatores como a degradação ambiental³².

³¹ Pensar Piauí. “O Piauí não explorou o vaqueiro como a figura fundante de sua sociedade”. Disponível em: <https://pensarpiaui.com/noticia/o-piaui-nao-explorou-o-vaqueiro-como-a-figura-fundante-de-sua-sociedade.html>. Acesso em: 04 set. 2021.

³² Pensar Piauí. A guerra do Paraguai contribuiu muito para declínio da pecuária do Piauí. 6 min 31 s. Disponível em: < <https://youtu.be/35MT-SgLOAM> >. Acesso em: 04 set. 2021.

3. AS RELAÇÕES DE PODER ENTRE O CANGACEIRO LAMPIÃO E CORONÉIS

*[...] o historiador não pode evitar a narração, inclusive quando a rechaça conscientemente. Pois a escrita da História por si mesma, pela maneira de articular os eventos, pela utilização da noção de causalidade, trabalharia sempre com as mesmas estruturas e com as mesmas figuras de uma narrativa de ficção. É a partir desse parentesco entre a narrativa de ficção e a narrativa histórica que se coloca a questão: onde está a diferença?*³³

Roger Chartier

O que pretendemos nesta parte da dissertação é discorrer sobre as relações de poder entre o cangaceiro Lampião e uma elite local armada, os chamados coronéis nos sertões nordestinos. Veremos que a década de 1920, o cangaço de Lampião atingiu seu auge em parte pelas condições políticas e jurídicas geradas pela Primeira República, mas sobretudo, pela aliança com esses coronéis transformados em protetores e coiteiros que lhes forneciam armas, munições, couto “inviolável” e apoios logísticos nas redes capilares de poder construídas por Lampião através de inúmeros vasos comunicantes.

Mostraremos ainda, neste capítulo, que mesmo após a quebra da invencibilidade de Lampião com o advento da invasão da cidade de Mossoró (RN), este cangaceiro se viu diante da fragmentação de seu grupo e da forte repressão policial, sendo obrigado a construir novos espaços de territorializações e poder, desta vez na Bahia, depois no baixo São Francisco, nos estados de Alagoas e Sergipe onde teve uma sobrevida de mais dez anos, através da proteção de coronéis e do domínio através do terror sobre o sertanejo comum.

3.1 Coronéis: Protetores e coiteiros

Inerentes as relações entre o cangaceiro Lampião e a elite local armada, os chamados coronéis são duas as formas básicas, quais sejam, aproximações e afastamentos, predominantemente são constatadas as primeiras. Dentre uma multiplicidade de casos para

³³Roger Chartier, Entrevista a Isabel Lustosa, 23/11/2004, disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/conversa-com-roger-chartier/>, acesso em: abr.2020. O autor chama a atenção para a natureza da escrita historiográfica e a aproximação das produções literárias.

análise começamos com os laços entre o coronel Marçal Pereira Diniz e Lampião, que remonta ao tempo em que este era apenas um simples cabra do grupo de cangaço comandado por Sinhô Pereira, na qual usava a fazenda Abóboras, nas ribeiras do Riacho do Navio de propriedade deste coronel como um couro.

Em Pernambuco, aos 30 dias de dezembro de 1923, o filho do referido coronel, o famoso Marculino Diniz³⁴, “assassina em um clube da cidade de Triunfo o juiz de Direito, Ulisses Wanderley [...] é a Lampião e seu bando que o coronel Marçal convoca para libertar pelas armas o filho preso” (MELLO, 2011, p. 243). O bandoleiro providenciou diligências, bombardeou as autoridades locais de ameaças e através destas conseguiu executar a missão completa, o preso foi solto imediatamente.

Cumprido notar, que isso gerou a gratidão do coronel, no ínterim de 90 dias, agora é o cangaceiro que precisa de ajuda, em combates com as forças volantes de Teófanês Ferraz Torres, Lampião foi ferido no pé direito, ao tentar convalescer adequadamente na Serra das Panelas, foi atacado novamente por volantes pernambucanas e outras da Paraíba, resultando em mortes de cangaceiros, componentes do seu grupo. Diante da agonia que passava “despacha *positivo* com bilhetes para o coronel Marçal e seu filho, relatando a situação delicada em que se achava, com o pé em vias de gangrenar” (MELLO, 2011, p. 244).

Atendendo ao pedido, pai e filho prontamente enviaram setenta cabras, sob o comando de Sabino³⁵, para resgatá-lo, Lampião foi levado para a vila de Patos, hoje Irerê, fronteira entre Triunfo e Princesa, onde uma junta médica já o esperava, composta pelos médicos “José Lúcio Cordeiro Lima, de Triunfo, que abre o pé do bandido a cru, sem ouvir um gemido, e Severiano Diniz, de Princesa, que o auxilia estupefato” (MELLO, 2011, p. 244).

Após envolver-se em diversos conflitos, Sabino passou a ser segurança de Marculino, que possuía sociabilidades com pessoas destacadas em Cajazeiras, Paraíba. O guarda-costas aproveitava as horas vagas para liderar um grupo de cangaço e pilhar, localidades das vizinhanças, a maior delas “foi o seu ataque à cidade de Triunfo a 7 de maio de 1926, onde levou para mais de vinte contos de réis, além de incendiar casas comerciais e o cartório civil” (MELLO, 2011, p. 244).

Apesar de manter certa independência este cangaceiro foi incorporado, a posteriori ao bando de Lampião, estavam juntos quando da incorporação aos batalhões patrióticos formados

³⁴ Chamado de caboclo Marculino, por Luiz Gonzaga e Humberto Texeira, em a música xanduzinha, ao falarem de um namoro sertanejo. Ver detalhes: TV SENADO. Princesa do Sertão - Documentário Completo. Youtube. 6 nov. 2019. 1 h 56 min 26 s. Disponível em:< <https://youtu.be/SPiPD-3htJo>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

³⁵ Sabino Gomes de Góis foi um cangaceiro, nascido na localidade Abóboras, de Serra Talhada, na passagem do século XIX para o XX, era filho do coronel Marçal Diniz com uma cozinheira de sua casa.

no Juazeiro do Norte, Ceará, transformados em “legalistas” para combater a Coluna Prestes. A gesta poética do sertão veio a imortalizá-lo na primeira metade do século XX com os versos:

Lá vem Sabino
Mais Lampião,
Chapéu quebrado,
E o fuzil na mão

Lá vem Sabino
Mais Lampião,
Chapéu de couro,
E o fuzil na mão
(MELLO, 2011, p. 244-245).

No limiar do século XX, existiam vários fatores de estímulo à propagação do cangaço na área sertaneja, que se deu numa região de relevo irregular e recortado que caracteriza o semiárido do sertão nordestino, especialmente o eixo Pernambuco-Paraíba-Ceará, segundo Mello (2011), o mais tradicional celeiro de bandidos da região Nordeste. Para esse mesmo autor, “a figura do cangaceiro, homem sem patrão, vivendo das armas, infenso a curvaturas, era razoavelmente bem aceita naquele meio” (MELLO, 2011, p. 117).

Gustavo Barroso, nos fornece um “retrato” sobre a realidade vivida na ribeira Pernambucana do Pajeú, caracterizando “como verdadeira universidade da violência e do cangaço, lugar a não ser esquecido por quem quer que pretendesse agrupar homens para missões violentas de qualquer natureza” (BARROSO, 1917, p. 137). Entretanto, o fenômeno do cangaço não se limita as regiões aqui já citadas, existem outras vastas e complexas territorializações.

É bem verdade também, que Lampião não possuía exclusividade no comando de grupos de cangaços, embora a maioria dos acontecimentos girassem em torno dele por força de “gravidade” que possuía seu nome, “nos sertões de Pernambuco, não é somente o bando de Lampião que assola, devasta, arruína. Outros bandos surgem, também armados e fartamente municiados, depredando, arrasando tudo nas suas passagens sinistras” (JORNAL DO RECIFE, 5 dez. 1926).

O Cariri cearense se constituiu nas primeiras décadas do século XX numa nebulosa, berçário de assaltos políticos, “derrubadas” e deposições numa disputa de poder que envolvia coronéis (chefes políticos locais) em composição com seus respectivos jagunços e cangaceiros contratados, gerando violência tamanha que em 1911, Padre Cícero é signatário de um acordo, o chamado “pacto dos coronéis”. Porém, esses conflitos permaneceram até o final da década de

1920³⁶, conforme constatado por Mello(2011).

Recuperando-se do ferimento, refugiado nas terras do coronel Marculino Pereira Diniz³⁷, Lampião ainda não estava reestabelecido para a luta. Contudo, abonou o plano traçado que planejou a invasão de rapina à cidade de Sousa, Paraíba. Os idealizadores seriam Marculino, Sabino e o irmão mais velho de Lampião, Antônio Ferreira. Executaram a ação mediante terrível violência, que repercutiu na imprensa estadual mediante cobranças de providências do governo de João Suassuna e principalmente do coronel José Pereira, de Princesa.

Deputado Estadual e considerado um dos maiores coronéis do Nordeste, José Pereira Lima, era tio e cunhado de Marculino Diniz e pela relevância política que possuía, foi acusado de ser omissos aos atos violentos ocorridos em Sousa. Era público o conhecimento de que o coronel José Pereira comandava um numeroso grupo de jagunços em armas, além disso, mantinha relações de amizade e movimentava dinheiro de Lampião.

No entanto, o barulhento ataque à referida cidade foi realizado à revelia deste coronel, que cobrou satisfações de Lampião, discutiram, desentenderam-se, gerando forte atrito entre ambos. Lampião cobrou o dinheiro que lhe havia sido entregue para negociar, Zé Pereira responde que não devolverá nada. Em entrevista, Lampião não perdia a oportunidade de criticar o célebre coronel Zé Pereira Lima e diz que foram amigos, mas a amizade foi desfeita após o ataque praticado na cidade de Sousa, em 1924. A agressiva invasão de Sousa foi tamanha que repercutiu na imprensa nacional:

Os bandidos, após forte tiroteio, conseguiram saquear diversas casas comerciais, cometendo as maiores atrocidades e atos de rapinagem. Assim é que aprisionaram o juiz de direito, Dr. Arquimedes Souto, cuja liberdade foi conseguida pela esposa do mesmo magistrado, mediante o pagamento de

³⁶ 1915 - O *coronel* Raimundo Cardoso dos Santos, intendente do município de Porteiras, é deposto a bala, a 13 de junho, por líderes políticos de Brejo Santo. 1922 - Tiroteio em Lavras entre as facções do intendente Raimundo Augusto de Lima, filho do *coronel* Gustavo Lima, e do *coronel* José Leite de Oliveira, por motivos políticos, provoca a morte de três dos participantes e ferimento grave no intendente. 1923 - É assassinado em Fortaleza, por motivos políticos, o *coronel* e então deputado estadual Gustavo Lima, chefe de Lavras. 1925 - Em meio a uma áspera disputa política que já durava meses, ferem-se vários tiroteios em Missão Velha entre os *coronéis* Isaías Arruda (dos mais fortes coiteiros que Lampião possuía no Ceará) e Manuel Ribeiro Dantas, o Sinhô Dantas, este último, chefe político municipal. 1926 - A 18 de novembro, Manuel Alexandre de Sá, chefiando cem homens, ataca novamente o *coronel* Felinto Neves. Amarga nova derrota após trinta e seis horas de fogo, nas quais sofre quinze baixas graves entre seus homens, sendo uma fatal: a de um de seus filhos. 1928 - Terceiro e último ataque de Manuel Alexandre ao *coronel* Felinto. Novo insucesso após quinze horas de fogo. Felinto seria assassinado anos depois, mas por outros inimigos. 1928 - Tendo finalmente ascendido à chefia política de Missão Velha, por conta de apoio recebido do governo do Estado, Isaías Arruda vem a ser assassinado no trem, quando transitava pelo município de Aurora.

³⁷ Este coronel, é bastante conhecido também como o caboclo Marculino, em a música Xanduzinha de composição de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. É uma inerência direta ao namoro sertanejo de Marculino e sua esposa dona Alexandrina, chamada de Xanduzinha. A música refere-se também ao formato de sua casa que favorecia a fuga de Lampião da polícia, pois na residência o bandido e seu proprietário bebiam e jogavam com certa frequência.

1:700\$000(um conto e setecentos mil réis).Comerciantes ali estabelecidos, também foram sequestrados sendo-lhes dada a liberdade, mediante grossas quantias (O JORNAL, 15 ago. 1924).

Quando se referia ao maior dos traidores, certa vez Lampião disse, “foi o coronel José Pereira Lima, chefe político de Princesa, homem perverso, falso e desonesto a quem durante anos servi, prestando os mais vantajosos favores da nossa profissão” (JORNAL O CEARÁ, 17 mar. 1926). Cumpre verificar que o próprio Lampião revela que fazia do cangaço uma profissão, um negócio. A suposta missão a que se destinava para vingar a morte do pai era apenas um escudo ético.

O governador da Paraíba, João Suassuna, nomeou o coronel José Pereira Lima para chefiar as forças policiais volantes de repressão ao cangaceirismo e o comandante das forças legalistas para dar combate a Coluna Prestes. Este coronel teve o esforço no sentido de expulsar Lampião do seu Estado, nesta guerra foi morto um irmão do cangaceiro na Serra do Tenório³⁸. Tratava-se de Livino Ferreira.

Entretanto, as relações de Lampião com Marculino e seu pai foram preservadas conforme noticiado pelo jornal de Salvador “Lampião se encontra na fazenda Abóboras, município de Vila Bela” (A PROVÍNCIA, 27 jul. 1927). Quando Lampião ver-se obrigado deixar a parte setentrional do Nordeste, atravessar o rio São Francisco, fazer suas territorializações com a construção de novas redes de poder nos estados da Bahia, Alagoas e Sergipe. Antes, porém, encomendou uma modalidade de gesta sertaneja denominada Adeus, a um poeta popular. E nela, não esquece do amigo Marculino. Além de revelar os lugares por onde andou, a chamada “geografia do cangaço”.

Adeus Caldeirão dos Barros,
 Santa Cruz, Santa Luzia
 O boqueirão do Medéia,
 Adeus, até outro dia!
 E a manga do Marculino,
 Onde foi minha moradia
 (MELLO, 2011, p.201-207).

Após as relações entre Lampião e José Pereira Lima, terem sido rompidas. Este coronel entrou em choque com o novo governador do Estado, João Pessoa. Declarando a cidade de Princesa independente. Numa peleja que só acabou com a morte deste último em 1930. Após fugir da cidade, Pereira só volta a disputar eleições no seu Estado em 1946 numa disputa para o Senado Federal com José Américo de Almeida, sendo o último, o vencedor. José Pereira,

³⁸ Ver detalhes em: *Princesa do sertão- Documentário Completo*. TV Senado. Youtube. 6 nov. 2019. 1 h 56min 26s. Disponível em:< <https://youtu.be/SPiPD-3htJo> >. Acesso em: 28 fev. 2022.

perdeu a eleição, mas Luiz Gonzaga que fez seu “jingle” de campanha, ganhou um grande sucesso que foi a música Paraíba Masculina³⁹.

Nos fluxos de imigrantes que deslocaram-se para o Piauí atraídos pelo ciclo da maniçoba havia cangaceiros disfarçados de maniçobeiros, conforme constata Dias (2000), a presença do coronel Anjo da Jia na região de São Raimundo Nonato. Este coronel praticou ações de cangaço no Piauí, tomou o poder político em Caracol, numa disputa com o potentado da família Dias, ao ser vencedor tornou-se o chefe político local na condição de intendente municipal no governo de Eurípides de Aguiar (1916-1920).

A posteriori, na década de 1920, o pernambucano Ângelo Lima, conhecido como coronel Anjo da Jia voltou ao seu Estado de origem, fazendo uma composição com o cangaceiro Lampião, se tornando um dos principais coiteiros e protetores do bandoleiro. Entretanto, a política de enfrentamento ao cangaceirismo mudou no governo de Estácio Coimbra, uma das centralidades era o combate aos coiteiros, disso resultou a prisão de vários coronéis, “até que finalmente é preso o coronel Ângelo Lima, conhecido como Anjo da Jia, à época o maior deles[...] sem o coiteiro o cangaceiro não é nada” (MELLO,2011, p.199-200).

As prisões de fazendeiros que foram enviados para penitenciária no Recife, motivou publicações na imprensa, “informado da vinda a esta cidade de vários fazendeiros, dentre os quais o coronel Anjo da Jia [...] todos acusados de proteger o grupo do famigerado Lampeão” (JORNAL PEQUENO, 11 mar. 1927). Inerente essas prisões, na capital da República os periódicos também divulgaram as ações no Estado de Pernambuco, entrevistando o chefe de polícia, “sobre a prisão de fazendeiros protetores de Lampeão, disse: meu caro amigo. A ordem é de calar” (JORNAL DO BRASIL, 12 mar. 1927). Seria uma forma de não atrapalhar as investigações.

3.2 A perda da invencibilidade de Lampião no ataque a Mossoró

As territorializações e relações de poder construídas por Lampião, no Ceará, fazia parte o coronel Isaías Arruda, chefe político de Missão Velha, após haver estimulado Lampião a empreender o ataque a Mossoró (RN), vendeu para o bandoleiro, armas, e um grande lote de munições adquiridas quando dos batalhões patrióticos para dar combate a Coluna Prestes. O

³⁹ Ver detalhes em: *Princesa do sertão- Documentário Completo*. TV Senado. Youtube. 6 nov. 2019. 1 h 56min 26s. Disponível em:< <https://youtu.be/SPiPD-3htJo> >. Acesso em: 28 fev. 2022.

celerado não conhecia o Rio Grande do Norte, mais o coronel Isaías Arruda arranhou o cangaceiro Potiguar Massilon Leite para guiá-lo, pois já era famoso por invadir Apodi, onde realizou saques e sequestros lucrativos. Mossoró, próspera cidade, possuía agência do Banco do Brasil. Lampião enviou carta para o prefeito Rodolfo Fernandes:

Cel. Rodopho, estando eu até aqui pretendo é drº [dinheiro]. Já foi um a viso, Ahi pº o Sinhoris, si por acauso resolver mi a mandar, será a importância que aqui nos pedi. Eu envito de Entrada ahi porem não vindo esta Emportança eu entrarei, ate ahi penço qui adeus querer eu entro e vai aver muito estrago, por isto si vir o drº eu não entro ahi, mas nos resposte logo.

Capº- Lampião (MELLO,2011, p.199).



Figura 4. A mais importante fotografia de Lampião dos anos 20. Tendo recebido a patente de capitão honorário das forças legais, despira o chapéu de couro, símbolo máximo do cangaço. Máquina pronta, luz ideal, Lampião segura delicadamente o fotógrafo pelo braço e lhe sussura ao ouvido:” Seu Lauro, bote meu olho baixo na sombra.”Missão cumprida. Fotografia de Lauro Cabral de Oliveira(MELLO,2011, p.408).

Exigindo o valor de quatrocentos mil contos de réis. Caso contrário, a cidade seria invadida, a quantia foi considerada extremamente alta, não foi paga, muito pelo contrário, os

mossoroenses prepararam uma resistência com mais de cento e cinquenta homens em armas. Então, a marcha dos bandidos rumo a Mossoró começou a ser elaborada, havia de ser lucrativa para o “consórcio” formado por Lampião e coronel Isaías Arruda.

Chegando a esta cidade, o cangaceiro, promoveu o ataque que seria fatal. Porém, a resposta armada da população, fez o bandido recuar, Lampião estava diante de um insucesso inédito e abandonou a cidade sob forte perseguição policial de vários estados, presenciando ataques e deserções de membros do seu bando. Diante de seu perceptível enfraquecimento, o cangaceiro marcha de volta rumo ao Cariri. Entrementes, Isaías Arruda planeja matá-lo servindo alimento envenenado que segundo consta teria dado morte a dois cabras que provaram primeiro, conforme segue:

Dando fé da cilada, Lampião e alguns de seus rapazes conseguem romper o cerco de uma tropa de soldados e jagunços que se pusera discretamente em volta da casa e ganham uma manga de vegetação fechada e seca. À fresca e se julgando já a salvo, os bandidos relaxam, partindo para breve descanso. É nessa hora que veem irromper um formidável incêndio por todos os lados do ponto em que se achavam. Reunindo as últimas energias, o grupo consegue fazer-se ao largo com seus exaustos e intoxicados membros, todos perplexos com a atitude de Isaías, um dos coronéis a quem mais o bandido favorecera em qualquer tempo com os serviços violentos que alugava a chefes municipais (MELLO, 2011, p.82).

Na capital da República, o noticioso periódico fez cobertura destes acontecimentos, quais sejam, os planos de coronel Isaías Arruda para matar Lampião, informando que o primeiro fracassou, “envenenar a comida fornecida[...] o outro constituiu em fuzilá-lo por meio de uma emboscada” (JORNAL DO BRASIL, 29 jul. 1927). Também falhou o terceiro que consistia em atear fogo na mata. Todas as tentativas não obtiveram êxito e Lampião conseguiu livrar-se destas ciladas. Presenciamos aqui uma relação que dantes era de aproximações agora se transformaram em afastamentos.

Na imprensa, até mesmo o seguimento de propaganda foi atingido em torno do nome do guerreiro sendo frequentes anúncios como este, “Lampião tem dúvidas de ser preso, nunca duvidou e nem duvidará que a Casa das Fazendas Bonitas sempre foi, é e será a mais barateira do Recife. Rua 1º de Março,67” (JORNAL DO RECIFE, 28 nov. 1926). Lampião possuía certa popularidade nas capitais do Nordeste, pois consideravam um homem de ação, talvez por isso tenha recebido uma homenagem de um eleitor de Fortaleza, “em uma das seções da capital foi aberta uma com o voto: para deputado federal, o capitão Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião...” (JORNAL A NOTÍCIA, 26 fev. 1927).

Na região do baixo São Francisco, na cidade de Pão de Açúcar, Alagoas, Lampião tinha

como grande amigo e coiteiro, o coronel alagoano Joaquim Resende que havia sido prefeito nesta cidade. Era de conhecimento público a inimizade ferrenha de Lampião com José Alves Feitosa, outro ex-prefeito da mesma cidade. As tensões entre este e o facínora, resultaria em seu assassinato que já tinha sido decretada por Lampião. Porém, a amizade do bandoleiro com o coronel Joaquim Resende era de tal magnitude que ele mesmo releva que conseguiu demover o bandoleiro da ideia de executar o referido político.

Tratando-se de um amigo meu o homem que estava destinado a morrer às mãos de Lampião, procurei um pretexto para me avistar com este e não me foi difícil encontrá-lo. Todavia, após uma série de considerações, em que fui até exigente demais, Lampião, dizendo ao mesmo tempo que só fazia tal sacrifício para me satisfazer, prometeu-me sustar a realização de sua sanguinária intenção, declarando-me naquele momento que já tinha em campo dois homens para fazer o serviço lá mesmo na cidade de Pão de Açúcar, já que o visado andava resguardado, não saindo para parte alguma (MELLO,2011, p.72).

Enfraquecido após o insucesso de Mossoró, Lampião passa por um período de “hibernação”, o que gera inquietude das forças policiais e a curiosidade dos jornais que faziam várias conjecturas da situação de onde e como se encontrava Lampião, “por onde andará, a estas horas, o bandido Lampeão? O comandante de polícia de Pernambuco, em telegrama dirigido ao governo do Estado, confessa ter perdido a sua pista, não sabendo o lugar para o qual o grupo se encaminhou” (A NOITE, 22 ago. 1928).

Diante de Lampião havia basicamente duas fronteiras inéditas para construção de novos espaços, quais sejam, Piauí e Bahia, “não é esta a primeira vez, nem será provavelmente a última, que os jornais da Bahia[...] e Piauí anunciam tal coisa” (GAZETA DE NOTICÍAS, 7 set. 1922). Neste ínterim, o facínora deslocava mesmo que com desfalques importantes a sua “máquina de guerra” nômade para o território baiano. Suas primeiras aparições neste Estado foram presenciadas em Várzea da Ema e no município de Santo Antônio da Glória.

Neste último município, logo foram estabelecidas relações de poder do bandoleiro com o coronel Petronildo de Alcantara Reis, que se tornou seu primeiro grande coiteiro dele nas terras de Castro Alves. Este coronel, teria movimentado dinheiro de Lampião usado na compra de fazendas e gado. Portanto, eram “sócios”.

Mas, Lampião em combates com forças volantes, resultou na morte de vários policiais, ele inspecionou cada um dos mortos e no bolso de um deles havia um bilhete do coronel Petronildo Reis dando informações sobre os lugares por onde Lampião andava. Descoberta a traição do coiteiro, o celerado passou a vingar-se matando rebanhos de gado, incendiando casas e fazendas pertencentes ao coronel. Poderemos a seguir, observar melhor o subterrâneo

financeiro do cangaço:

Rico, Lampião tinha alguns amigos de confiança que lhe guardavam o tesouro e outros a quem emprestava dinheiro. E como alguns não lhe restituíssem ou lhe pagassem *os cobres*, alguns povoados e algumas fazendas foram atacados e incendiados. Em Mariana, Pernambuco, foram tacadas e incendiadas algumas casas de comércio, por não terem pago o empréstimo que fez Lampião (MELLO, 2011, p.81).

Para os estudiosos do tema cangaço, é sabido, e, mesmo consabido que o cangaceiro Lampião, além de avaro era bom financista, um típico cangaceiro profissional, especialista na arte de rapina através de sequestros, cartas de resgates e ameaças. Porém, jamais aceitava dizer que roubava, muito pelo contrário, dizia pedir amigavelmente dinheiro, na ausência do atendimento da solicitação, tomava pelas armas, dizia ele. Teria sociedade com coronéis em fazendas e até na compra de automóveis, de forma que movimentava vultosos capitais.

3.3 As redes capilares de poder construídas por Lampião

Conforme citado anteriormente, “sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! (ROSA, 2019, p.21). Talvez isso, tenha sido um ponto forte do cangaceiro Lampião e alguns coronéis. É o que nos faz lembrar das relações deste cangaceiro com o coronel Hércílio, chefe político, prefeito de Propriá, Sergipe, cuja amizade com Lampião e sua família, remonta a 1918, período em que os irmãos Ferreira ainda eram almocreves⁴⁰.

O coronel Hércílio Brito liderava na época, a lista dos maiores latifundiários do Estado, composta por comerciantes industriais, que possuíam portos próprios no baixo São Francisco através dos quais negociavam diretamente com o parque industrial de São Paulo. Consta que este coronel, por mais de uma vez, teve a audácia de levar Lampião e sua companheira “a Aracajú onde, disfarçados, eram recebidos para confortáveis permanências de descanso e consultas médicas” (MELLO, 2011, p. 276).

As conexões de poder estabelecidas pelo bandoleiro eram de tal magnitude que “Lampião estava utilizando munição de fuzil datada de 1932, enquanto a força estadual não dispunha de nada melhor que as velhas cápsulas de 1911” (JORNAL DE ARACAJU, 25 jun. 1937). Era mais uma demonstração do seu misterioso “apoio logístico” invejável. Em entrevista

⁴⁰ Pessoa que conduz animais de carga. Recoveiro, carregador. Condução de mercadorias nos sertões do Nordeste do Brasil. Ver em: DICIO. *Almocreve*. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/almocreve/>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

com o sr. Raimundo Ferreira de Carvalho,⁴¹ este revela que “Lampião estava na fazenda Jundiá de Hercílio Brito, deu um pulinho em Propriá. De lá então o Dr. Hercílio Brito mandou trazê-lo à noite, na casa do irmão, (de Lampião) quando ele assistiu o desfile das tropas” (BARROS, 2018, p.201). Parece custoso acreditar, mas o desfile que Lampião teria assistido seria os de comemoração da Revolução de 1930(sic).

O irmão do bandoleiro tratava-se de João Ferreira que morou em Picos, Piauí, depois mudou-se para Propriá(SE), onde continuou a ser negociante, possuía uma mercearia próximo as lojas de tecidos da Família Brito, para Barros(2018), Lampião teria assistido o desfile das tropas em comemoração a Revolução de 1930, sob proteção de Hercílio Brito, de acordo com a autora, este era um representante do “setor progressista industrial”, ao lado de um governador médico com formação militar no Rio de Janeiro, Eronildes de Carvalho.

Dentre os coronéis sertanejos, no equilíbrio difícil entre as imposições do governo e as seduções do cangaço, falemos de Ulisses Luna, uma das maiores lideranças do coronelismo alagoano nas primeiras décadas do século XX reunia na fazenda Cobras, além de colonos, almocreves, comerciantes e políticos. Mantinha em seu poder um mediano “exército” de jagunços a sua inteira disposição⁴².

Este coronel dentro da engrenagem da aristocracia rural alagoana recebeu em 1902 o célebre empreendedor do Nordeste Delmiro Gouveia, o coronel Ulisses Luna teria criado as condições favoráveis para a concretude dos projetos empresariais. Os investimentos de Delmiro Gouveia no sertão alagoano iam desde fábrica têxtil e produção de energia elétrica. Para seus funcionários criou uma vila operária, que era modelo para sua época.

Coronel Antônio Caixeiro, pai do governador Eronildes Ferreira de Carvalho, general e médico Cirurgião. Possuidor das famosas quarenta fazendas “nos municípios hoje Poço Redondo, Canhoba, e o município de São Brás, estado de Alagoas, além das fazendas, lidava com fábrica de arroz[...]destroçadores de algodão [...] e uma casa comercial onde ele iniciou tudo” (BARROS, 2018, p.198).

O Sr. Raimundo Ferreira Carvalho perguntado das relações entre seu pai e seu irmão governador com Lampião, responde: “No governo nós também não perseguíamos ele, porque ele esteve até na casa de meu progenitor, a fazenda Borda da Mata, no Município de Canhoba, onde passou uns três dias. E eu conheci pessoalmente e falei com ele pessoalmente”,

⁴¹ Filho do sr. Antônio Caixeiro que comandava um coronelato no sertão com muito rigor, irmão e secretário particular do governador de Sergipe Eronildes Ferreira de Carvalho durante 6 anos e meio.

⁴²Ver detalhes em: SEMINÁRIO CARIRI CANGAÇO. Ulisses Luna, Delmiro e a Fazenda CobranoCaririCangaço 2017. Disponível em: <<http://cariricangaço.blogspot.com/2017/09/ulisses-luna-delmiro-e-fazenda-cobra-no.html>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

questionado como Lampião tratava as autoridades estaduais, diz “muito bem! Nos tratava muito bem e não incomodava nenhuma das propriedades. Nós recebíamos por isso naquela época o nome de coiteiro de Lampião!” (BARROS,2018, p. 199).



Figura 5. Coronéis sertanejos, no equilíbrio difícil entre as imposições de governo e as seduções do cangaço. Da esquerda e de cima: José Pereira Lima, de Princesa , Paraíba; Audálio Tenório de Albuquerque, de Águas Belas, Pernambuco; Ulisses Vieira de Araújo Luna, de Água Branca e Joaquim Resende, de Pão de Açúcar , Alagoas; Petronilo de Alcântara Reis, de Glória, Bahia; e Eronildes Ferreira de Carvalho, de Gararu, Sergipe (MELLO,2011,p.428).

3.3 O apoio logístico de Lampião através de vários vasos comunicantes

Não era segredo a suposta proteção que Lampião recebia no Sergipe durante o governo de Eronildes Ferreira de Carvalho, este cursou a faculdade de medicina em Salvador, diplomou-se em 1917, defendendo a tese intitulada, do ópio em terapêutica mental, aprovada com distinção, tendo se tornado membro da sociedade médica dos hospitais da Bahia. Aprovado em concurso para a junta de saúde do exército em fevereiro de 1923. Tornou-se o primeiro tenente, acompanhou as tropas que, em 1926, deram combates a Coluna Prestes em sua passagem pelos sertões do Nordeste do Brasil.⁴³

⁴³Ver detalhes em: FGV CPDOC. ERONILDES FERREIRA DE CARVALHO. Disponível em:<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eronides-ferreira-de-carvalho>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

Ingressou na política com a Revolução de 1930, que no Nordeste teve início na Paraíba, onde se encontrava com Juarez Távora, seu principal articulador. Este último ligado diretamente aos oficiais do movimento tenentista. Em 1934 Eronildes de Carvalho foi eleito governador de Sergipe elegendo a maioria das cadeiras da assembleia. O elo do governador com Lampião que era hóspede da casa do seu progenitor era bastante conhecido, até mesmo pela gesta poética, nos versos:

A Bahia tá de luto
Pernambuco de sentimento
Sergipe de porta aberta
Lampião sambando dentro

Alagoas tá descansando
Bahia caiu na mira
As volantes de Sergipe
Têm arma, mas não atira
(MELLO, 2011, p.297).

Nas terras de José de Alencar, as relações de poder e logística passavam por Antônio da Piçarra, ele mesmo se declarava o “maior coiteiro de Lampião no Ceará [...] a única coisa que vou levar sem estar resolvido dentro de mim, é uma traição que eu cometi. Eu não fiz isso nunca com ninguém, mas traí Lampião!” (BARROS, 2018, p.204). A condição de coiteiro do celerado foi fruto de uma engrenagem que envolveu um emaranhado completo.

Antônio da Piçarra foi intimado pelo cangaceiro Horácio Novaes a lhe fornecer dinheiro. Diante do sufoco, pensou em ir embora para o Maranhão, mas, sua esposa disse ser interessante primeiro, tomar plano com Padre Cícero, o que foi feito. O clérigo desaconselhou entregar dinheiro para o citado cangaceiro, pois no dia que não tivesse mais, Novaes mataria Antônio da Piçarra, que agonia! Entrementes, chegou ao Juazeiro pedindo proteção a padre Cícero, tias e primos de Lampião ameaçados de morte no sertão.

O clérigo encaminha-os para a fazenda de propriedade de Antônio da Piçarra, o chama e diz: agora tá tudo resolvido, nunca mais Horácio procura questão com você, pois, você está protegendo a família de Lampião. Sobre culpar-se de ter traído Lampião inere ao episódio de 1928, este estava homiziado com seu bando na fazenda Piçarra de sua propriedade. A casa foi cercada pelas forças policiais volantes, Antônio seria preso ou morto se não desse informações sobre Lampião.

Diante da impossibilidade de uma outra escolha, Antônio da Piçarra, assim procedeu, “até que Lampião chegou e eu botei o Tenente Arlindo em cima de Lampião. Eu traí Lampião! Aí então houve a brigada e Arlindo o acompanhou até que ele atravessou pra Bahia.” Foi uma peleja muito grande, sobre o cangaceiro Sabino, o fazendeiro respondeu, “morreu aí na Piçarra,

no fogo que eu traí Lampião. Era um cabra ataiocado, de cabelo meio ruim, meio alourado, dos olhos amarelo, cabra perverso mais do que todos!” (BARROS,2018, p.207-208).

Estava destroçada mais uma rede de apoio logístico a Lampião, entretanto “a sustentação logística, bélica, de apoio de imprensa, que o cangaço recebia, era fornecida pelos chamados setores avançados, homens progressistas da classe dominante que, transformando o cangaço numa mercadoria altamente lucrativa” (BARROS, 2018, p.202). Era a chamada “indústria do cangaço”.

O mais longevo dos cangaceiros, Lampião, aos 40 anos de idade, era coisa atípica, no cangaço a média de vida era de apenas 23 anos, “é sabido que o reumatismo precoce, e não só o fastio resultante das vinganças concluídas, empurraria Sinhô Pereira para além do seu Pajeú e dos sertões nordestinos em 1922”⁴⁴, quando este fez suas travessias pelo Piauí com destino ao São José do Duro, Goiás, hoje Dianópolis, Tocantins, depois para Minas Gerais onde passou seus últimos dias.

Em Pernambuco, Audálio Tenório de Albuquerque, ex-deputado e renomado político do município de Águas Belas, além de muito próximo do cangaceiro nos últimos oito anos de vida deste. Encontrava-se entre amigos e familiares em sua fazenda Barra Formosa. De repente, recebeu um *positivo* de Lampião de forma atípica, sem os cuidados dantes combinados, solicitando a presença do amigo, mesmo receoso, Audálio segue em socorro ao amigo:

Indo chegar já boca da noite ao local determinado. Numa manga de caatinga próxima estava o bandido em companhia de Maranhão, cercado por um enxame de rezadeiras, à frente a velha Alívia Barbosa, do Capiá da Igrejinha, Alagoas, que arrastavam sem parar uma latomia de invocação aos poderes de Santa Luzia. Desfaz-se a interrogação pela confiança que o próprio rezado lhe passa de que sentia o seu olho esquerdo, o que lhe restava, afetado seriamente nos últimos tempos, estando desde alguns dias ‘quase imprestável’. Pontuava cada frase com a esfregadura de um lenço sobre o olho, o que fazia sem disfarçar a irritação que lhe causava aquele ‘aguaceiro que não vai embora nunca’. Maldisse a vida, reclamou de novos e velhos, lamentou sua condição de ‘piloto’- tivesse os dois olhos e nem mesmo estaria ali, alquebrado, sem saber o que o destino lhe reservava daí por diante – para findar por pedir ao amigo uma providência, fosse qual fosse (MELLO, 2011, p.325).

Audálio Tenório teria o aconselhado a abandonar o cangaço imediatamente que cuidaria das tratativas da anistia de seus crimes, prontamente recusado pelo bandoleiro. Sem o topete de Hercílio Brito que teria levado o cangaceiro à época para bucólica Aracaju, Audálio mais

⁴⁴LAMPIÃO ACESO. O pistoleiro de Serra Talhada. Disponível em:< <http://lampiaoaceso.blogspot.com/2019/09/globo-reporter-1977.html>>. Acesso em:< 18 fev. 2022.

receoso traça seu plano. Para restabelecer a saúde do enfermo, segue para o Recife no seu Ford *gogó-fino* em busca da melhor orientação especializada que existisse na cidade “aí não cabia dúvida, um nome impunha-se naturalmente, o do oftalmologista Isaac Salazar, passado de famoso a famosíssimo desde quando operara, poucos anos antes, o padre Cícero, lá mesmo no Juazeiro” (MELLO, 2011, p.326).

No Recife, bate-lhe à porta do concorrido consultório da rua nona relatando em detalhes os males do seu suposto compadre e vaqueiro de maior confiança de suas fazendas, Audálio disse tudo de tal forma, sem desconfiar de que estava se referindo a um vaqueiro que na verdade traquejava não gados, mas gentes. “O oculista da melhor sociedade recifense prescreve ‘umas injeções, um bálsamo, colírio e vitaminas’. Havia tudo na farmácia Simões Barbosa, da Praça da Independência. Alívio” (MELLO, 2011, p.326).

Nas primeiras horas do dia seguinte a medicação chega até o bandoleiro Lampião, o próprio Audálio aplica-lhe a primeira série de intramusculares em dias alternados e em poucos dias o enfermo comunica “ao amigo, radiante, que a vista voltava a galope e que tivera o cuidado de ler, assim que lhe fora possível, todas as bulas, indício de que a recuperação lhe devolvia os hábitos da cautela proverbial, tornada em instinto havia muito tempo” (MELLO, 2011, p.326-327).

É oportuno lembrar que o literato Jorge Amado, em *Capitães de Areia* (1937) tem um personagem implícito que é Lampião, a quem é dado um caráter social na modalidade criminal que praticava. Essa acepção ganhou certo destaque quando em 1969, Eric Hobsbwan publicou o livro *Bandidos*, nele o autor estuda formas de banditismo em todos os continentes, dedicou um capítulo a Lampião, procurando definir quais fatores e contextos políticos, econômicos e sociais o levaram ao cangaço. De forma a sugerir que Lampião praticou o chamado banditismo social.

Cumprir notar que, em nossa pesquisa sobre o cangaço, não verificamos em seus representantes, um sentido geral de protesto, nem um lado reformista. Contudo, identificamos um viés individualista de ascensão social dentro daquela sociedade pastoril sertaneja, a margem da chancela oficial do poder público, não havia a compreensão de necessidade coletiva, com a presença de uma incapacidade de uma aspiração geral. Portanto, divergimos das concepções do historiador inglês, visto que, as fontes conduziram a pesquisa para a identificação de uma ausência de interesses coletivos e caráter social no cangaço de Lampião, muito pelo contrário, este cangaceiro tinha alianças com parcelas da elite local, os coronéis.

Em algumas regiões do alto sertão nordestino as permanências e reverberações do cangaço foram mais duradouras no tempo, conforme revelado por um pai de família do

município de Exu, Pernambuco, amplamente divulgado nas primeiras páginas dos jornais: “Aqui já se mata por devoção porque, no entender de muitos, aquele que nunca assassinou pelo menos uma pessoa, se sente humilhado e acha que não mostrou sua masculinidade. Em um mês tivemos três assassinatos” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 18 jul. 1981). Tratava-se da chamada Guerra do Exu, entre as famílias Sampaio e Aires de Alencar.

Nos sertões o coronel estava livre dos disciplinamentos, mas desfrutava dos maiores aspectos econômicos que aquela sociedade podia lhe proporcionar, e sobretudo, dos mais altos valores sociais. Não é custoso lembrar aqui as declarações do Padre José Kehrlé amigo e confidente de Lampião por vários anos “Lampião sempre foi protegido por chefes políticos e grandes donos de terras. Deles, em troca de determinados ‘serviços’, Lampião recebia armas e mantimentos” (MELLO, 2011, p.384). O sucesso na “profissão” o transformou num verdadeiro “coronel” sem terras.

Esta parte da dissertação comportou uma demonstração das relações de poder do cangaceiro Lampião com as elites locais nos sertões do Nordeste do Brasil. Através delas, Lampião construiu seus espaços, territorializações, adquiria armas, munições, apoio logístico e proteção por meio destas redes capilares de poder, teve sucesso sendo um chefe de cangaceiros longo na profissão.

Ressaltamos que todas essas redes de apoios, foram sendo desmontadas na Era Vargas, por questões relacionadas a uma verticalização do poder político, culminando num crescente combate ao banditismo que destruiu os alicerces que davam sustentação ao cangaço de Lampião. Também atuou em desfavor deste cangaceiro, a chegada do chamado progresso nos sertões, que passou a ser rasgado por estradas e automóveis, tirando os sertões do isolamento que tanto beneficiou o cangaceiro.

4. A COLUNA PRESTES ENTREMENTES AO CANGAÇO DE LAMPIÃO

Os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes do que nunca no fim do segundo milênio. Por esse mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores (HOBSBAWN, 2013, p.13).

A presente seção comporta uma reflexão sobre a passagem da Coluna Prestes sobre os sertões nordestinos no íterim de 1925-1926 e uma complexa articulação política que resultou na incorporação do cangaceiro Lampião como legalista aliado do governo federal para combatê-la. Acompanhamos as travessias da Coluna Prestes desde de sua entrada no Nordeste pelo Estado do Maranhão, passando por Teresina, Piauí, penetrando no Ceará e indo até à Bahia, o que consistiu em travessias por sete estados do que hoje chamamos de Nordeste, exceto Alagoas e Sergipe.

Tratamos de demonstrar a experiência da Coluna Prestes perante a sociedade pastoril sertaneja, destacando o que as fontes apontaram como motivo principal para os afastamentos do sertanejo em relação aos “revoltosos”. Investigamos o que na prática resultou a incorporação de Lampião aos batalhões patrióticos, as repercussões advindas da ampla cobertura da imprensa por meio do jornais acerca da Coluna Prestes entrementes ao cangaço de Lampião nos sertões, as vozes emanadas do Congresso Nacional, o esforço pela pacificação do país diante da recusa dos tenentistas em cessar a luta e os problemas gerados pela indiscriminada distribuição de armas pelo governo federal para cabras, jagunços, em especial ao cangaceiro Lampião para combater os rebeldes.

Durante muito tempo os interpretes do Brasil eram os literatos, em parte explicado por razões como as apontadas em *Raízes do Brasil*, no capítulo, o sementeiro e o ladrilhador. A ausência de universidades dificultava a formação de historiadores, sociólogos, antropólogos, etc. Aqui parece sugestivo um título de Nicolau Sevcenko, que é a literatura como missão. É neste contexto que está inserido *Os sertões* de Euclides da Cunha. Neste sentido, para Antônio Cândido, os maiores interpretes do Brasil no século XIX foram José de Alencar e Joaquim Nabuco⁴⁵.

⁴⁵ Café Filosófico CPFL. Literatura brasileira: missão ou entretenimento? | João Cezar Castro Rocha. Youtube. 28 set. 2017. 45min 57s. Disponível em:< <https://youtu.be/TJF8h6ddHOI>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

Por um erro de colonização ou pelo sucesso da colonização litorânea, criou-se um abismo entre litoral e sertão, gerando um verdadeiro divórcio, isso espatifou, talvez, pela vez primeira em Canudos. O livro *Os Sertões* é uma denúncia desses dois brasis que não se conhecem, o do sertanejo “forte” e o do mestiço “neurastênico” do litoral que está de costas para a hinterlândia e mais preocupado com o outro lado do Atlântico, para esse autor era necessário estabelecer pontes de diálogos entre estes dois pontos. Haveria a necessidade de um encontro marcado. Disso surgiria a chamada civilização brasileira.

A posteriori, 1915, Lima Barreto denuncia em, o *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o divórcio entre o Estado e o cidadão, segundo Schwarcz(2017), este literato sofreu tudo isso na pele e foi um dos primeiros a defender ser preciso começar a lutar por cidadania, por mais igualdade no Brasil. Morreu em 1922, neste mesmo ano a luta começou, a armada com o movimento tenentista no litoral, nos sertões do Nordeste do Brasil com Lampião e no plano cultural a Semana de Arte Moderna em São Paulo.

O Nordeste brasileiro, entretanto, vivia a experiência do fenômeno de banditismo denominado cangaço, cumpre lembrar que para Mello (2011), esse movimento teve suas origens nos primórdios da colonização, mas à medida em que o litoral se urbanizava e organizava seu ordenamento jurídico, esses grupos embrionários que formaram o cangaço deslocaram-se para os sertões, sendo mais presenciados quando das intempéries climáticas que geravam grandes secas, mas é na Primeira República que o cangaço teve sua maior eclosão nos sertões do Nordeste.

O Brasil entrou nos anos de 1920 sobre o impacto de suas primeiras greves gerais. Em março de 1922, no Rio de Janeiro, foi fundado o Partido Comunista do Brasil. Neste mesmo ano foi eleito como Presidente da República, Arthur Bernardes, as altas patentes do Exército garantiam o suporte a um novo governo, mas inconformados os jovens oficiais denominados genericamente de tenentes lutavam por reformas na constituição.

A gênese desta insatisfação possuía raízes na chamada República Oligárquica, eleições fraudulentas, o que culminou no advento de julho de 1922 quando militares do Forte de Copacabana se rebelaram. O governo foi rápido, mandou bombardear, dos quase 300 rebeldes, 18 saem as ruas, numa marcha suicida pela Avenida Atlântica, apesar da derrota floresce a semente do movimento tenentista.

Esse movimento se deslocou para São Paulo, em julho de 1924, esta cidade se

transformou-se na mais nova trincheira de luta contra o Presidente Arthur Bernardes, sob liderança do comandante Miguel Costa. Os legalistas foram rápidos promoveram bombardeios que incendiaram a cidade, forçando os rebeldes a retirarem-se marchando rumo ao oeste do Paraná com várias colunas amotinadas, quais seja, a Coluna Fênix, a Coluna Invicta e a Coluna da Morte.

No Sul, o jovem capitão Prestes toma o quartel de Santo Ângelo e reuniu mais de 1000 homens, na coluna gaúcha denominada Esperança. Em Foz do Iguaçu houve a junção dessas colunas, surgindo uma nova organização tendo como chefes principais Miguel Costa, Luís Carlos Prestes e Juarez Távora. Hierarquicamente, no segundo plano havia outros destacamentos comandados por João Alberto, Ciqueira Campos, Djalma Dutra, e Cordeiro Faria. O Brasil era um barril de pólvora prestes a explodir, teve como estopim o movimento de jovens oficiais que se rebelaram em armas, e resolveram marchar pelo interior do país.



Figura 6. Mapa do percurso da marcha dos tenentistas da Coluna Prestes pelo território do Brasil, CPDOC/FGV. Disponível em : <https://atlas.fgv.br/marcos/tenentismo/mapas/coluna-prestes-no-tempo-e-no-espaco>. Acessado em 28 de novembro de 2018.

4.1 A Coluna Prestes entra no Nordeste e marcha rumo a Teresina

O movimento rebelde tenentista após atravessar o Mato Grosso e Góias entrou no Nordeste do Brasil pelo sul do Maranhão, em novembro de 1925, assim resumido em entrevista, nas palavras de Luis Carlos Prestes:

Chegamos ao Maranhão, onde fomos recebidos quase como heróis, porque no Maranhão havia uma oposição muito grande a Bernardes e o povo então, nos recebeu com grandes festas. Já a impressão que se tinha de que estávamos até no poder, porque vinham nos pedir emprego, quando vinham pedir emprego era porque já parece estar muito forte⁴⁶.

As notícias de que a Coluna Prestes se aproximava do território do Piauí, preocupou o governador do Estado Matias Olímpio(1882 -1967) que tomou providências após orientações do Ministro da Guerra, Setembrino de Carvalho (1861-1947) e o Ministro das Relações Exteriores Félix Pâcheo, resolveu o governador tentar impedir a entrada do movimento “revoltoso” em solo piauiense.

Havia uma previsão de que os membros da Coluna Prestes do Maranhão entrariam no Piauí, na cidade de Uruçuí, após empreender navegação pelo rio Balsas, afluente do lado maranhense do rio Parnaíba. Isso fez com que o governador do Piauí, solicitasse do comandante geral das forças legalistas general Gomes Ribeiro do alto do seu comando sediado em São Luís (MA) batalhões do exército brasileiro para se deslocarem até Teresina para proteger a capital, antes porém, forças das policias estaduais do Piauí e Ceará, juntamente com o 25º Batalhão de Caçadores de Teresina marcharam rumo a Uruçuí para impedir a entrada da Coluna Prestes em solo piauiense.

Ao chegar em Uruçuí as forças legalistas atravessaram o Parnaíba e avançaram pelo rio Balsas indo de encontro com os rebeldes, não durou muito e aconteceu o primeiro combate, o resultado foi em desfavor das tropas piauienses. A desvantagem bélica foi tamanha que na primeira batalha as forças piauienses voltaram às pressas em retirada para a capital Teresina, o regresso se deu com “ as forças governistas em fuga descendo o rio Parnaíba, muitos soldados atordoados preferiram ir a pé” (CASTRO, 2008, p.96). Isso gerou pânico na população de Teresina:

O governo do Estado, para ciência da população de Teresina [...] informa que, não havendo sido possível manter a posse de Uruçuí[...] e como as tropas rebeldes se aproximam de Floriano, determinou a emergência que as nossas forças descessem o Parnaíba com destino a essa capital [...] E é, para afastar o

⁴⁶ CANGAÇOLOGIA. *LAMPIÃO COMBATEU A COLUNA PRESTES?* Youtube. 11 fev. 2022. 4 min 11s. Disponível em:< <https://youtu.be/VOsaDLhvsko>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

natural pânico que a notícia dessa deslocação poderia produzir no ânimo do povo, [...] lhe dirige o presente comunicado, aconselhando a precisa e maior calma diante da situação” (Jornal *O Piauí*, 10 dez. 1925).

Quando Luís Carlos Prestes e seus companheiros de luta atravessaram o rio Parnaíba e penetraram em solo piauiense, em Uruçuí, que se encontrava “abandonada por quem deveria defendê-la e com a população refugiada nos arredores, foi fácil a entrada dos revoltosos sem nenhuma resistência”(CASTRO,2008,p.96), daí os tenentistas da Coluna Prestes, deslocaram-se em direção à Teresina, tendo como referência o percurso do rio Parnaíba, ora navegando e por vezes caminhando pelas suas margens.

As notícias sobre aproximação dos rebeldes de Teresina deixou a população em alvoroço. A maioria de seus habitantes retirou-se da cidade para refugiar-se em municípios vizinhos, os moradores que ficaram recolheram às suas casas, “a não ser os militares em patrulhas, pouca gente se atrevia a sair durante o dia, o que dava à capital piauiense uma atmosfera fantasmagórica de medo e apreensão” (CASTRO, 2008, p. 153).

Chegou-se até a sugerir a mudança da capital para Parnaíba como medida de segurança, idéia recusada pelo governador, mas que foi levada para ser avaliada em reunião, “contra essa idéia foi unânime a opinião de oficiais superiores [...] desde o Coronel Benttemuller e o Capitão Álvaro Peixoto [...] Antônio da Costa Araújo Filho, Alencariense Fernandes, Capitão José Faustino dos Santos e Silva e o Capitão-Tenente Humberto de Área Leão”(JORNAL *O PIAUÍ*, 1 jan. 1926).

Concernente as formas de defender Teresina dos tenentistas havia uma relação conflituosa entre o governador Matias Olímpio e o comando do exército. Informação que chegou até o conhecimento do presidente da República através dos parlamentares piauienses no Congresso Nacional⁴⁷. Em decorrência disso, houve a comunicação do chefe executivo nacional com o governador:

Artur Bernardes, em telegrama ao governador, datado de 10 de dezembro de 1925, responde dizendo que ‘acompanho, com todo interesse, o valiosíssimo concurso prestado à defesa da ordem pelo governo de V. Ex^a, e pelo heróico povo do Piauí [...] o Governo Federal [...] e o ministro da Guerra acaba de recomendar ao General João Gomes que mande prover com armas e munições a defesa de Teresina (CUNHA,1926, p.49 apud Castro, 2008, p.160).

Entretanto, as providências prometidas pelo presidente ao governador na prática não se confirmavam a contento,de forma que gerasse certa segurança, é o que podemos perceber em

⁴⁷ Os parlamentares piauienses nesta legislatura no Congresso Nacional, que o texto faz referência, tratava-se de Pires Rebelo, Eurípedes de Aguiar, Antonino Freire, Armando Burlamaqui, João Luís Ferreira, Ribeiro Gonçalves e Pedro Borges.

telegrama de Matias Olímpio para o general João Gomes Ribeiro.

Cumpro o dever de comunicar a V. Ex^a que, há duas noites, os rebeldes, em pequenos grupos, assaltam as trincheiras que defendem esta capital, sempre repelidos pelas forças que as guarnecem [...] os rebeldes estão se infiltrando pelo interior do Estado, que nenhuma resistência pode oferecer [...] para defender Teresina [...] é absolutamente indispensável a vinda urgentíssima de reforço (CASTRO,1926, p. 25-26 apud CASTRO,2008, p.155).

Gomes Ribeiro, por sua vez, argumentava que os soldados legalista encarregados de fazer a defesa de Teresina não estavam com uma disciplina militar satisfatória, visto que, gastavam muita munição, atiravam em qualquer direção daí o motivo de suas restrições. Talvez seja por isso que algumas testemunhas da experiência da passagem da Coluna Prestes por Teresina terem afirmado que houve grandes tiroteiros.

O chamado cerco da Coluna Prestes a Teresina aconteceu no ínterim do Natal de 1925 ao ano novo de 1926, as tropas tenentistas estabeleceram seu comando a partir da distância prudencial de Natal, hoje Monsenhor Gil, cidade próxima a Teresina . De lá promoviam incursões de reconhecimento, ataques e recuos táticos, chegavam mesmo a se aproximar das forças legalista de defesa da cidade que mobilizou batalhões do exército de vários estados e forças militares estaduais.

Os ataques dos rebeldes aconteceram nas bordas do extremo sul da cidade, não ultrapassando os limites das trincheiras legalistas, hoje correspondente aos bairros Santa Fé, Angelim e o município de Nazária. Entretanto, algo inusitado acontecia durante a defesa de Teresina pelas forças legalistas que na cidade chegaram como a que segue:

O que ocorreu em Teresina no final de 1925, e começou de 1926, foi uma simultaneidade de poderes, motivada pela presença de autoridades do Exército estranhas ao meio político e geográfico locais. O Coronel Gustavo Frederico Benttemuller, por exemplo, era catarinense. Confundia a margem direita com a margem esquerda do rio Parnaíba. Chegou ao cúmulo de cavar trincheiras na zona norte de Teresina, quando na realidade a Coluna Prestes se aproximava pelos subúrbios da zona sul!(CASTRO,2008, p.158).

Vale ressaltar que para combater os rebeldes no Piauí foram mobilizadas milhares de militares de outras unidades federativas, conforme verificado, “o coronel João Nunes comandante da força pública de Pernambuco comunicara [...] que se dirigia ao Piauí para combinar com as autoridades medidas contra a Coluna Prestes que atravessavam o Nordeste.” (BARROS, 2018, p. 182). Cumpre notar, que as críticas inerentes as estratégias do exercito não estavam limitadas ao Piauí.

Anísio Galvão, jornalista e deputado estadual de Pernambuco, ao referir-se ao general João

Gomes Ribeiro, disse: “eu nunca compreendi bem a tática deste ilustre militar, mesmo, depois de tê-lo discutido no torneio libero-estratégico com o Governador do Piauí (O JORNAL, 1 fev. 1928). Outras incompreensões não menos importantes aconteceram quando Luís Carlos Prestes e seus companheiros chegaram nas barrancas do São Francisco, Pernambuco, e atravessaram sem maiores obstáculos para a Bahia. “A imprensa dita legalista apontava isso como impraticável” (MELLO, 2012, p.33).

Talvez o que de mais relevante tenha ocorrido em Teresina quando passagem da Coluna Prestes tenha sido a prisão de um dos principais líderes do movimento rebelde no dia 31 de dezembro de 1925, trata-se de Juarez Távora. Ele mesmo, descreveu que após forte tiroteio na localidade Caeiras, seu cavalo empacou, “ fui cercado por um pelotão adversário, que me intimava render-me. Atirando o revólver que vinha empunhando [...] apeei-me, e, desarmado me entreguei como prisioneiro” (TÁVORA, 1976, p. 193).

A prisão de Juarez Távora foi um acontecimento na cidade, o jovem oficial preso foi visitado por populares e por autoridades como o governador Matias Olímpio e o arcebispo Dom Severino. Na visita deste último, Távora disse-lhe que os tenentistas iriam resgatá-lo a todo custo, que haveria derramamento de sangue, além de incêndios nas cidades e vilas sob domínio dos rebeldes.

Para evitar tamanho terror, ele pediu ao arcebispo o direito de se comunicar com seus companheiros de luta, nas palavras dele mesmo, “ Alvitrei-lhe, então, o recurso de me ser permitida uma comunicação com o Comando Revolucionário, pedindo-lhe que, por amor, às famílias ali domiciliadas, desistissem de atacar Teresina, se o pretendiam fazer simplesmente para tentar libertar-me”(TÁVORA, 1976, p. 195-196).

Uma carta foi redigida pelo prisioneiro e Dom Severino vai entregá-la ao alto comando dos tenentistas em Natal (atual Monsenhor Gil) a correspondência epistolar é entregue e Luís Carlos Prestes redige uma outra carta a ser entregue ao amigo. Contudo, quando Dom Severino regressou a Teresina, Juarez Távora já havia sido transferido para São Luís.

Enquanto isso, os tenentistas se afastavam de Teresina atravessando os sertões para rasgar as fronteiras do Piauí e entrar no Ceará, onde estava sendo planejado um encontro “marcado” da Coluna Prestes com Lampião. Mas porque a Coluna Prestes veio até Teresina? O plano dos tenentistas era atacar a cidade? Luís Carlos Prestes, ele mesmo, assim respondeu:

Atravessamos o Maranhão, Piauí, cercamos Teresina porque tinha uma tropa no sul do Piauí, comandada por um chefe de polícia do Piauí, essa bateu em retirada, saiu correndo e nós saímos atrás, ela só parou em Teresina, não pensavamos em atacar uma capital de Estado, porque nesse momento que atacamos Teresina cada soldado nosso saiu com uma média de dois tiros, não tinha mais que isso, depois saímos com mais munição do que quando

iniciamos o ataque⁴⁸.

Analisando as palavras de Prestes conclui-se que o comando do movimento tenentista logo percebeu a desvantagem bélica no chamado cerco “vexatório” a Teresina, que de fato ocorreu, mas sem batalhas efetivas pela disputa do território urbano, onde existiam milhares de legalistas oriundos de diversas unidades federativas para proteger a capital piauiense. Cumpre acrescentar que a Coluna Prestes se aproximou de outra capital do Nordeste, quando chegou até Buíque (PE), numa distância menor que trezentos quilômetros do Recife.

4.2 A estratégia dos batalhões patrióticos e a incorporação do cangaceiro Lampião

Ao sair de Teresina e marchar pelos sertões do Piauí, os tenentistas estavam se aproximando das fronteiras com o Ceará. Neste ínterim, foi arquitetado pelas cimalthas da República, uma estratégia para destroçar a Coluna Prestes. Eram destacamentos de guerra fluida, móvel, em que foram recrutados e armados cabras, jagunços e cangaceiros pela elite política local, os coronéis.

Tratava-se dos chamados batalhões patrióticos, que no Estado do Ceará eram comandados pelo deputado federal Floro Bartolomeu da Costa, este convidou e o cangaceiro Lampião aceitou sua incorporação como “legalista” para combater os chamados revoltosos da República. Porém, o anfitrião de Lampião no Juazeiro do Norte foi o prefeito da cidade, padre Cícero.

A presença do maior dos bandoleiros a serviço do governo federal no Juazeiro causou o maior rebuliço, onde este recebeu os mais modernos armamentos mauser, munições e a patente de capitão para combater a Coluna Prestes. Esse acontecimento e a ampla distribuição de armas pelo Estado nos sertões foi fruto de inúmeras discursões e debates no plenário do Congresso Nacional através de múltiplas vozes de parlamentares.

No âmbito do Ceará, em Juazeiro, “naquele mundo à parte” de padre Cícero, não havia tempo a perder, o deputado Floro Bartolomeu tinha pressa para a formação dos batalhões patrióticos, dispunha de armamentos, atribuições legais e munições, precisava arregimentar milhares de pessoas em armas, a lembrança da empreitada bem sucedida de 1914, com a deposição do governador Franco Rabelo, era inevitável, a nova missão haveria de ter novamente

⁴⁸ CANGAÇOLOGIA. *LAMPIÃO COMBATEU A COLUNA PRESTES?* Youtube. 11 fev. 2022. 4 min 11s. Disponível em: < <https://youtu.be/VOSaDLhvsko> >. Acesso em: 17 fev. 2022.

padre Cícero, conforme no que é revelado a seguir:

Dr. Floro trouxe um navio entupido de armamento e munição pra Fortaleza. Aí um trem cheio trouxe tudo pra Juazeiro. Meu pai transportava no caminhão arma, munição, tudo aquilo pra Campos Sales ou do Juazeiro pra todo canto onde estivesse a Patriota, precisando. E o ônibus carregando gente! Os dois transportes de meu pai tavam requisitado pelo Dr. Floro, e eu ali mais meu pai, no serviço. Rodamos esse mundo todo! Ele apanhou a fuzilaria nova e muita munição (bala de fuzil, cunhe-te de bala dentro duns caixotes de zinco, por sua vez dentro de caixote de madeira). Dr. Floro falou ao Padre Cícero: você está acostumado, depois da queda do Franco Rabelo, e agora vai ter de enfrentar o maior cabo de guerra do mundo, Luiz Carlos Prestes, junto com Juarez Távora, Siqueira Campos, que vêm com destino a Juazeiro, pra acabar com tudo. Arranjei esse armamento com o Presidente da República e vim enfrentar ele aqui [...] aí o Padre Cícero respondeu: Ora Floro, eu não estou com medo[...]mas como você veio debaixo desse sacrifício, diga, o que é que está faltando? Dr. Floro: Falta gente, falta o senhor falar para o povo sentar praça, porque armamento eu tenho, mas preciso de homens, muitos e destros! (BARROS,2018, p.209-210).

Diante da habilidade que lhe era imanente, capaz de equilibrar-se em mundos antagônicos, o sacerdote teria saído na janela e perguntado em público: “meus amiguinhos, dizem que os revoltosos estão marchando para o Juazeiro, armados até os dentes, para arrasar tudo. Vamos deixar que isso aconteça?” (BARROS,2018, p.210). A partir deste momento milhares de voluntários se apresentaram. Era um chamamento, “os olhos de todos estavam voltados para o braço político do padre Cícero, à espera dos comandos incisivos que partiam daquela voz de taquara rachada que tantos conheciam, e a que os da terra estavam habituados a obedecer sem vacilar” (MELLO,2012, p.83).

Floro Bartolomeu tomou outras providências, produziam um inscrito com papel timbrado, caprichosamente datilografado, mandou procurar parentes de Lampião que moravam no Juazeiro e delegou a um deles a missão de entregar ao cangaceiro Lampião um convite para combater a Coluna Prestes. Caso a resposta fosse positiva garantia o deputado, “requeiro a anistia dele e de quem ele quiser, ele vai ser capitão da patriótica” (BARROS, 2018, p.206).

4.3 Padre Cícero entre Luís Carlos Prestes e Lampião

Enquanto isso, padre Cícero dirigia carta ao Capitão Luis Carlos Prestes e seus companheiros de luta, a missão foi cumprida “por uma romeira da confiança do Padre de nome Mossoró. Ela se embrenhou nos matos e cumpriu a tarefa designada pelo padrinho” (BARROS,2018, p.213). O recebimento dessa carta foi confirmado pelo escrivão do diário da Coluna Prestes, Lourenço de Lima, conforme ele mesmo anotou, “o padre [...] mandou um

indivíduo que lhe era inteiramente dedicado, a nossa procura, através dos sertões, com uma carta, convidando-nos a fazer a paz e a recolhermo-nos a Juazeiro, onde ficaríamos garantidos” (LIMA, 1979, p.244-247).

Porém, uma constelação de fatores, gerou o maior rebuliço no Cariri cearense. O portador responsável pela entrega da carta que ingressaria Lampião na patriótica, pelos sertões a dentro demorou encontrá-lo, mas será que os planos desse cangaceiro eram outros? “Lampeão diz que quer juntar mil homens, para guerrear os governos da Paraíba e Pernambuco” (JORNAL DO RECIFE, 2 fev. 1926).

O convite do deputado, enfim, chegou às mãos do destinatário, parando diante da desconfiança proverbial do convidado, sua resposta foi afirmativa somente depois do coronel Manuel Pereira Lins, o Né da Carnaúba⁴⁹, reconhecer a firma do padre Cícero, neste momento Lampião se convenceu de que o convite tinha lastro, assim teria sido o diálogo do cangaceiro com o referido coronel:

Eu não vou. Isso está me cheirando a traição ou armadilha. Estão querendo é me pegar nessa arapuca disse desconfiadamente. Vá homem, a carta é do Padre Cicero, eu conheço bem essa letra, é a assinatura do Padre, garantiu Né da Carnaúba. Se afirma é do Padre, então eu vou, disse Lampião⁵⁰.

Ademais, o bandoleiro sabia que havia uma certa proteção à sua família na cidade do Juazeiro do Norte, uma delas foi verificada quando em 1925, “Floro Bartolomeu nega por telegrama ao vice governador de Alagoas a prisão de João (irmão de Lampião), processado ali, frustrando as autoridades interessadas a dar andamento à formalidade judicial” (MELLO, 2012, p. 106).

Teria Lampião chegado tardiamente ao chamado de Floro no Juazeiro? Sim. Neste ínterim, o deputado encontrava-se com a “saúde por um fio, pega o trem para Fortaleza. Repouso difícil. Todos querem falar com o delegado militar do presidente da República. Refugia-se no casarão da Escola de Aprendizes Marinheiro” (MELLO, 2012, p.85). No dia 18 do mês de fevereiro, viajou de navio para o Rio de Janeiro, morreu a 8 de março na capital da República, enterro lá mesmo, mediante “salvas à beira da cova por tropa metida em galas. Comissão a que o presidente da República conferirá o caráter permanente, por meio de Ato

⁴⁹ Manoel Pereira Lins (Né da Carnaúba) vivenciou todo período do cangaço lampiônico e a última fase da luta entre os clãs Pereiras e Carvalhos que por muitos anos se digladiaram no sertão do Pajeú, tendo participação ativa nos eventos de defesa e ataque da sua família Pereira contra os Carvalhos.

⁵⁰ Ver em: SEMINÁRIO CARIRI CANGAÇO. Né da Carnaúba Por: Cícero Aguiar. Disponível em:<<http://cariricangaco.blogspot.com/2018/10/ne-da-carnauba-porcicero-aguiar.html>>. Acesso em: 07 mar. 2022.

publicado no Boletim do Exército Brasileiro[...], com base no Decreto nº 13.750, de 10 de setembro de 1919” (MELLO, 2012, p.85).

Tudo em conformidade com o que rezava o art. 5º, letra c, do Regulamento de Continências do Exército. Notícia divulgada pela imprensa Nacional dizia “faleceu, ontem, às 19 horas, à rua do Catete, 83, o deputado Floro Bartolomeu, que, em estado de saúde muito melindroso, regressara, há dias, do norte do país, onde fora em missão especial do governo” (O JORNAL, 9 mar. 1926).

Disposto a enfrentar aquele que a seu respeito Floro Bartolomeu dizia, “não tem homem no mundo para derrotar o estratagema de Luis Carlos Prestes. Com 16 anos dentro da artilharia, montava e desmontava toda e qualquer arma, em qualquer brevidade” (BARROS, 2018, p. 211). Então, Lampião chegou no Juazeiro aos 4 dias de março de 1926 com seu melhores cabras disposto a travar combates. Acampou na fazenda do deputado, fora da área urbana da cidade. Pois, para entrar na rua, digo cidade, precisava da autorização do prefeito, ou seja, padre Cícero.

Contudo, os populares não se contentaram diante da “celebridade”, muitos se deslocaram para a fazenda para recepcionar Lampião, entretanto, padre Cícero foi informado de tal movimentação e também para lá se dirigiu. Na ausência do anfitrião coube a padre Cícero receber o visitante:

Quando as famílias nobres do Juazeiro souberam disso, começaram a ir visitar Lampião na fazenda. Aí o Padre Cícero reclamou: Lampião é um homem perdido, não é homem das famílias visitarem e eu vou já lá! Aí foi, chegou lá e disse: Seu Lampião, que é que o senhor anda fazendo por aqui? Lampião puxou a carta do Dr. Floro e apresenta dizendo: Venho atendendo a um chamado do Dr. Floro, para uma campanha de guerra (BARROS, 2018, p. 211).

Em 1926, Lampião já era conhecido da imprensa nacional, a posteriori foi notícia no famoso jornal *The New York Times*. Talvez, a maior cobertura da presença de Lampião na cidade de padre Cícero, tenha sido feita pelo jornal *O Ceará*, cujo correspondente era um médico do Crato, Otacílio Macêdo, arvorado em repórter a serviço do jornal de Fortaleza⁵¹, que informa: “Lampião impressiona[...] pela calma, pela juventude, pelos modos educados, pela cautela obsessiva. Sentado invariavelmente de costas para a parede e de frente para a porta. Olhar bailarino. Girando em todas as direções” (MELLO, 2012, p.84).

Quando Lampião foi perguntado sobre lutar contra os revoltosos disse que já havia travado combate com eles em Pernambuco, por ser um legalista “fui atacá-los, havendo forte tiroteio. Depois de uma grande luta e estando apenas com 18 companheiros vi-me forçado a

⁵¹ Ver detalhes da entrevista completa concedida por Lampião no Juazeiro e publicada em *O Ceará*, conforme consta nos anexos.

recuar, deixando diversos dos inimigos feridos.” E acrescentou: “vim agora ao Cariri porque desejo prestar meus serviços ao governo da Nação. Tenho o intuito de incorporar-me as forças patrióticas do Juazeiro e com elas oferecer combate aos rebeldes” (O CEARÁ, 18 mar. 1926).

Cumprido notar que Lampião chegou atrasado no Juazeiro, neste momento a Coluna Prestes já havia colocado Teresina em cerco vexatório, atravessado o Norte do Ceará, entrado na Paraíba e destroçado a resistência suscitada, no Piancó, pelo coronel padre Aristides⁵², que foi morto com sua família e mais de uma dezena de jagunços. Também a Coluna já havia rasgado a fronteira de Pernambuco, desmantelado as forças públicas do Estado, e após empreender combate, “tomou posse de 20 caminhões carregados de armamento”(MELLO, 2012, p. 83).

Portanto, no dia que Lampião chegou no Juazeiro, Prestes e a maior parte de seus companheiros já estavam na Bahia, mais precisamente nos sertões do arraial da Várzea da Ema. Todavia, Lampião exibia como “troféu” que teria sido tomado em sangrenta luta com os tenentistas. Tratava-se de uma espada que os mais céticos preferem acreditar ter sido comprada, entretanto, sem contestar a coragem de Lampião, jamais colocada em dúvida, mesmo depois dele morto.

A espada foi adquirida em Pernambuco, no combate do Cipó, este por sua vez, segundo o memorialista da Coluna Prestes, tratou-se de “um dos mais violentos que tivemos, porque perdemos muitos companheiros, e tivemos um grande número de feridos” (LIMA, 1979, p. 265-266). Quando parecia ter acabado, destacamentos da Coluna andavam a galope, contudo, a cavalgada foi atacada perigosamente num rescaldo.

Neste momento, um veterano da revolução gaúcha de 1893, peão da fazenda do conhecido senador Pinheiro Machado, do Rio Grande do Sul, o chamado Tio Balduino, “resolve dar a vida pelos companheiros, em especial pelo patrão, Zezé Pinheiro. Salta do cavalo, toma um flanco, e depois de esgotar a carga do fuzil Mauser, bate mão da velha espada acostumada a abater *chimangos* naquela revolução sangrenta. Peleja até a morte.” (MELLO, 2012, p. 96). Era 22 de fevereiro de 1926, a espada do guerreiro gaúcho terminou em poder de Lampião.

No dia seguinte, a 23 do mês, Lampião parece continuar a acompanhar atentamente os deslocamentos da Coluna Prestes, ao prender um declarado inimigo do cangaceiro, marcado para ser trucidado por ele na primeira oportunidade, agora ela havia surgido “os membros da

⁵² Este travou combates armados com os revolucionários que o mataram juntamente com seus jagunços, entretanto, a maioria da população abandonou a cidade e refugiou-se na caatinga. Ver em: *Princesa do sertão- Documentário Completo*. TV Senado. Youtube. 6 nov. 2019. 1 h 56min 26s. Disponível em: <<https://youtu.be/SPiPD-3htJo>> Acesso em: 18 jan. 2021.

Coluna Prestes detiveram José Nogueira, cunhado de José Saturnino, na fazenda Serra Vermelha, levaram-no por certa distância, liberando-o a seguir, mas levando sua arma” (FERRAZ, 1978, p. 223). Na sequência, chegou o bandoleiro Lampião em sua casa para executar a sentença, que disse:

E agora, hein, Zé Nogueira? Ao que ele respondeu:
 - Agora, só mesmo Nossa Senhora! [...]
 O irmão do Rei do Cangaço assassinou o prisioneiro fria e covardemente.
 Depois, retirou suas alpercatas e as calçou (FERRAZ, 1978, p. 224).

Inerente à vingança de José Nogueira, segundo Mello (2011), Lampião dava sinais de desistir de matá-lo, após longo interrogatório. Porém contrariado, Antônio Ferreira, surpreende o irmão e mata o prisioneiro. Era mais uma das inúmeras cruzes do cangaço.

4.4 A cobertura e as repercussões advindas da imprensa

Voltemos ao Juazeiro do Norte, padre Cícero resolveu honrar com os compromissos assumidos pelo amigo que agonizava no Rio de Janeiro e conforme, rezava a carta de Floro em posse de Lampião, entregou os fuzis e pistolas Mauser e Parabelum e munições, porém, o cangaceiro reivindicou a patente de capitão que havia sido prometida a ele. Padre Cícero, tomou providências, mandou buscar um funcionário público federal do Ministério da Agricultura e o determinou que lavrasse o título de capitão para Lampião, tratava-se do senhor Pedro de Albuquerque Uchôa.

A posteriori, ele mesmo, revelou que Padre Cícero disse: “aqui está o capitão Virgulino Ferreira. Ele não é mais bandido [...] o senhor vai lavrar a patente de capitão do senhor Virgulino [...], mas eu não posso, informei” (JORNAL A TARDE, 21 set. 1933), neste momento interveio o irmão de Lampião dizendo que se meu padrinho está mandando é por que pode. “Depois, o Ministro da Agricultura perguntou porque eu fizera isso. E eu respondi: naquele momento, eu lavraria até a demissão do Presidente da República” (JORNAL A TARDE, 21 set. 1933).

Após despedida do Juazeiro a 7 de março, o Capitão Virgulino, precisava mostrar serviço, como se fosse eficiente rastejador, seguiu a pisada da Coluna Prestes, marchando a passos largos, em quatro dias chegou na vila de Belém, do município Cabrobó(PE), ao recolher notícias, obtidas no rastro ainda frescos dos homens de Prestes, certificou-se que ali existia somente alguns feridos ou estropiados, escondidos para não serem sangrados a punhal ou fuzilados.

Logo compreende que precisa atravessar o São Francisco, porém, somente com o comando de padre Cicero e dinheiro, conforme telegrama enviado por ele. “De Belém - nil/11-

Padre Cícero, Juazeiro, Ceará. Rebeldes internando-se Bahia direção Juazeiro [da Bahia]. Devo atravessar? Providencie dinheiro urgente. (a) Virgulino Ferreira” (MELLO,2012, p.100).

Transcorreram dias, sem resposta, avaro que era, estava aflito pelo dinheiro, tem notícia da aproximação de uma volante pernambucana, sob comando do tenente Alfredo Miranda, para travar combate com seu bando, Lampião envia positivo alertando que ele e o grupo estavam ali comissionados para combater os revoltosos, no Estado da Bahia, portanto, dentro da lei. No dia 25 de março, registrou-se um deslocamento do maior dos cangaceiros rumo ao Juazeiro, mas prudencialmente estacionou na fronteira de Pernambuco, *vis-à-vis* com o Cariri cearense, próximo dos domínios do padrinho, “para quem envia, no dia seguinte, dois homens da Coluna feitos prisioneiros, como parte da pressão pela verba” (MELLO,2012, p.101).

Os reféns eram pobres diabos que ele dizia serem revoltosos, na realidade tratavam-se de dois sertanejos que foram pegos para servirem de guias às forças de Prestes. No décimo dia de viagem aproveitando-se de uma ordem para “campear” fugiram pela caatinga, vindo sair em Serrinha, onde venderam os cavalos e caíram no poder de Lampião, ambos foram sequestrados por Lampião que “se serviu desse pretexto para vir novamente a Juazeiro onde tem sua família” (O JORNAL, 21 maio 1926).

Padre Cícero, acostumado a conviver com mundos opostos, está passando o maior dos sufocos para equilibrar-se em polos antagônicos, pesadas críticas ameaçam contaminar a sua candidatura a deputado federal, na sucessão de Floro Bartolomeu, o patriarca do Juazeiro ocupa a explicar-se, enviou carta a um jornal de Fortaleza, que a publica nove dias depois, afastando a possibilidade de um novo contato com Lampião. Na capital da República, *A Noite* chama à atenção para a agitação causada pelo cangaceiro, quando se fez presente na “*Meca*” do Nordeste, após despertar numerosos grupos de curiosos, “Lampião concedeu entrevistas a jornais, aos quais narrou suas façanhas” (A NOITE, 22 mar.1926).

Periódico do Recife dedicou-se a comentar o que chamou de vibrante editorial de um jornal de Fortaleza, dando conta do estranhamento do passaporte dado pelos “legalistas” a bandoleiros fortes candidatos à prisão, que pela mão oficial “patriótica,” foram autorizados a transitar pelos sertões do Ceará, sob pretexto de combate a Coluna Prestes, de repente Lampião se transformou de fora da lei a legalista, jus a uma benemerência duvidosa, nunca dantes um escândalo se tornou tão clamoroso, diz o jornal:

Os mesmos homens que davam combate aos revolucionários são os que formaram a guarda de honra de Lampeão para, coberto de louros, penetrar os umbrais do quartel general dos ‘patriotas’ [...] Agora as simpatias pelo bandido estenderam-se das forças da polícia para os ‘patriotas’ da nação. Raras vezes na história se tem verificado uma metamorfose tão brusca, uma reabilitação tão impressionante (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 24 mar.

1926).

Matéria de *O Ceará*, reproduzida por um jornal do Recife questionou o clérigo por que não ordenou a prisão de Lampião, visto que dispunha de mais de oitocentos homens em armas arregimentados para prestar serviços ao governo federal, dispostos a obedecer aos seus comandos, ao que padre Cícero, assim respondeu: “não, meu amiguinho! Lampeão procurou o Juazeiro com intuítos patrióticos (sic!); ele pretende se alistar nas forças legais para dar combate aos revoltosos. Uma vez vitoriosos, espera que o governo lhe perdoe os crimes” (JORNAL PEQUENO, 30 mar. 1926).

O patriarca do Juazeiro diante destas circunstâncias herdou um espólio de encrencas, o furdunço dos batalhões patrióticos era enorme, apesar de a favor do clérigo existir fartas argumentações, uma delas, a de que somente se envolveu nos acontecimentos em lealdade ao amigo, para honrar os compromissos assumidos por Floro Bartolomeu. O octogenário sofria pressão de todos os lados, “de fornecedores, de prestadores de serviços, de artífices, de costureiras, diretamente ou por intermédio da beata Mocinha” (MELLO, 2012, p.101). É neste momento que acaba a cerimônia do padre e ele passou a cobrar, por telegrama, o presidente da República, com ares de ultimato:

Of. Urgente. 127-99-14-13. Exmo Dr Artur Bernardes, MD presidente da República – Rio. Conforme expliquei V. Ex^a telegrama dia 11, nossas forças patrióticas aqui se encontram sem numerário para socorrer-lhes as despesas, atrasadas nos pagamentos, em situação difícil, portanto. Assim, urge que V. Ex^a dê pronta solução ao caso, ordenando remessa dinheiro caso deseje que elas continuem perseguição rebeldes, ou ordens dissolução e pagamento dos compromissos já realizados. Reitero os meus protestos inteira solidariedade benemérito governo V. Ex^a, continuando seu inteiro dispor meus modestos, porém leais serviços. Atenciosas e cordiais saudações – Padre Cícero Romão Batista (MELLO, 2012, p. 102).

Os telegramas prosseguem por meses e nada de pagamento, o clérigo pensa em mandar um emissário ao Rio de Janeiro, entrou em cena o marechal Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra, para atender as demandas, o Governo constituiu a dita Comissão Especial de Arrolamento da Requisições do Nordeste, porém, inúmeras medidas protelatórias invadiu o exercício de 1927, em abril, o padre Cícero ainda cobrava os mais de vinte contos de réis correspondentes ao fornecimento de medicamentos por um certo João Evangelista Bezerra ao Batalhão, coisas de nossa República.

E concernente a Lampião? Este almejava lucros com os serviços prestados nos batalhões patrióticos, precisava tornar essa relação com o governo federal mais clara, esperava os sinais vindos do Juazeiro, e nada de dinheiro. Perdeu a paciência, não durou muito a suposta vida na legalidade, agora ele tem pressa em desfazer o engano de alguém que fizesse supor que ele ainda

estivesse a serviço da ordem. É magoa e ruptura. A vida bandida é reativada com intensidade, assim relatada, em telegrama enviado pelo prefeito de Salgueiro, em 16 de abril de 1926, ao governador de Pernambuco:

Exmº Dr. Governador Estado – Recife

Comunico vossência grupo bandido Lampião volta Juazeiro Ceará, inesperadamente passou ontem povoado Bezerros, deste município, saqueando, assassinando inspetor policial, conduzindo presos reféns, nosso amigo coronel Davi Jacinto e outro inspetor, sob condição somente dar liberdade mediante dez contos, contrário seriam assassinados, rumando Pajeú. Ontem, seguiu encaço mesmo grupo tenente Solon com cinquenta praças. Cordiais saudações – Veremundo Soares, prefeito (MELLO, 2012, p.104).

Na sequência, em ato contínuo, deslocou sua “máquina de guerra” e avançou sobre Alagoas, onde o Adeus de Lampião à legalidade se deu numa violenta incursão de rapina e morte, começando por Mata Grande, Água Branca, Inhapi, Santana do Ipanema, passando por Palmeira dos Índios. “Os rapinadores praticavam assassinatos, sequestros, estupros, mutilações, incendiavam currais e armazéns” (CHANDLER, 1981, p.88). Em Olho d’ das Flores, o sertão ficou mais quente com as chamas de um automóvel da *Standard Oil Company*, que virou torrão, os ocupantes também seriam queimados, mas a intervenção de um sertanejo que Lampião devia favor foi decisiva, o pedido foi aceito e escaparam com vida.

Contudo, na capital da República o noticiário dos jornais causava espanto, naquele Brasil que se dizia civilizado, um famoso bandido assassino, ladrão profissional, salteador de estradas, que tantas vidas haviam ceifado somente entraria na cidade escoltado pela polícia, mas no caso de Juazeiro aconteceu o contrário:

Lampeão entrou ‘legalmente’, homenageado e protegido pelas autoridades, e foi recebido e hospedado quase como um herói pelo que Juazeiro tem de mais poderoso e influente. O governo local, representado pelo prefeito e pelos vereadores; a magistratura, representada pelos juízes; as classes conservadoras, representadas por comerciantes e fazendeiros; a força, a própria força oficial, mantenedora da ordem pública, representada pelo seu comandante, e até a religião arrimada ao bordão quase centenário do Padre Cícero, - tudo, toda Juazeiro assistiu o triunfal desfilar de Lampeão e do seu bando” (O JORNAL, 6 abr. 1926).

Consta que ao chegar na fazenda do deputado Floro Bartolomeu, um oficial da polícia cearense conjecturou atacá-lo, Lampião ficou sabendo e lhe escreveu uma carta, com a seguinte mensagem epistolar: “zuada não me faz medo. Eu tenho visto é, coisa forte, e não me assombro[...] sempre lhe aviso, que é para depois não se arrepender. [...] do capitão Virgolino Ferreira da Silva” (JORNAL PEQUENO, 10 abr. 1926).

Na Bahia, um jornal soteropolitano deu conta de informações a respeito dos movimentos

da Coluna Prestes e da presença de grupos legalistas para combatê-la, “existem numerosos efetivos legais na zona do São Francisco, os quais se quiserem resistir, podem evitar a perigosa invasão” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 23 ago.1926). Enquanto isso, em São Paulo, a imprensa noticiava o que chamava de tropelias dos revolucionários, legalistas e do bando de Lampião.

Um lamento sertanejo, oriundo de correspondência epistolar procedente de Salgueiro (PE), revelava a peleja nos sertões diante dessa tríade, qual seja: “atrás dos rebeldes, com uma marcha lenta de seis horas diárias, passaram os legalistas, requisitando aquilo que escapara às vistas dos rebeldes. Após os dois primeiros passou o bando do bandido Lampeão, completando a obra de desgraça” (A GAZETA, 6 set.1926). Era a experiência de uma realidade vivida pelo homem pecuário.

4.5 As múltiplas vozes no Congresso Nacional

Convém lembrarmos, da já citada importância e relevância dos jornais no meio acadêmico por pesquisadores renomados (as), como é “o caso Emília Viotti e Fernando Henrique Cardoso” (LUCA, 2018, p.117). Não é custoso lembrar ainda, as considerações do historiador Robert Darnton que trabalhou como jornalista, no famoso periódico *The New York Times*, ele chama atenção sobre como “o poder do editor sobre o repórter, e/ou do diretor sobre o editor, realmente gera uma tendência na maneira de redigir as notícias, tal como assinalam os estudos sobre o ‘controle social na sala de redação’” (DARNTON,1990, p.77).

Essa é uma noção importante pois permite localizar com precisão, apresentar considerações acerca de como esse material tem sido abordado pelos pesquisadores, suas potencialidades e limitações. Sendo norteador dos procedimentos e instrumentos que serão mobilizados para se chegar aos resultados elencados na parte dos “objetivos”, trabalhar com jornais é algo instigante, como já foi dito não é possível a recuperação integral do passado, então, resta ao historiador fazer suas escolhas e seus recortes.

Um das melhores impressões de como os parlamentares brasileiros vivenciavam, vislumbravam e manejavam esta experiência naquela temporalidade, poder-se-á ser constatada na cobertura política do jornal *O Globo*, destaque para as edições de 26 e 27 de maio de 1926, respectivamente. Este periódico se dedicou a publicar discursos inteiros direto do plenário, o que se constituiu numa pluralidade de vozes de diferentes unidades federativas.

O início das discussões na sessão plenária no dia 26 de maio de 1926, foi quando subiu à tribuna o deputado federal Wenceslau Escobar (RS), que afirmou existir pessoas que tiveram bens requisitados pelos legalistas, solicitaram indenização, mas não foram pagas. O parlamentar

legalista Flores da Cunha, divergiu do colega dizendo que todos os comandantes das forças que operaram no Rio Grande do Sul tem fornecido a documentação necessária para o governo providenciar os pagamentos, no entanto far-se-á necessário averiguá-los para indicar possíveis abusos.

O deputado gaúcho Flores da Cunha disse ainda que, quando comandava uma coluna, teria ocorrido o seguinte: “carregamos uma cavahada – porque, como é sabido, o cavalo é a primeira arma no Rio Grande – e terminado o movimento, devolvidos os animais aos respectivos proprietários, esses ainda se julgavam no direito de reclamar o preço dos animais” (O GLOBO, 26 mai. 1926). A requisições compulsórias do cavalo nos sertões do Nordeste do Brasil se constituiu numa problemática devido ser a primeira arma da revolução e a principal riqueza do homem pecuário.

Os dois parlamentares gaúchos continuam em divergência Wenceslau acusou as forças legalistas de abuso, enquanto que Flores da Cunha afirmou ser situação perfeitamente aceitável diante da anormalidade política em que vivia o país. Nessa ocasião, o deputado Batista Luzardo(RS) afirmou ter encerrado suas declarações no dia anterior falando da marcha tenentista após o cerco à Teresina, o orador diz pensar ter dado resposta ao trecho de mensagem do presidente da República que afirmava viver os rebeldes de saquear e pilhar tudo por onde passavam. O parlamentar afirmava que as acusações de Arthur Bernardes não se conferiram na realidade.

Contudo, Batista Luzardo, denuncia uma série de condutas questionáveis por parte das ditas tropas legalistas, disse o parlamentar que se falasse somente os abusos cometidos no Piauí demoraria muitas horas na tribuna. O orador se referiu a outro trecho da mensagem presidencial, que segundo ele seria forçado a fazer oposição e algumas contraditas, uma delas:

Na previsão de que os rebeldes, atravessando o sertão do Maranhão e do Piauí, penetrassem no Ceará, foi, desde logo, nesse último estado, constituída uma força de patriotas, cujo comando coube ao saudoso deputado Floro Bartolomeu, que, com a sua sinceridade e o seu ardor cívico, prestou relevantes serviços à causa legal, dando provas de energia, atividade e bravura (O GLOBO, 26 mai. 1926).

Mas, este parlamentar questionou a eficácia da estranha “máquina de guerra” montada por Floro Bartolomeu no Ceará, com a anuência da presidência da República, os destacamentos repressores começaram a serem montados quando os rebeldes ainda estavam em Teresina, de que a adiantou? O tribuno disse que a Coluna Prestes rasgou a fronteira do Ceará onde existiram combates, um deles “nos arredores de Crateús ocorreu às cinco horas da manhã, e, por volta das oito horas, a força legalista, que defendia Crateús, abandonou a localidade, deixando vários

feridos e três mortos” (O GLOBO, 26 mai. 1926).

O tribuno gaúcho continuou a criticar Arthur Bernardes, que governou sob estado de sítio, questionou os ditos batalhões patrióticos, que segundo ele tamanha eram as preocupações que causaram a Floro, o levando mais depressa ao túmulo. Qual a causa do insucesso? É que os legalistas são mercenários, não há um ideal honesto, puro e santo, que na realidade ilumina as hostes de Prestes, dispostas, por isso, a todos os sacrifícios, disse o parlamentar Batista Luzardo.

No entanto, a maior polêmica na sessão plenária ainda estava por vir, e, ela aconteceu quando o deputado Luzardo no decorrer de seu discurso perguntou, qual era a composição dos elementos humanos que compunham a Coluna de padre Cícero e Floro Bartolomeu? Qual o lugar tenente? “Para opróbrio das forças legalistas, era seu lugar tenente um requintado bandido, flagelo daquelas regiões! Padre Cícero para defender seus ideais, para implantar um regime de moralidade e de respeito, uniu-se ao famoso facínora Lampeão” (O GLOBO, 26 mai. 1926).

Em aparte, o deputado Flores da Cunha, disse existir no Rio Grande do Sul, batalhões que lutaram sem receber dinheiro e pessoas dispostas a morrer por ideal, neste momento, o então deputado pelo Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine afirmou existir no povo potiguar sentimento semelhante ao gaúcho. Em seguida o tribuno foi aparteado por Francisco Rocha, representante baiano naquela casa legislativa, na Bahia “darei ao orador que Lampeão fez a vanguarda dos revoltosos. Tenho disso documento”(O GLOBO, 26 maio 1926).

Batista Luzardo, da tribuna prontamente refutou tal afirmação, ao dizer “repto V.Exa. a que prove, perante a Câmara veracidade do que acaba de afirmar[...]desafio a que da tribuna, desta casa, mostre documentos autênticos dos quais se conclua que Lampeão serviu de vanguardeiro dos revolucionários” (O GLOBO, 26 maio 1926).

De posse de notícias oriundas do Nordeste, em especial matéria de *O Ceará*, contendo entrevista com Lampeão, Luzardo segue o desejo de refutar que em algum momento a Coluna Prestes se aliou ao bandoleiro, muito pelo contrário, passou a expor relatos de padre Cícero dizendo que o Lampeão legalista pretendia se regenerar e o mandaria para o Estado de Goiás, conforme já havia feito com Luiz Padre.

A bancada de Goiás entrou de vez na discussão, ‘presente de grego’ disse o deputado Luiz Silveira, em risos. Padre Cícero, foi defendido pelo mineiro Sá Filho e Flores da Cunha, mas o último disse não dá sua solidariedade ao Lampeão. Um deputado ressalta que “o debate que se embandeirava com o patriotismo, estava sendo iluminado a luz de Lampeão” (O GLOBO, 26 maio 1926). Gerando risos, a partir deste momento foi encerrada a sessão.

A sessão plenária do congresso nacional do dia 27 de maio de 1926 foi iniciada com a centralidade de refutar que Luis Carlos Prestes nunca havia feito aliança com o bandoleiro

Lampião, muito pelo contrário, teria dito que se o aprisionasse mandaria fuzilar o famoso cangaceiro na frente de sua coluna. O representante da Paraíba, Otacílio de Albuquerque, ao apartear o orador declarou que Prestes bravo e inteligente não precisaria do auxílio de Lampião e garantiu que pelo menos em seu Estado isso não ocorreu, Juvenal Lamartine, testemunhou que podia afirmar o mesmo sobre o Rio Grande do Norte.

Porém, a longa discursão mostrou despertar certo enfado para alguns, neste instante, veio a intervenção do congressista Raul Sá, “eu faria um apelo ao nobre orador, que nesta casa, apagaremos de vez o Lampeão” (O GLOBO, 27 mai. 1926). Com a máxima vênia ao deputado, mas, o cangaceiro continuou presente nos debates do Congresso Nacional por muito tempo, até cogitou-se, que a necessidade de combatê-lo deveria constar expressamente na Constituição⁵³ de 1934.

No Senado Federal, identificamos pronunciamentos inerentes as relações do governo federal com cangaceiros, no contexto de combate a Coluna Prestes, a começar por Pires Rebelo, senador pelo Piauí, “é natural que adversários empenhados em luta lancem mão de todos os recursos que lhes possam assegurar vantagens. O que, porém, não é natural, é que uns e outros condenem hoje o que louvaram ontem” (O IMPARCIAL, 27 mai. 1926).

Aproveitando o ensejo, o senador baiano Moniz Sodré fez o que o jornal chamou de um longo discurso de oposição ao governo, culpando-o de entendimento com cangaceiros para combater os revoltosos. Em trecho de sua fala o senador do alto da tribuna do senado, diz:

Mas o que é incontestável também e que nenhum de nós e ninguém de boa-fé poderia contestar, é que nunca, através de todas as fases da nossa história política, quer no Brasil Império, quer no Brasil República, nunca houve governo do país que se amancebasse com essa malta facinorosa, que representa realmente a expressão mais alta e um expoente máximo da criminalidade atávica de todos os povos do mundo(O IMPARCIAL, 27 mai.1926).

O tribuno baiano fazia inerência em seu discurso no Congresso Nacional, aos destacamentos de guerra movél formados no sertão, que em seu Estado eram comandados pelo deputado federal Francisco Rocha, sob seu comando pesavam acusações de atrocidades dos ditos legalistas. Também faz referência a incorporação de facínoras aos batalhões patrióticos no combate a Coluna Prestes, como foi o caso do cangaceiro Lampião. Era mais uma das múltiplas vozes capturadas no meio político por jornais.

⁵³Ver detalhes em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/combate-a-lampiao-quase-entrou-na-constituicao-de-34>. Na Assembleia Nacional Constituinte de 1934, deputados nordestinos — a Assembleia não teve senadores — redigiram cinco propostas para que a nova Constituição previsse o combate ao cangaço como obrigação do governo federal. Fonte: Agência Senado. Acessado em: 25/05/2021.

4.6 A experiência dos sertanejos diante da Coluna Prestes

O movimento denominado tenentista nas suas travessias pela hinterlândia vislumbrava no seu horizonte de expectativas que ao chegar no semiárido do Nordeste haveria a possibilidade de um grande número de adesões à causa que diziam ser revolucionária, devido as intempéries e condições sociais adversas. Disso resultaria no fortalecimento do movimento rebelde rumo a vitória. Todavia, verificou-se o contrário, em geral, houve uma repulsa dos sertanejos com aquela gente de sotaque atravessado, que o homem pecuário chamava de “os gaúchos da *rivulução*” (BARROS, 2018, p. 150).

As requisições compulsórias eram solicitações dos ditos revolucionários de alimentos e animais de sela. Eram cartas assinadas por Luís Carlos Prestes com o compromisso de quando dafa vitória do movimento, todos seriam devidamente pagos. Algo incomum, estranho e não aceito por aqueles caboclos “fortes”, do homem disposto que esperava chover. Aquela gente que cantava com as águas nos olhos querendo viver. Em meio àquele sertão torrado, do céu azul, mas do gado magro e do açude seco.

Como vislumbrava isso aquele velho? Que no final da tarde sentava num banco de madeira, acendia o cachimbo, depois comia um prato de angu e não sabia de nada da vida do sul. Difícil era compreender ser tomado pelas armas, sua principal riqueza, o cavalo. Segundo Luís Carlos Prestes, este animal era a primeira arma da revolução⁵⁴. Tinham que tomá-lo, senão, atrás vinham os chamados legalistas e faziam o mesmo. Eis o principal motivo da repulsa do sertanejo contra a Coluna Prestes, que se configurou no geral numa relação de afastamentos e não de aproximações.

Convém destacar, o tamanho da importância deste animal naquela sociedade pastoril sertaneja, que “a vida humana, exposta à seca, à fome, à cobra e à tropa volante, tem valor reduzido – e por isso o júri absolve regularmente o assassino. O ladrão de cavalos é que não acha perdão. Em regra, não o submetem a julgamento: matam-no” (RAMOS, 2007, p. 137). Como senão bastasse os ciganos que eram considerados espertalhões e ladrões de cavalo, por isso mesmo, “o sertanejo evita-os, nega-lhes um caneco de água em tempo de seca e, invariavelmente, ensina-lhes o caminho errado” (RAMOS, 2007, p. 106-107).

⁵⁴ *Roda Viva | Luís Carlos Prestes | 1986*. Roda Viva. YouTube. 13 ago. 2020. 1h 56min 34s. Disponível em :< <https://youtu.be/aKkCysZb0V0>>. Acesso em: 28 fev. 2022.



Figura 7. FGVCPDOC.Passagem da Coluna Prestes pelo Maranhão:Quartel-general em Carolina(filme:169/6/15A16.Disponívelem:<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivopessoal/ILA/audiovisual/passagem-da-coluna-prestes-pelo-maranhao>>. Acesso em: 11 fev. 2022. Notar a presença do cavalo essencial na marcha durante as travessias pelos sertões.

Cumprer notor, que Graciliano Ramos demonstrou a importância do cavalo para os sertanejos, enquanto que Luis Carlos Prestes afirmou ser este animal a primeira arma da “revolução”. Isso também valia para as forças legalistas, não apenas nos sertões nordestinos, pois o então deputado Flores da Cunha em discurso no plenário do Congresso Nacional, em 1926, afirmou ser o cavalo a primeira arma do Rio Grande do Sul e que ele mesmo a utilizou quando comandou forças legalistas nesse Estado.

A utilização do cavalo do homem pecuário pela Coluna Prestes se dava através das chamadas requisições compulsórias, na prática correspondia a tomada pela força das armas. Tais requisições eram extensivas a mantimentos para alimentação, armamentos, munições e outros. Disso gerou aversão da sociedade sertaneja perante ao que se chamava de revoltosos.

A travessia da Coluna Prestes pelo Nordeste alterou as formas de sociabilidades em datas especiais. Como teriam vivido e manejado uma dessas experiências no tempo em Teresina, Piauí? Visto que “o natal, festa profana, alcança duas outras: Ano-bom e Reis. Começa a 23 de dezembro e termina a 6 de janeiro, representa uma solução de continuidade nas aperreações do sertanejo” (RAMOS,2007, p.13), foi exatamente neste ínterim que a sociedade teresinense passou pelo vexame da experiência da presença dos “revoltosos”.

No período do carnaval de 1926 a marcha da Coluna Prestes rompia as fronteiras da Paraíba para Pernambuco, certamente provocou alterações nestas sociabilidades festivas locais, em que o vigário já admitia a festa pagã, limitando a admitir o que considerava exageros da

festa e fazia ataques como o registrado, “acusou as primeiras mulheres que vestiram calças e montaram a cavalo de frente, escanchadas, como homens, mas este indício de perdição vulgarizou-se rapidamente, os silhões e o costume de cavalgar de banda caíram em desprestígio”(RAMOS, 2007, p. 20).

Além disso, o vigário costumava denunciar outras manhas dos inimigos da alma. Como “saias curtas das moças e braços descobertos [...] e julga que alguns centímetros de pele nua ocasionam prejuízo à cristã” (RAMOS, 2007, p. 20). Contudo, na década de 1920 automóveis circulavam pelo sertão. Meia dúzia deles, arrastando serpentinas, buzinando pelas ruas, transportando risos e alegrias no período de carnaval. Porém, estes hábitos foram drasticamente mudados pela passagem do movimento tenentista nos sertões .

A passagem da Coluna Prestes num lugar onde “viver é um negócio muito perigoso” (ROSA, 2019, p. 15), tudo móvel, fluido, ambíguo e enigmático. Trata-se de uma nebulosa chamada sertão, entrementes, até mesmo Lampião, observou atentamente essa travessia tenentista e dela tirou algumas importantes contribuições, umas delas, permitir a incorporação de mulheres no bando, sendo a primeira a chamada Maria Bonita, em 1930. Outra é inerente ao comando, pois, passou existir um comando central, mas com outros destacamentos, os chamados subgrupos, que não existia no cangaço. Isso é tributário do olhar atento de Lampião sobre Prestes e seus companheiros.

Como já foi dito, a literatura sempre trás algo da sociedade que a viu florescer, neste sentido, o autor de *Vidas Secas* é um dos principais intérpretes do sertão, sua literatura gira em torno do problema do outro, é um conto de alteridade, “uma consciência ao mesmo tempo individual e coletiva, vive o mundo da opressão, mas também o sonho da liberdade” (RAMOS, 2018, p. 247). É uma suprema coragem do escritor, arte é liberdade, como tal se opõe ao mundo da opressão em que vivemos.

Contém denúncia social, por exemplo, quando da partilha da quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos, o vaqueiro Fabiano desconfia que está sendo enganado, reclama, é ameaçado pelo patrão e logo diz “tolice, quem é do chão não se trepa” (RAMOS,2018, p.185). Mas por vezes protesta contra a arbitrariedade que é submetida o homem pecuário ao ser preso injustamente por um soldado, que dizia representar a ordem estatal. É uma denúncia social contra a opressão ao sertanejo. “Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente” (RAMOS,2018, p.65).

4.7 A luta pela pacificação do país e o desarmamento dos sertões

Reverberou no plenário do parlamento da República, proposta epistolar dirigida a Luís Carlos Prestes, intimando-o a deposição das armas, em troca de garantias e anistia geral a ser votada pelo Congresso. Da tribuna, Batista Luzardo, referiu-se à entrevista concedida pelo padre Cícero para o periódico, *O Ceará*, de Fortaleza e transcrita em *O Jornal*, na capital federal, nela o clérigo cearense confirmou o envio da carta. O parlamentar pelo Piauí Pedro Borges, mostrou discordância e informou, que:

Os rebeldes saquearam uma fazenda de propriedade de seu pai, roubando tudo, inclusive joias da família. O orador, achando natural a indignação do deputado piauiense, pede-lhe que também dê seu depoimento acerca dos fatos que se relacionam com a morte de Nogueira Paranaguá. Há vários protestos de membros da bancada do Piauí (A GAZETA, 13 ago. 1926).

No Recife, o *Jornal Pequeno*, dedicou-se a publicar os bastidores de conversações na Câmara Federal inerentes a pacificação do país, trazendo diálogos entre deputados. O paulista João Faria, estaria autorizado a negociar com o gaúcho Assis Brasil, considerado o “chefe” civil dos jovens militares rebelados, a anistia aos revolucionários. Ademais, o então deputado Washington Luiz, estava na iminência de assumir a Presidência da República a 15 de novembro e gostaria de governar em paz (JORNAL PEQUENO, 28 set. 1926). Luís Carlos Prestes confirmou contatos de padre Cícero para tratar da anistia aos tenentistas, porém, eles não estavam dispostos em baixar as armas.

Ele mandou pedir para conversar conosco, nós é que não fomos lá porque achamos que não era diplomático, não era útil naquele momento irmos conversar com ele tanto mais que ele estava a favor da anistia, de acabar com essa luta armada, etc. Era a posição dele e estava disposto a nos recebê-los. Essa informação fiel eu tive de pessoas sérias quando nós passamos de volta, não passamos no Ceará de volta, fomos diretamente de Pernambuco para o Piauí⁵⁵.

Fazendo um amplo inventário das tratativas de um acordo para anistiar os participantes da Coluna Prestes, o noticioso recifense, registrou o argumento de que os revolucionários estavam rebelados em oposição ao autoritário governo do presidente Arthur Bernardes, mas este estava próximo do fim, dessa forma, não haveria mais objeto de contestação por parte dos rebeldes, todos os deputados que participaram da discursão foram favoráveis a um entendimento para pacificação nacional, dentre eles, “Ataliba Leonel e Fabio Barreto(SP), Luzardo(RS), Agamenon Magalhaes (PE) e o baiano Octávio Mangabeira” (JORNAL

⁵⁵ CANGAÇOLOGIA. *LAMPIÃO COMBATEU A COLUNA PRESTES?* Youtube. 11 fev. 2022. 4 min 11s. Disponível em: < <https://youtu.be/VOsaDLhvsko> >. Acesso em: 17 fev. 2022.

PEQUENO,28 se set.1926).

Rastreando o mundo político no limiar de 1927, constata-se a permanência das discursões, quais sejam: as relações entre o governo federal e o cangaço de Lampião no combate aos tenentistas rebelados do exército, conforme verificado no discurso proferido por Mauricio de Lacerda, candidato a deputado federal pelo Rio de Janeiro, ‘não sei quem é maior no crime, se Artur Bernardes estabelecendo a legalidade do sertão no Catete, se Artur Lampeão estabelecendo a legalidade do Catete no sertão: - o cangaço a serviço da lei ou a lei a serviço do cangaço’(A PROVÍNCIA, 18 jan. 1927).

Na década de 1920, os sertões do Nordeste era um palimpsesto, onde se presenciava a guerra chamada cangaço, o que poderá ser melhor compreendido com os conceitos e abordagens da nova história militar, em conformidade com Cardoso e Vaifas(2012). Neste sentido a “maquina de guerra” dos jovens oficiais rebelados atravessou no meio da região que poderá dizer ser o epicentro do cangaço de Lampião, qual seja, o Riacho do Navio, nas palavras de Luís Carlos Prestes:

Atravessamos a região mais frequentada por ele que é o Riacho do Navio, que é um riacho logo depois do Pajeú, na direção do litoral. Aí tivemos um choque com um grupo cangaceiro [...] quando ele percebeu que a tropa não era dos macacos da polícia eles cortaram e foram embora⁵⁶.

Setores políticos, e da imprensa convergiam para o entendimento de cessar os conflitos, o que significava anistiar os tenentistas e combater os cangaceiros, Assis Chateaubriand⁵⁷ assinou um artigo publicado por *O Jornal*, em que defendia a urgente necessidade de desarmamento dos sertões, como forma de minimizar os malefícios advindos do governo anterior, quando do armamento das populações sertanejas, “cada dia que passa, sem que o governo tome uma iniciativa para desarmar os bandos de celerados, aos quais o governo passado deu fuzis, fuzis-metralhadoras e munições, é um dia perdido para a tranquilidade do Brasil. Em pleno sítio”(O JORNAL, 29 jan. 1927).

O mesmo jornalista afirma que o ponto de vista do ministro Octávio Mangabeira

⁵⁶ CANGAÇOLOGIA. *LAMPIÃO COMBATEU A COLUNA PRESTES?* Youtube. 11 fev. 2022. 4 min 11s. Disponível em:< <https://youtu.be/VOsaDLhvsko>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

⁵⁷ Assis Chateaubriand ou Chatô, foi jornalista, escritor, advogado, professor de direito, empresário, mecenas político brasileiro. Destacou como um dos homens públicos mais influentes do Brasil entre as décadas de 1940 e 1960. Era membro da Academia Brasileira de Letras. Chateaubriand foi um magnata das comunicações no Brasil entre o final dos anos 1930 e início dos anos 1960, dono dos Diários Associados, que foi o maior conglomerado de mídia da América Latina, que em seu auge contou com mais de cem jornais, emissoras de rádio e TV.

corroborava com sua opinião sobre o desassossego sertanejo, ‘as populações do interior da Bahia temem muito menos as incursões da Coluna Prestes do que os batalhões patrióticos do deputado Francisco Rocha’ (O JORNAL, 29 jan. 1927). Entretanto, a desordem causada pelo destacamento legalista do referido político baiano era extensiva a outras regiões, sobretudo, pela composição dessas forças por elementos possuidores de diversas tipificações de crimes, com destaque para jagunços e cangaceiros.

Há veemente defesa no texto de Assis Chateaubriand para a tomada de providências capazes de corrigir os equívocos praticados no pretérito, orienta o Presidente ouvir seu Ministro das Relações Exteriores, por ele estar a par dessa realidade resultante da decisão de armar jagunços e cangaceiros, “que a demência do Sr. Arthur Bernardes pensou transformar em colunas da legalidade [...] o Sr. Mangabeira se acha inteiramente a par das depredações, dos saques, dos horrores, perpetrados no seu estado pelo jaguncismo oficializado durante o último quadriênio” (O JORNAL, 29 de jan. 1927). Chateaubriand adicionou outras informações:

Lampeão era um malfeitor de posses limitadas, com um raio de ação restrito e um grupo pequeno de bandoleiros. O governo federal armou-o. Deu-lhe vastos elementos de armas e munições. Improvisou-o em esteio da república. Mandou escrever editoriais na imprensa mercenária do Rio dizendo que o sicário famigerado valia moral e civicamente, dez vezes mais do que qualquer brasileiro revoltado contra o governo concussionário do Sr. Arthur Bernardes (O JORNAL, 29 de jan. 1927).

Os profissionais da imprensa a partir de seus diferentes locais de emissões de discursos com frequência passaram a combater o cangaceirismo e o desarmamento das populações sertanejas. Dentre eles, destacamos Assis Chateaubriand, no seu entendimento escreveu que: “O cangaceirismo no Nordeste não é um mal agudo, mas sim, uma diátese que é preciso encarar com outros recursos normais, além das carabinas e dos fuzis das polícias agora apontados contra os salteadores” (O JORNAL, 25 jun. 1927).

Enquanto Chateaubriand lançava um *delenda est cangaço*, também acusava o Estado brasileiro pelo apoio dado ao cangaceirismo, “Lampeão teve do governo federal recursos de guerra de toda a sorte e ainda jornalistas e oficiais do exército para erguê-lo à craveira do servidor da pátria” (O JORNAL, 29 de jan. 1927). O autor considera ter como consequência macabra, o fato desse cangaceiro andar impunemente afrontando a ordem, as autoridades e justiça de vários estados. Cumpre notar que o responsável pelo escrito, rico em detalhes caminhava para uma aproximação política com o novo governo, o de Getúlio Vargas instalado a partir de 1930. Tornou-se o magnata das comunicações do país.

Por fim, um apelo para cessar o mal da devastação causada pela distribuição de armamentos a bandidos sob pretexto de combate a Coluna Prestes, “não demore o SR.

Washington Luís, mais um dia com a medida da arrecadação dessas armas” (O JORNAL, 29 jan.1927). Era o início de um esforço que durou anos, de desarmar os sertões, que veio a ter pouca eficácia. Porém, na Chapada Diamantina (BA), o coronel Horácio de Matos aceitou a proposta, teria arrecadado e devolvido cerca de vinte mil armas, na entrega do último lote foi preso e levado para Salvador, onde morreu assassinado em 1931.

Entretanto, em Nazaré, distrito de Floresta (PE), as determinações no sentido de desarmar a população foram prontamente recusadas, tratava-se dos chamados nazarenos, considerados os maiores inimigos de Lampião, uma vez desarmados, vislumbravam eles que seriam trucidados e o vilarejo queimado pelo bandido, coisa que o cangaceiro tentou, porém, impedido pelos moradores do local, que de acordo com Barros(2018) pode ser considerado um ato de bravura.

O Cariri cearense, se constituiu num universo possuidor de inúmeras constelações de fatos, que propiciam a observação do nebuloso mundo político nos sertões da época, verificável na ocasião em que a força de polícia estadual encontrou armas, “apreendeu 19 fuzis Mauser, que viajavam por conta do prefeito de Araripe, coronel Pedro Silvino. Todos os fuzis têm a marca ‘Padre Cícero’ [...] entre os seis condutores dessas armas, viajava um criminoso de homicídio” (A GAZETA, 5 ago. 1926). Não é custoso notar que as armas foram presas, não as pessoas sob proteção do sacerdote.

Também pertenceram a Assis Chateaubriand, a análise política noticiada por *O Jornal*, em editorial concernente à saída da Coluna Prestes do território brasileiro no desabrochar de fevereiro de 1927. Na alegria de anunciar a entrada da Coluna Prestes na Bolívia e conclamar que era hora de agir para a pacificação, são estas as palavras do autor, considerando ser louvável a atitude “destes jovens militares, que se revoltaram e que acabam de depor as armas diante das autoridades bolivianas [...] Eles poderiam ter permanecido mais dois, quatro, seis, oito e dez anos, de carabina em punho, que nenhum exército lhes poderia deitar a mão (O JORNAL, 11 fev. 1927).

Findado o movimento de contestação promovido pelos jovens militares, coube perguntar “não estão vendo Lampeão, antigo aliado do governo passado, com cem fuzis que lhe mandou entregar o Sr. Arthur Bernardes, o que está conseguindo fazer no interior?” (O JORNAL, 11 fev. 1927). Contudo, para este órgão de imprensa, o gesto de Luis Carlos Prestes e dos seus companheiros era um interesse pela pacificação. Portanto, “o perigo, para o governo, não está em atrair estes homens à coletividade brasileira, porque celerados, salteadores, são os jagunços que aí estão, de armas na mão, atemorizando o sono da gente ordeira do interior” (O JORNAL. 11 fev. 1927).

A estratégia do governo federal durante a presidência de Arthur Bernardes utilizou-se do

coronelismo, que para Leal (2012) constituía numa rede horizontal de poder que ia desde de o nível municipal passando pelo estadual e em última instância o nível federal. Através da elite política local, os coronéis, arregimentou jagunços e cangaceiros para combater a Coluna Prestes, se isso teve efeito prático no sentido de desarticular o movimento tenentista, mas não foi o suficiente para derrotá-lo.

Quando a Coluna Prestes renunciou a luta, nos sertões e seguiu para o exílio não significou para o meio político e na imprensa através dos jornais, a imediata pacificação do país, visto que, jagunços e cangaceiros estavam armados continuando a praticar violência e banditismo nos sertões do Nordeste do Brasil, daí as constantes cobranças para que o governo federal recolhesse as armas que dantes havia distribuído para levar a paz para as populações das áreas atingidas.

É sabido que o Brasil no quadriênio de 1922-1926 governou-se sob Estado de Sítio, mas não sem contestação, temática trazida à tona por parte da imprensa nacional, ou seja, não pertencente a chamada legalista, que procurava desconstruir o movimento dos oficiais rebelados, quando do contraditório elo do governo com Lampião, “um dos jornais que mais se jactam de traduzir o pensamento íntimo do governo, se permitia à ignominia desta comparação: Lampeão é o capitão Luis Prestes, o capitão Prestes é Lampeão” (O JORNAL, 19 ago. 1926).

A distinção entre ambos é sugerida pelo diário noticioso “Lampeão é um bandido, é um salteador vulgar, um miserável que assassina para roubar, um degenerado, que se fez cangaceiro, afim de, delapidar os bens e tirar a vida dos seus semelhantes.” (O JORNAL, 19 ago. 1926). Ao passo que, “o capitão Prestes, é um revolucionário, e enquanto não for julgado por um conselho de guerra ou um juiz civil, faz parte do Exército Brasileiro” (O JORNAL, 19 ago. 1926). E ainda completa:

A imprensa não tem o direito de escrever isto, por amor, antes de tudo, das classes armadas da nação. Do Exército nacional, que é uma escola de honra, não podem sair Lampeões, para pilhar a fortuna privada. Pode-se dizer que o capitão Prestes, um moço o qual não tem ainda 30 anos, se transviou que ele não deveria ter-se envolvido num motim, que o papel do Exército é preservar a defesa nacional, mas apresentar o chefe dos revoltosos como o concorrente de salteadores e uma vilania que só mostra no anônimo que o escreveu o desconhecimento da caserna brasileira (O JORNAL, 19 ago. 1926).

A relação entre padre Cícero e Lampião não esteve restrita a ocasião dos batalhões patrióticos, embora, seja a única data que se possa afirmar ter existido um encontro presencial entre ambos, mas remonta a acontecimentos pretéritos a esses. Aqui destacamos o caso de Antônio da Piçarra, considerado por muitos o maior coiteiro de Lampião no Ceará, transformou-se em protetor do cangaceiro em função de uma solução traçada pelo clérigo. Qual

seja, Antônio estava sendo extorquido e ameaçado pelo cangaceiro Horácio Novais⁵⁸.

Antônio da Piçarra pensava em viajar para o Maranhão, porém, mudou de ideia após conversar com padre Cícero que lhe disse, “tá ruim. O que você vai fazer? – eu faço o que o senhor mandar![...] se o senhor mandar esse dinheiro, quando acabar Horácio manda pedir mais. Quando o senhor não tiver mais pra dar, ele lhe mata”(BARROS, 2018, p. 205). Dias depois, chegou a procura do padre, parentes de Lampião que fugiam de Pernambuco sob ameaça de morte. O clérigo deu um cartão a eles e os rapazes foram com a família para a fazenda Piçarra, “aí o Padre Cícero me disse que Horácio não podia fazê mais nada comigo, porque a família de Lampião estava na minha fazenda (BARROS,2018, p.205).

Percebe-se uma dualidade de padre Cícero em relação a Prestes e a Lampião, enquanto era acusado de jogar a “máquina de guerra” do cangaço para cima da Coluna, o sacerdote escrevia para a Coluna Prestes ganhando a simpatia dos rebeldes, como demonstrou o secretário do movimento tenentista, Lourenço de Lima, “Floro fechou o negócio, recebeu mil contos de réis, armas e munições, e partiu para o Ceará, onde reuniu o ‘cangaço’ contra a vontade do padre que, já passando dos 80 anos de idade, não teve energia para se opor a isso” (LIMA,1979, p.244).

O próprio Luís Carlos Prestes, ao ser entrevistado em 1983, afirmou ser aquilo tudo, um jogo de poder deliberado pela alta cúpula da República “era um choque de projetos políticos e o governo não ia arriscar o poder! O padre Cícero era um ingênuo bem intencionado” (BARROS, 2018, p.214). No diário de campanha redigido por Lourenço de Lima, ele acusa o recebimento de carta do padre, ao mesmo tempo, afirma que as articulações do presidente da República foram responsáveis para colocar no Almanaque do Ministério da Guerra, nomes que deveriam constar nos livros das penitenciárias:

Bernardes mobilizou todo o “cangaço” nacional, do sul ao norte, e dos seus maiores façanhudos chefes fez oficiais da reserva do Exército. E assim, esses egressos das cadeias, tipos repugnantes de assassinos, ladrões e estupradores, veem seus nomes figurando no Almanaque do Ministério da Guerra, quando deviam ser inscritos nos livros das penitenciárias [...] Mas, essa inversão da lógica estava de acordo com a época [...] um governo de saqueadores dos cofres públicos, como era o de então, só podia ser defendido por uma horda dessa natureza (LIMA, 1979, p. 244-247).

Pesavam sobre o padre Cícero, acusações de ter feito um plano para destroçar a Coluna Prestes nos sertões nordestinos, sobretudo, de recrutar Lampião para a tarefa. Ao mesmo tempo, o clérigo enviou cartas para o comando do movimento tenentista disposto a ajudá-los, o que

⁵⁸ Horácio Novaes, cangaceiro conhecido e temido oriundo da região do Riacho do Navio, sua atuação chegava ao cariri cearense. Por vezes incorporou seu grupo ao comando de Lampião.

passou a ser considerado uma dualidade. A conduta do padre dava espaço para todo tipo de especulações. Mas, conforme Luís Carlos Prestes e Lourenço de Lima, tudo aquilo foi arquitetado pelas cimalhas da República, na figura do presidente Arthur Bernardes, eram decisões da cúpula da República com tratativas diretas com o deputado Floro Bartolomeu da Costa e não de um simples pároco.

4.8 Coluna Prestes deixa os sertões nordestinos rumo ao exílio

Na Bahia, a Coluna Prestes esteve diante da “máquina” de guerra montada pelo Estado brasileiro numa estratégia de combate aos tenentistas elaboradas pelas altas patentes das forças armadas, em consonância com setores civis do governo Arthur Bernardes. Em 1955, o general Pedro Aurélio de Góes Monteiro, durante meses deu depoimentos ao jornalista Lourival Coutinho, que os sistematizou e publicou em um livro intitulado *O General Góes Depõe*, oportunidade em que este general reivindicou para si a criação da estratégia para combater os rebeldes.

No período da luta de perseguição a Coluna Prestes, o então capitão Góes Monteiro era chefe do Estado-Maior do destacamento do general Mariante, durante treze meses (no ínterim de janeiro de 1926 a março de 1927), atuou para deter os tenentistas na Bahia, ele mesmo discorre sobre as providências tomadas naquela ocasião, quais sejam:

O General Mariante não pôde interceptar nem dispersar o avanço da Coluna Prestes através dos sertões baianos; mas, por sugestão minha, organizou grupos aligeirados que se denominaram ‘Grupos de Caça’, denominação esta que lhe valeu sérias críticas no Estado-Maior do Exército e mesmo das polícias militares estaduais que faziam invencível resistência passiva. O governo apelou para o expediente de organizar esses grupos volantes aproveitando-se do mercenarismo dos jagunços ou cangaceiros e, deste modo, a muito custo, fomos levando a efeito a perseguição com essas tropas irregulares, alistadas pelos chefetes políticos dos sertões, atroco de boa paga, do que se aproveitavam ainda mais os empreiteiros dos grossos negócios para enriquecer com facilidade, à custa da orfandade, da viuvez, da perda dos pequenos bens e do sangue derramado dos soldados brasileiros. Esses grupos volantes recebiam armamento e fardamento do Exército para executarem essas tarefa macabra[...] (COUTINHO,1956, p.35-42).

No mês de abril de 1926 o comando das tropas legalistas andou de navio no trecho navegável do rio São Francisco, entre Bahia e Minas Gerais. Passando pelos municípios Nominando Casa Nova, Pilão Arcado, Remanso, Torrinha, Bom Jesus da Lapa, Januária, Pirapora e outros. Inerente a esta região assim se referiu o general Góes Monteiro:

Era também a zona da fina-flor da jagunçada com os respectivos ‘coronéis’, verdadeiros senhores absolutos da política nos sertões do Brasil colonial, com

revestimento ancestral de feudalismo. Travamos conhecimento com muitos desses verdadeiros donos da terra, uns de fisionomias patibulares, agressivos, outros de semblantes angelicais, cheios de mansuetude, mas, no fundo, todos iguais, todos eles vivendo uma existência fascinosa, à margem da lei e dos ensinamentos de Deus [...] em Pirapora o general Mariante estabeleceu o seu quartel-general. A Coluna Prestes havia atingido a zona norte de Minas, em vários pontos, e se aproximava de Grão Mogol, Montes Claros e Diamantina, regiões essas, por sua vez, submetidas também ao cangaceirismo mineiro [...] A Coluna Prestes começou a atravessar Pernambuco e entrou no Piauí, perseguida tenazmente por ‘Grupos de Caça’(COUTINHO, 1956, p. 35-42).

Diante do exposto, fica demonstrado que o cangaço foi usado tanto por aqueles que almejavam lucros econômicos, como pelas instituições governamentais (exército, governo federal, deputados) também na luta interna como braço armado nas disputas no seio da classe dominante. De acordo com Luitgarde Barros, “ Generais, governantes, magistrados, deputados, industriais, altos comerciantes e fazendeiros armaram cangaceiros, deram-lhe patentes, negociaram com eles, enfim, constituíram o mundo do cangaço enquanto lhes foi proveitoso (BARROS,2019, p. 216).

Cumprir verificar, que o avanço da grande marcha brasileira, perdeu forças na Bahia, região das lavras diamantinas, na peleja com Horácio de Matos⁵⁹, coronel a serviço do governo federal, dispoñdo um Batalhão Patriótico, composto por jagunços armados e treinados a combater em consonância com as condições topográficas locais. Foi um grande revés para a coluna tenentista, interrompendo o avanço contínuo que supunha chegar a Salvador, obrigando o movimento formular outra tática de luta, forçosamente a Coluna Prestes promoveu um recuo, porém, perseguidos tenazmente durante toda a marcha de regresso, pelos jagunços do coronelato da Chapada Diamantina.

A grande marcha de mais de 25 mil quilômetros chegou ao fim, batalhas com mercenários e tropas do governo. Soldados dizimados pela fome e doenças infectocontagiosas. A coluna nunca foi vencida, dos quase 2.000 homens restaram apenas 600, em 2 anos a Coluna foi testemunha da miséria nos sertões do país. O objetivo principal perdeu seu objeto, que era a deposição de Artur Bernardes, restava agora lutar pela mudança na realidade política e social.

Os componentes da Coluna Prestes, no limiar de fevereiro de 1927 estavam exilados em Santa Cruz de La Sierra, seu comandante principal ganhou destaque político na década de 1930. Astrogildo Pereira, um dos secretários do Partido Comunista foi um dos primeiros visitantes no exílio, o jornalista trazia alguns presentes, artigos de Lênin e o manifesto

⁵⁹ Horácio de Matos foi chefe de um exército de jagunços, envolvendo-se em diversas lutas armadas ao longo da vida - inclusive de forma capital na perseguição à Coluna Miguel Costa-Prestes. Foi intendente de Lençóis, então rico centro minerador, Senador estadual, verdadeiro símbolo do coronelismo que pautou a política brasileira durante a Velha. Tornou-se rico com a extração e comercialização de diamantes.

comunista, era o primeiro contato de Luís Carlos Prestes com o Marxismo⁶⁰.

Na crise de 1929, a velha república agonizava nas mãos de Washington Luís, Getúlio Vargas lidera um movimento, era necessária uma revolução, mas quem eram os revolucionários? Os tenentistas. O comando das tropas foi oferecido a Luís Carlos Prestes, mas logo Getúlio e seus pares perceberam que seu projeto estava perigosamente radical, ao contrário dos demais tenentistas, Prestes não participa do governo de Getúlio Vargas instalado em 1930.

E o que houve de concreto de combates entre a Coluna Prestes e o cangaceiro Lampião? Na prática, algo restrito à batalha do Cipó em Pernambuco, aqui já citado, ambos sabiam que seus inimigos eram outros. É bem verdade que Lampião incorporou dos forasteiros as noções de guerra que lhe eram úteis. Mas, para a rica e fértil arte da gesta dos poetas populares, Lampião travou com a Coluna Prestes o maior dos combates, nos sertões do Nordeste do Brasil. Para a gesta poética não reinam dúvidas, nem contradições, vejamos a transcrição integral conforme consta em Mello (2012), a começar dos conselhos de padre Cícero a Lampião, em 1926:

Quando o exército revoltoso
Pelo Nordeste passou,
Três batalhões patrióticos
Padre Cícero organizou
E a um desses batalhões,
Que defendiam os sertões,
Lampião se incorporou.

Lutando com os rebeldes
Achava-se um batalhão
Patriótico do Juazeiro,
Quando chegou Lampião
Com seu grupo terrorista,
E ali, se fez legalista,
Entrando logo em ação!

Os soldados patrióticos
Já estavam quase perdidos
Porque, pelos revoltosos,
Estavam sendo envolvidos
Porém, Lampião chegou,
De retaguarda, atacou...
Foram os rebeldes vencidos

Os revoltosos fugiram

⁶⁰ *O Velho - A História de Luiz Carlos Prestes*. Yuriabyazacosta. Youtube. 07 out. 2011. 1 h 44min 34s. Disponível em: < <https://youtu.be/1u02uqMK6Ek>>. Acessado em: 18 jan. 2021.

Em debandada geral!
 Lampião matou uns dez
 E tomou de um oficial
 Um rifle e uma espada
 Que, consigo, foi guardada,
 Como um troféu sem rival

Comandava o batalhão
 Um tenente, seu amigo
 O Chagas, que então lhe disse:
 - Lampião irás comigo
 À cidade do Juazeiro
 Eu serei teu companheiro
 Te darei seguro abrigo

Lampião mui satisfeito
 Esse convite aceitou
 Pois, lá,tinha ele parentes
 E, a todos visitou
 Chegando ali Lampião,
 Do padre Cícero Romão,
 Uma bênção implorou

Disse-lhe o padre; - Meu filho,
 Não persista no pecado,
 Deixe a carreira dos crimes
 Se torne um regenerado.
 Se me promete deixar,
 Lhe prometo trabalhar
 Pra você ser perdoado.

João Martins de Ataíde dá fé de tudo na longa reportagem Entrada de Lampião, acompanhado de cinquenta cangaceiros, na cidade do padre Cícero , da mesma data, transcrita aqui parcialmente, no que interessa ao tópico:

Em cipó, de Pernambuco
 Estava um combate travado,
 Por contingentes legais
 Com um grupo revoltado
 Se Lampião não chegasse,
 Que aos legais ajudasse,
 Tudo estava derrotado

De um batalhão patriota,
 Da primeiracompanhia
 Do senhor tenente Chagas
 Por cento, se acabaria
 Se não fosse Lampião
 Que se meteu na questão,
 Até que o chefe morria ...

O combate foi renhido,

Foi uma luta de glória,
 Uma espada da briosa
 É o facho da vitória,
 Que Lampião apresenta,
 Dizendo: - Esta ferramenta
 Leva meu nome à História!(MELLO,2012, p.98-100).

Eis a riqueza da gesta, fruto da imaginação do poeta dito popular, que de acordo com Barros (2019) é proporcionado pela literatura, pois ela sempre traz algo da realidade que está inserida. Além da arte que lhe era imanente, os poetas de gesta eram os grandes comunicadores do sertão, pois transitavam de feira em feira, atravessando diversas localidades, levando e trazendo notícias, e, não devemos esquecer dos ciganos que faziam algo semelhante, ambos se constituíam em fontes de informações no sertão naquela época.

A década de 1920, o Brasil viveu um cenário de guerra. Para estudá-la devemos adotar novidades como as sugeridas por Sanches (2010), na adoção de uma perspectiva interdisciplinar, seguida pela relativização da história militar como a proposta de novos objetos e abordagens. Uma outra novidade seria uma certa “antropologização” que emerge da história militar. Através das várias fontes, fizemos algumas citações da época, que constitui numa forma de abrir algumas janelas do tempo para o passado.

O movimento que se convencionou chamar de Coluna Prestes vislumbrou no horizonte de expectativa da época a possibilidade de promover mudanças estruturais na política oligárquica que dominava o país, talvez por isso, alguns jornais quando se referiam aos oficiais rebeldes chamados genericamente de tenentes utilizava o termo revolucionários, até mesmo parlamentares notadamente os de oposição ao governo Artur Bernardes, é o caso de Batista Luzardo que sempre se referia aos tenentistas como revolucionários.

Teria sido a Coluna Prestes uma revolução? Nesta dissertação evitamos caracterizar Prestes e seus companheiros de luta como revolucionários mesmo considerando que o conceito de revolução é polissêmico. O movimento tenentista, talvez, tenha sido a maior contestação política da Primeira República, mesmo que seus objetivos não tenham sido alcançados, os tenentistas plantaram a semente para que o “novo” viesse com o advento da Revolução de 1930 que levou Getúlio Vargas ao poder.

Quanto ao movimento do cangaço, este continuou existindo mesmo entrementes ao Governo Vargas, que foi gradativamente destruindo os alicerces que davam sustentação ao cangaceiro Lampião tirando dele todas as condições favoráveis que delas tirava proveito na década de 1920. Na Era Vargas, a verticalização do poder político resultou em maior repressão ao banditismo e seus protetores, além da chegada do “progresso” no sertão que passou a ser

cortado por estradas, circulando automóveis, ônibus e caminhões. Tudo isso tirava os sertões do isolamento, atuando em desfavor do cangaceiro Lampião que morreu numa guerra de comandos em julho de 1938.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem.

(KOSELLECK,2012,p.306).

Transcorrido 100 anos que Lampião assumiu o comando de grupo no cangaço, inaugurando o chamado tempo lampiônico e também um século do advento histórico denominado Levante dos 18 Forte de Copacabana, considerado o marco inicial do movimento tenentista que culminou no que foi conhecido como Coluna Prestes. Resolvemos problematizá-los, ambos os acontecimentos ocorridos a partir do ano de 1922. O historiador do século XXI lançou um olhar para o passado no século XX, por julgar interessante fazer reflexões acerca da conjuntura conflitiva que marcou a década de 1920.

Primeiro comportou uma meditação sobre o cangaço e suas balizas espaçotemporais que teve como palco, os sertões do Nordeste do Brasil. As abordagens adotadas pela pesquisa são de que o cangaço, não foi algo único, mas múltiplo com identificação de três modalidades básicas, o cangaço de vingança, de refúgio e o meio de vida. Este último discutido mais centralmente por ser o tipo de cangaço praticado pela sua expressão máxima, o cangaceiro Lampião, considerado típico bandoleiro profissional, individualista e com ausência de aspirações coletivas.

Concebemos o cangaço de Lampião com uma forma de banditismo grupal e armado desenvolvido nos sertões, não pelo caráter social, nem causado exclusivamente pelas intempéries e adversidades sociais que assolavam o semiárido, muito menos foi o cangaço, uma resposta a repressão, imposta pela elite local armada, os chamados coronéis. Pesou muito para a eclosão do cangaço nos sertões nordestinos, os valores da sociedade pastoril sertaneja, um código de ética, *ethos* próprio norteado por uma moral ou honra marcada pela violência, individualismo e vingança privada diante da ausente ou fraca ordem estatal.

Demonstramos as territorializações do cangaço nas primeiras décadas do século XX, o lugar exercido pelo Piauí perante este fenômeno de banditismo por ocasião da vinda de fluxos migratórios de outros estados do Nordeste, os chamados maniçobeiros para trabalhar na extração da borracha de maniçoba, entre eles, entravam no Piauí cangaceiros que passavam a promover desordens nas áreas em que atuavam. O Piauí geralmente escamoteado nos estudos

do cangaço, nesta dissertação é inserido à medida que essa pesquisa identifica a presença de cangaceiros nesse Estado.

Ao encontrar pontas, unir fios que conectam o Piauí com o fenômeno cangaço, tivemos os cuidados de atentar para suas especificidades em relação aos tipos de ocorrências encontradas nos estados em que verificou-se a presença do cangaceiro Lampião, por isso mesmo, mais estudados. As fontes indicaram a presença de cangaceiros no Piauí durante e depois do ciclo da maniçoba, este Estado foi utilizado pelo cangaço para homiziar e fazer travessias de cangaceiros para outras unidades federativas, tendo como maior área de ocorrências, o Sudeste do Piauí.

Tratamos das relações de poder do cangaceiro Lampião que possibilitaram exercer o domínio pelo terror sobre áreas nos sertões, ser considerado o mais bem sucedido e longo dos cangaceiros, montar uma “máquina de guerra” nômade que tornou-se lucrativa formando uma “indústria” do cangaço que movimentava vultosos capitais. Tudo isso foi possível porque Lampião sabia construir espaços, as seduções do cangaço foram responsáveis por atrair coronéis que se convertiam em protetores e coiteiros do cangaceiro.

Aliança de Lampião com coronéis significou lucros para ambas as partes, essa elite local garantia ao bandoleiro além de proteção em suas fazendas, fornecimento de armas, munições e informações sobre a repressão policial, era uma engrenagem que formava uma rede de apoio logístico que dava sustentação ao banditismo praticado por Lampião, indo desde o mais simples vaqueiro ao mais poderoso coronel, chegou até a envolver governador, no caso específico de Sergipe.

Nas indicações oriundas das fontes, não verificamos acepções no sentido do cangaceiro Lampião praticar o que se convenciou chamar de banditismo social, nem que era antagônico aos coronéis, que estava no cangaço numa missão de vingança contra a opressão da elite local que resultou na morte dos pais, isso era apenas o escudo ético, na realidade, muito pelo contrário, os pais morreram porque o filho já era bandido e as consequências advindas desta condição resultaram num espólio de encrencas para toda a família. Constatou-se portanto, que a regra geral era de aproximações do cangaceiro Lampião com coronéis, ainda que existisse exceções.

Compreendemos que Lampião representou o esplendor do conflito denominado cangaço, este por sua vez, foi o maior presenciado nos sertões nordestinos durante a Primeira República, mesmo que pese a guerra total de Canudos. Enquanto que a Coluna Prestes inaugurou o auge de contestações ao que os componentes do Estado Novo resolveram chamar de República Velha. O movimento tenentista teve consequências na política brasileira

especialmente na terceira e quarta década do século XX.

A segunda parte da dissertação dedicamos a fazer reflexões sobre as travessias da Coluna Prestes pelos sertões do Nordeste, problematizamos esta passagem com centralidade na articulação política e a estratégia do governo federal para combater os chamados revoltosos, para tanto, criou os destacamentos de guerra movél denominados de batalhões patrióticos, Lampião, o chefe de banditismo grupal e armado, tornou-se legalista a serviço do estado brasileiro na missão de combater os tenentistas.

Antes porém, discorremos que a Coluna Prestes entrou no Nordeste pelo Maranhão, daí deslocou-se para o Piauí, chegando até sua capital onde promoveu o que ficou registrado como cerco a Teresina, onde encontrou forte resistência das forças ditas legalistas oriundas de diversas unidades federativas. Diante da superioridade numérica de combatentes, do arsenal bélico do inimigo e da prisão de Juaréz Tavóra, um de seus principais líderes, a Coluna Prestes deixou Teresina e partiu para o Ceará, onde o governo federal delegou atribuições legais ao deputado Floro Bartolomeu para que derrotasse os tenentistas em solo cearense.

No Ceará, a resistência legalista comandada por Floro Bartolomeu foi preparada com antecedência, sob o comando do citado deputado que preparou o palco de batalhas, fez a arregimentação de milhares de homens, distribuiu armas e munições do exército fornecidas diretamente pelo governo de Arthur Bernardes. E ainda, fez as tratativas de convidar o cangaceiro Lampião para ingressar nos batalhões patrióticos e combater a Coluna Prestes.

Contudo, verificamos um emaranhado de problemas que contaminaram a estratégia governista para dar cabo aos rebeldes. De forma súbita, Floro Bartolomeu teve a saúde afetada saiu da luta para tratamento médico, morreu no Rio de Janeiro. O comando dos batalhões patrióticos de forma improvisada foi assumido por Padre Cícero, este foi responsável pelo ingresso de Lampião nas forças legalistas durante encontro do clérigo com o bandoleiro no Juazeiro do Norte (CE).

Ao ingressar nos batalhões patrióticos do Juazeiro, Lampião teve a oportunidade de trocar sua velharia de armamentos por armas novas, o que de mais moderno o exército brasileiro possuía, no entanto, no momento da sua incorporação nas forças legalistas, a Coluna Prestes já havia rasgado as fronteiras do Ceará e já se encontrava na Bahia, para onde Lampião se deslocou para combater o que ele chamava de revoltosos.

Por questões financeiras, demonstramos que depois de inúmeras cobanças pelos serviços supostamente prestados ao governo, Lampião esperava ser atendido por padre Cícero que interrompeu contatos com o bandoleiro e recusou-se a recebê-lo novamente, disso resultou que aliança de Lampião com o governo federal chegou ao fim, o cangaceiro desfez-se o engano

e voltou-se integralmente para o mundo do cangaço. Mas, a Coluna Prestes continuava a enfrentar esses destacamentos de guerra movél chamados de batalhões patrióticos nos sertões.

A historiografia e as fontes conduziram a pesquisa a estar diante da cobertura da imprensa desses acontecimentos por meio dos jornais, o que gerou ampla repercussão e de maneiras diferentes a depender dos locais de emissões de discursos, dentre eles, os emitidos pela dita imprensa legalista. Os jornais dedicaram-se com frequência a questionar o ingresso de jagunços e cangaceiros apontando contradições e as condições advindas do perigo gerados pela indiscriminada distribuição de armamentos nos sertões sob o pretexto de combate a Coluna Prestes. Todas essas questões foram discutidas pelos parlamentares da época no parlamento.

Identificamos que inúmeros discursos foram proferidos no Congresso Nacional através de múltiplas vozes dos parlamentares, gerando discussões sobre o movimento dos jovens oficiais rebelados e as providências tomadas pelo governo de Arthur Bernardes para combatê-los, as explanações dos tribunos permitiram revelar noções sobre a experiência vivida naquela época e o que seu horizonte de expectativas permitiam vislumbrar. Eram dominantes entre os parlamentares os debates sobre o emprego de Lampião no combate a Coluna Prestes, questionavam essa decisão e muitos deles consideravam perigosa, contraditória e conflitiva.

Numa abordagem interdisciplinar com a literatura, dedicamos a demonstrar as impressões da sociedade pastoril sertaneja diante da Coluna Prestes e percebemos que essa experiência não foi pacífica, foi tensa por razões como as requisições compulsórias pelas forças das armas de mantimentos, mas principalmente pelo gado *cavalar* utilizado pelo sertanejo como transporte indispensável para as retiradas naquela sociedade pastoril, demonstramos ainda ser o cavalo imprescindível para os tenentistas, sendo utilizado como instrumento de guerra pelos rebeldes e pelas forças legalistas.

Indicaram as fontes que quando a Coluna Prestes resolveu sair do palco de lutas nos sertões nordestinos, fazendo um regresso rumo ao exílio, vislumbraram os parlamentares nas discussões do Congresso Nacional a possibilidade de que os tenentistas renunciarão as armas, sendo necessário fazer tratativas de anistia para os mesmos como a proposta por Padre Cícero, entretanto, verificamos que foi prontamente recusada por Prestes e seus companheiros de luta.

De forma que podemos afirmar que ao se retirar da luta a Coluna Prestes não foi vitoriosa. Porém, não foi vencida pelo Estado brasileiro, mesmo tendo que deixar o país plantou a semente para ulteriores transformações que se processavam no seio da República Velha, tendo em vista a necessidade de aperfeiçoamento do sistema político eleitoral, melhor educação, combate as desigualdades e o surgimento de lutas por cidadania num país marcado

por permanências advindas de séculos de escravidão.

Portanto, esse caminho percorrido possibilitou uma conexão do cangaço de Lampião com a Coluna Prestes, originada de uma articulação de amplitude nacional para combater os tenentistas por ocasião da passagem destes pelos sertões do Nordeste entre jagunços e cangaceiros. Por meio dos jornais discorremos como a imprensa e os parlamentares no Congresso Nacional emitiram discursos sobre essa experiência vivida naquela época. E numa abordagem interdisciplinar com a literatura extraímos noções das impressões da sociedade pastoril sertaneja diante da Coluna Prestes.

Por fim, dizer que não pretendeu esta dissertação esgotar tema complexo, mas sim jogar luzes sobre a problemática deste passado, unir fios para que próximos pesquisadores avancem na tarefa de conectá-los, que possibilite emergir uma melhor compreensão, novas abordagens interpretativas que ampliem essas discussões a partir de visitas a esse passado por intermédio de uma viagem metodológica através das fontes. E ainda, que esta pesquisa seja um fomento para surgir novos estudos, e possa contribuir para alargar o campo do saber, de maneira que venha contribuir para a arte do conhecimento e o estado de saber científico.

REFERÊNCIAS

I – BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O tecelão dos tempos* (novo ensaios de teoria da história). Prefácio de Temístocles Cezar. São Paulo: Intermeios,2019,276 p.

_____. *A invenção do nordeste e outras artes*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011. 376 p.

BARROS, José D' Assunção. *Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019. 358 p.

_____. *Seis Desafios para a Historiografia do Novo Milênio*. 1 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. 132p.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *A derradeira gesta: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão*. Rio de Janeiro: Mauad,2000. 3 ed. Revista e ampliada,2018, 280 p.

BARROSO, Gustavo. *Heróis e bandidos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves,1917.

BLOCH, M. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.75

BONFIM, Luiz Ruben Ferreira de Alcântara. *Lampião em 1926*. 2 ed. Bahia: Editora Oxente, 2017. 322 p.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da História*. 5 ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2012. 344 p.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Viajando o sertão*. 2 ed. Natal, Graf. Manimbu- Fundação José Augusto,1975.

CASTRO, Chico. *A Coluna Prestes no Piauí: a república do vintém*. 2 ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. 257 p.

CARVALHO, José Murilo de. *O pecado original da República: debates, personagens e eventos para compreender o Brasil*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo,2017.

CARVALHO, Bruno. *Cidade porosa: dois séculos de história cultural do Rio de Janeiro*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva,2019.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense,2017. 384p.

CHANDLER, Billy Jaynes. *Lampião: o rei do cangaço*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COUTINHO, Lourival. "O General Góes Depõe...". Rio de Janeiro, ed. Coelho Branco, 1956.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette* – Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIAS, William Palha. *Papo amarelo: drástica solução*. Teresina: Gráfica Expansão, 2000. 192 p.

FERRAZ, Marilourdes. *O Canto do Acauã*. Recife, Editora Rodovalho de Guias Especiais Ltda, 1978.

FREYRE, Gilberto de Mello. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro, J, Olímpio Ed, 1977. 18 ed.

GASTÃO, Paulo Medeiros. *Cangaço no Piauí: Em busca das “ Navegações”*. Mossoró, RN, Editora Montaigne, 2015. 82 p.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, 267 p.

HOBBSBAWN, E. J. *Bandidos*: Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1975.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 27 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MEDEIROS, Honório de. *Massilon*, Natal- RN, Sarau das Letras, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-RIO, 2012. 368 p.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 7. ed. Revista – Campinas, SP: editora da Unicamp, 2013.

LIMA, Estácio de. *O mundo estranho dos cangaceiros*. Salvador, ed. Itapõa, 1965.

LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna Prestes, Marchas e Combates*, 3 ed. São Paulo: Editora Alfa- Omega, 1979.

LUCA, Tania Regina de. *Práticas de pesquisa em história*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2020. 144p.

_____. *Fontes históricas*. In: Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 3.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

MACEDO, Nertan. *Sinhô Pereira. O comandante de Lampião*. Rio de Janeiro, RENES/INL-MEC, 2ª ed., 1980.

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*; prefácio de Gilberto Freyre. 5 ed. São Paulo: A girafa,2011.

_____. *Benjamin Abrahão: entre anjos e cangaceiros*. São Paulo: Escrituras Editora, 2012.

_____. *Estrelas de couro: a estética do cangaço*.3 ed. São Paulo: Escrituras Editora,2015.

MOTA, Leonardo. No tempo de Lampião. Fortaleza, Imp. Universitária,1976, 2 ed.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí:1900-1920*. 3.ed. Teresina:EDUFPI,2015.206 p.

RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René (Org.) Por uma história política. Tradução de Dora Rocha. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RICOEUR, PAUL. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANCHES, Marcos Guimarães. *A guerra: problemas e desafios do campo da história militar brasileira*. Revista Brasileira de História Militar. n. 1, 2010, p.1-13.

TÁVORA, Juarez. *Uma Vida e Muitas Lutas*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro,1976.

FONTES

II – LITERÁRIAS

ALMEIDA, José de Américo de. *A bagaceira*. 26 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

_____, José de Américo de. *A Paraíba e seus problemas*. 3 ed. João Pessoa: A União. 1980.

AMADO, Jorge. *Capitães de Areia*. 57. ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2014, 208 p.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, s.d.

IBIAPINA, João Nonon de Moura Fontes.. *Quero, Posso e Mando*. Teresina: Edições do Caderno de Letras "Meridiano,1976.

NETO, João Cabral de Melo. *Morte e vida severina*. 1. ed. Rio de Janeiro, ed. alfaguara,2007.176 p.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. 56. ed. São Paulo: Siciliano, 1997.

_____. *Lampião*. Rio de Janeiro, J. Olímpio Ed, 1953.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018. 320 p.

_____. *Viventes de Alagoas*. 19 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. 270 p.

RÊGO, José Lins do. *Cangaceiros*. Rio de Janeiro, J. Olímpio Ed, 1953.

_____. *O Moleque Ricardo*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 22 ed. São Paulo: companhia das letras, 2019, 559 p.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. 1 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2017, 646 p.

III – JORNAIS

A Gazeta – São Paulo, SP

A Gazeta de Notícias – Rio de Janeiro, RJ

A manhã – Rio de Janeiro, RJ

A Noite – Rio de Janeiro, RJ

A Província – Recife, Pernambuco

Diário de Notícias – Salvador, Bahia

Diário de Pernambuco – Recife, PE

Jornal A Tarde – Salvador, Bahia

Jornal de Aracaju – Sergipe, SE

Jornal do Brasil – Rio de Janeiro, RJ

Jornal A Notícia – Fortaleza, CE

Jornal do Recife – Pernambuco

Jornal da Semana – Recife, Pernambuco

Jornal Pequeno – Recife, Pernambuco

Jornal O Ceará – Fortaleza, CE

Jornal O Piauí – Teresina, PI

O Globo – Rio de Janeiro, RJ

O Imparcial – Rio de Janeiro, RJ

O Jornal – Rio de Janeiro, RJ

IV-SITES E DOCUMENTÁRIOS

Academia Brasileira de Letras. Lilia Schwarcz *Seminário Brasil, brasis: Imagens do Brasil*. 58 min 21 s. Disponível em: <https://youtu.be/LB02bBzZYXE>. Acesso em: 23 out. 2021.

Cariri cangaço. Blogspot. Ulisses Luna Delmiro e fazenda cobra. Google. 27 jun. 2021. Disponível em: <<https://cariricangaco.blogspot.com/2017/09/ulisses-luna-delmiro-e-fazenda-cobra-no.html>> Acesso em: 18 jan. 2021.

CPDOC/FGV. Mapa do percurso da marcha dos tenentistas da Coluna Prestes pelo território do Brasil. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/marcos/tenentismo/mapas/coluna-prestes-no-tempo-e-no-espaco>. Acesso em: 18 jan. 2021.

CPDOC/ FGV. Coluna Prestes. Disponível em: < [https://cpdoc.fgv.br/produção/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolítica/Coluna Prestes](https://cpdoc.fgv.br/produção/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolítica/Coluna%20Prestes)>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Ezequiel Ferreira. Aderbal Nogueira – Cangaço. Youtube. 04 fev. 2019. 13 min 35s. Disponível em: < <https://youtu.be/pwQV6eOgPgk> >. Acesso em: 18 jan. 2021.

João Ferreira no Piauí. O cangaço na literatura. Youtube. 08 dez. 2019. 37min 06s. Disponível em: < <https://youtu.be/yxJDPLJUsYc> >. Acesso em: 18 jan. 2021.

LAPETHI UFRRJ- IM. Aula 2 *O uso de conceitos para a produção do saber científico 09/09/2021 Curso Teoria e Metodologia*. Youtube. 12 set. 2021. 2 h 15m 10s. Disponível em: <<https://youtu.be/fm07hurW9gs>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

LAPETHI UFRRJ- IM. Aula 3 *O uso dos conceitos para a produção do saber histórico 23/09 Curso Teoria e Metodologia*. Youtube. 13 out. 2021. 2h 22 min 34 s. Disponível em: <<https://youtu.be/FtsYpiy2w8M>> Acesso em: 20 jan. 2022.

LAPETHI UFRRJ- IM. *Aula 8 As fontes textuais de todos os tipos 25/11 Curso Teoria e Metodologia*. Youtube. 11 jan. 2022. 2h 06 min 48 s. Disponível em: <<https://youtu.be/d3vj7NLbpns>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

LAPETHI UFRRJ- IM. *Aula 9 Os jornais como fontes históricas 09/12 Curso Teoria e Metodologia*. Youtube. 16 dez. 2021. 2 h 8 min 24 s. Disponível em: < <https://youtu.be/N-7J2C8uHUE>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

O Velho - A História de Luiz Carlos Prestes. Yuriabyazacosta. Youtube. 07 out. 2011. 1 h 44min 34s. Disponível em: < <https://youtu.be/1u02uqMK6Ek>>. Acessado em: 18 jan. 2021.

Pensar Piauí. “O Piauí não explorou o vaqueiro como a figura fundante de sua sociedade”. Disponível em: <https://pensarpiaui.com/noticia/o-piaui-nao-explorou-o-vaqueiro-como-a-figura-fundante-de-sua-sociedade.html>. Acesso em: 04 set. 2021.

Pensar Piauí. *A guerra do Paraguai contribuiu muito para declínio da pecuária do Piauí*. 6 min 31 s. Disponível em: < <https://youtu.be/35MT-SgLOAM>>. Acesso em: 04 set. 2021.

TV Senado . *Princesa do sertão- Documentário Completo*. Youtube. 6 nov. 2019. 1 h 56min 26s. Disponível em: < <https://youtu.be/SPiPD-3htJo> > Acesso em: 18 jan. 2021.

Roda Viva | Luís Carlos Prestes | 1986. Roda Viva. YouTube. 13 ago. 2020. 1h 56min 34s. Disponível em : < <https://youtu.be/aKkCysZb0V0>> . Acesso em: 18 jan. 2021.

WESTIN, Ricardo. Combate a Lampião quase entrou na Constituição de 34. *Senado notícias*. 02 jul. 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivos/combate-a-lampiao-quase-entrou-na-constituicao-de-34> . Acesso em: 18 jan. 2021.

V- DOCUMENTOS HEMEROGRÁFICOS

PIAUI. Governo. 1924-1928 (Mello). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Mathias Olympio de Mello em 1 de junho de 1927*. Teresina: Typ. De “O Piauí”, 1927. p.5.

PIAUI. Governo. 1921-1924 (Ferreira). *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí pelo governador João Luiz Ferreira em 1 de junho de 1923*. Teresina: Typ. de “O Piauí”, 1923. p.22.

ANEXOS

ANEXO I



Figura 8. O deputado federal Floro Bartolomeu da Costa brilha na corte republicana, pelas lentes do melhor estúdio fotográfico carioca, 1921. Foto Musso, Rio de Janeiro (MELLO, 2012, p.290).



Figura 9. Batalhão Patriótico do Juazeiro, formado defronte de igreja de Nossa Senhora das Dores, Juazeiro, 1926 (MELLO, 2012, p.290).

ANEXO II



Figura 10. Coronel Pedro Silvino(de pé, no estribo), padre Cícero e o comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará, capitão-tenente Pedro Augusto Bitencourt, Juazeiro, 1925(MELLO,2012,p.289).

ANEXO III

Carta enviada por Padre Cícero a Luís Carlos Prestes no ano de 1926

**Ao Capitão Luís Carlos Prestes
e seus companheiros de luta**

CAROS PATRÍCIOS

Venho vos convidar à rendição

Faço-o firmado na convicção de que presto serviço à Pátria, por cuja grandeza também devem palpitar os vossos corações patriotas.

Acredito que já não nutris esperanças na vitória da causa pela qual, há tanto tempo pelejas, com excepcional bravura. É tempo, portanto, de retrocederdes no árduo caminho por

que seguís e que, agora tudo está a indicar, vos vai conduzindo a inevitável abismo. Isto, sinceramente, enche-me a alma de sacerdote católico e brasileiro de intraduzíveis apreensões, dominando-a de indefinível tristeza.

Reflexo do meu grande amor ao Brasil, esta tristeza, assevero-vos firmemente, é uma resultante do conhecimento que tenho dos inauditos sacrifícios que estais impondo à Nação, que entre os quais incluo, com notável relevo, o vosso próprio sacrifício e dos muitos companheiros que são vossos aliados, na expectativa de resultados, hoje, provavelmente impossíveis.

Confrange-me o coração e atormenta-me, incessantemente o espírito esse inominável espetáculo de estar observando brasileiros contra brasileiros, numa luta fratricida e exterminadora, que tanto nos prejudica vitais interesses ao interior quanto nos humilha e deprime perante o estrangeiro. Acresce que para uma Nação jovem e despovoada como é a nossa, as atividades constantes de cada cidadão representam um valor inestimável ao impulsionamento do seu progresso. De modo que para se fazer obra de impatriotismo basta contribuir-se para a paralisação dessas atividades ou para o desvio de sua aplicação construtora. É o que estais fazendo, involuntariamente, talvez.

Assim sendo é claro que os outros vultuosos males não acarretassem ao País a campanha que contra ele sustentais, bastaria atentardes nesta importante razão para vos demoverdes dos propósitos de luta em que persistis.

Entretanto, deveis refletir ainda na viuvez na orfandade que, com penalizadora abundância, se espalham por toda parte; na fome e na miséria que acompanham os vossos passos, cobrindo-vos das maldições dos vossos patrícios, que não sabem compreender os motivos da vossa tormentosa derrota através do nosso grandioso hinterland!

É, pois, em nome destes motivos superiores e porque reconheço o valor pessoal de muitos dos moços que dirigem esta malfadada revolução, que ousou vos convidar e a todos os vossos companheiros a depordes as armas. Prometo-vos, em retribuição à atenção que derdes a este meu convite, todas as garantias legais e bem assim me comprometo a ser advogado das vossas pessoas perante os poderes constitucionais da República, em cuja patriótica complacência muito confio e deveis confiar também. Deus queira inspirar a vossa resolução que aguardo com confiança.

Deus e o amor da Pátria sejam vossos orientadores, neste momento decisivo da vossa sorte, cujos horizontes me parecem toldados de sombrias nuvens.

Outrossim, é meu principal desejo vos salvar da ruína moral em que, insensivelmente, vos estais embrenhando com os feios atos e desregramentos consequentes da revolução e que,

certamente, vos conduzirão a uma inevitável ruína. Lembrai-vos de que sois moços educados, valentes soldados do Brasil, impulsionados neste vosso corajoso tentamen por um ideal, irrefletido embora, e que, entre tanto, estais passando, perante a maioria dos vossos compatriotas, por celerados comuns, já se vos tendo comparado, na imprensa das capitais, aos mais perigosos facínoras do nordeste.

Isto é profundamente entristecedor. Deixai, portanto, a luta e voltai à paz- paz que será abençoada por Deus, bendita pela Pátria e aclamada pelos vossos concidadãos, e, pois, só vos poderá conduzir à felicidade. Deus e a Pátria assim o querem e eu espero que assim o fareis.

Com toda atenção subscrevo-me

Vosso patricio muito grato

Padre Cícero Romão Batista

Joazeiro, 20 de fevereiro de 1926

Arquivo do Padre Cícero - Colégio Salesiano - Juazeiro do Norte, Ceará. Copiado em setembro de 1975. Encontra-se publicada em VIDAL, Reis "Padre Cicero-Joazeiro visto de perto -o padre Cicero Romão Batista sua vida e sua obra". Rio de Janeiro, Edições Argens, 1936(BARROS, 2018, p.260).

ANEXO IV



Figura 11. Padre Cícero escrevendo cartas.

Registro de uma segunda carta enviada por Padre Cícero para a Coluna Prestes.

Juazeiro, 22 de fevereiro de 1926

Illustre Amigo Sr. Coronel Prestes

Saudo-vos

Resolvi mandar este positivo à vossa presença e dos vossos companheiros para levar-vos uma carta, que é um sincero appello ao vosso patriotismo. Espero que estudareis com interesse e ma respodereis com ponderada reflexão que o assumpto exige.

Outrossim : julgo desnecessário recommendar ao vosso fidalgo acolhimento os meus Portadores, pois confio inteiramente no vosso cavalheirismo.

Deus vos dê felicidade e vos condusa à paz são os desejos do

Vosso patricio

att.

Padre Cícero Romão Batista

(BARROS,2018,p.261)

ANEXO V

**ENTREVISTA DE LAMPIÃO CONCEDIDA AO MÉDICO DO CRATO OTÁCILIO
MACEDO E PUBLICADA PELO JORNAL O CEARÁ AOS 17 DIAS DE MARÇO DE
1926**

Lampião após ser convidado pelo deputado Floro Bartolomeu da Costa, para incorpora-se aos chamados batalhões patrióticos, o cangaceiro comparece ao Juazeiro do Norte para as formalidades necessárias, recebimento de armas e munições do exército para dar combate a Coluna Prestes, no governo do Presidente Arthur Bernardes. Foi recebido por Padre Cícero, ficou hospedado no sobrado de João Mendes de Oliveira, onde foi entrevistado pelo médico Otácilio Macedo rogado de reportér a serviço do Jornal *O Ceará*. Essa entrevista pelos historiadores é considerada de primordial importância nos estudos do fenômeno cangaço. A seguir a transcrição dos principais trechos com a atualização da linguagem para os dias de hoje.

A entrevista teve dois momentos. O primeiro foi travado o seguinte diálogo:

- Que idade tem?

- Vinte e sete anos.

- Há quanto tempo está nesta vida?

- Há nove anos, desde 1917, quando me ajuntei ao grupo do Sinhô Pereira.

- Não pretende abandonar a profissão?

A esta pergunta Lampião respondeu com outra:

- Se o senhor estiver em um negócio, e for se dando bem com ele, pensará porventura em abandoná-lo? Pois é exatamente o meu caso. Porque vou me dando bem com este "negócio", ainda não pensei em abandoná-lo.

- Em todo o caso, espera passar a vida toda neste "negócio"?

- Não sei... talvez... preciso porém "trabalhar" ainda uns três anos. Tenho alguns "amigos" que quero visitá-los, o que ainda não fiz, esperando uma oportunidade.

- E depois, que profissão adotará?

- Talvez a de negociante.

- Não se comove a extorquir dinheiro e a "variá" propriedades alheias?

- Oh! mas eu nunca fiz isto. Quando preciso de algum dinheiro, mando pedir "amigavelmente" a alguns camaradas.

Nesta altura chegou o 1º tenente do Batalhão Patriótico de Juazeiro, e chamou Lampião para um particular. De volta avisou-nos o facínora:

- Só continuo a fazer este "depoimento" com ordem do meu superior. (Sic!)

- E quem é seu superior?

- !!

- Está direito...

Quando voltamos, algumas horas depois, à presença de Lampião, já este se encontrava instalado em casa do historiador brasileiro João Mendes de Oliveira. Rompida, novamente, a custo, a enorme massa popular que estacionava defronte à casa, penetramos por um portão de ferro, onde veio Lampião ao nosso encontro, dizendo:

- Vamos para o sótão, onde conversaremos melhor.

Subimos uma escadaria de pedra até o sótão. Aí notamos, seguramente, uns quarenta homens de Lampião, uns descansando em redes, outros conversando em grupos; todos, porém, aptos à luta imediata: rifle, cartucheiras, punhais e balas..

.- Desejamos um autógrafo seu, Lampião.

- Pois não.

Sentado próximo de uma mesa, o bandido pegou da pena e estacou, embaraçado.

- Que qui escrevo?

- Eu vou ditar.

E Lampião escreveu com mãos firmes, caligrafia regular.

"Juazeiro, 6 de março de
1926 Para... e o Coronel...
Lembrança de EU.
Virgulino Ferreira da
Silva. Vulgo Lampião".

Os outros facínoras observavam-nos, com um misto de simpatia e desconfiança. Ao lado, como um cão de fila, velava o homem de maior confiança de Lampião, Sabino Gomes, seu lugar-tenente, mal-encarado.

- É verdade, rapazes! Vocês vão ter os nomes publicados nos jornais em letras redondas...

A esta afirmativa, uns gozaram o efeito dela, porém parece que não gostaram da coisa.

- Agora, Lampião, pedimos para escrever os nomes dos rapazes de sua maior confiança.

- Pois não. E para não melindrar os demais companheiros, todos me merecem igual confiança, entretanto poderia citar o nome dos companheiros que estão há mais tempo comigo.

E escreveu: 1 - Luiz Pedro; 2 - Jurity; 3 - Xumbinho; 4 - Nuvueiro; 5 - Vicente; 6 - Jurema.

E o estado maior:

1 - Eu, Virgulino Ferreira; 2 - Antônio Ferreira; 3 - Sabino Gomes.

Passada a lista para nossas mãos fizemos a "chamada" dos cabecilhas fulano, cicrano, etc. Todos iam explicando a sua origem e os seus feitos. Quando chegou a vez de "Xumbinho", apresentou-se-nos um rapazola, quase preto, sorridente, de 18 anos de idade.

- É verdade, "Xumbinho"! Você, rapaz tão moço, foi incluído por Lampião na lista dos seus melhores homens... Queremos que você nos ofereça uma lembrança...

"Xumbinho" gozou o elogio. Todo humilde, tirou da cartucheira uma bala e nos ofereceu como lembrança...

No caso de insucesso com a polícia, quem o substituirá como chefe do bando?

- Meu irmão Antônio Ferreira ou Sabino Gomes...

- Os jornais disseram, ultimamente, que o tenente Optato, da polícia pernambucana, tinha entrado em luta com o grupo, correndo a notícia oficial da morte de Lampião.

- É, o tenente é um "corredor", ele nunca fez a diligência de se encontrar "com nós"; nós é que lhe matemos alguns soldados mais afoitos.

- E o cel. João Nunes, comandante geral da polícia de Pernambuco, que também já esteve no seu encalço?

- Ah, este é um "velho frouxo", pior do que os outros...

Neste momento chegou ao sótão uma "romeira" velha, conduzindo um presente para Lampião.

Era um pequeno "registro" e um crucifixo de latão ordinário. "Velinha", apresentando as imagens: "Stá aqui, seu coroné Lampião, que eu truve para vomecê".

- Este santo livra a gente de balas? Só me serve si for santo milagroso.

Depois, respeitosamente, beijou o crucifixo e guardou-o no bolso. Em seguida tirou da carteira uma nota de 10\$000 e gorgetou a romeira.

- Que importância já distribuiu com o povo do Juazeiro?

- Mais de um conto de réis.

Lampião começou por identificar-se:

- Chamo-me Virgulino Ferreira da Silva e pertença à humilde família Ferreira do Riacho de São Domingos, município de Vila Bela. Meu pai, por ser constantemente perseguido pela família Nogueira e em especial por Zé Saturnino, nossos vizinhos, resolveu retirar-se para o município de Águas Brancas, no estado de Alagoas. Nem por isso cessou a perseguição.

- Em Águas Brancas, foi meu pai, José Ferreira, barbaramente assassinado pelos Nogueira e Saturnino, no ano de 1917.

- Não confiando na ação da justiça pública, por que os assassinos contavam com a escandalosa proteção dos grandes, resolvi fazer justiça por minha conta própria, isto é, vingar a morte do meu progenitor. Não perdi tempo e resolutamente arrumei-me e enfrentei a luta.

- Não escolhi gente das famílias inimigas para matar, e efetivamente consegui dizimá-las consideravelmente.

Sobre os grupos a que pertenceu:

- Já pertenci ao grupo de Sinhô Pereira, a quem acompanhei durante dois anos. Muito me afeiçoei a este meu chefe, porque é um leal e valente batalhador, tanto que se ele ainda voltasse ao cangaço iria ser seu soldado.

Sobre suas andanças e seus perseguidores:

- Tenho percorrido os sertões de Pernambuco, Paraíba e Alagoas, e uma pequena parte do Ceará. Com as polícias desses estados tenho entrado em vários combates. A de Pernambuco é disciplinada e valente, e muito cuidado me tem dado. A da Paraíba, porém, é uma polícia covarde e insolente. Atualmente existe um contingente da força pernambucana de Nazaré que está praticando as maiores violências, muito se parecendo com a força paraibana.

Referindo-se a seus coiteiros, Lampião esclareceu:

- Não tenho tido propriamente protetores. A família Pereira, de Pajeú, é que tem me protegido, mais ou menos. Todavia, conto por toda parte com bons amigos, que me facilitam tudo e me consideram eficazmente quando me acho muito perseguido pelos governos.

- Se não tivesse de procurar meios para a manutenção dos meus companheiros, poderia ficar oculto indefinidamente, sem nunca ser descoberto pelas forças que me perseguem.

- De todos meus protetores, só um traiu-me miseravelmente. Foi o coronel José Pereira Lima, chefe político de Princesa. É um homem perverso, falso e desonesto, a quem durante anos servi, prestando os mais vantajosos favores de nossa profissão.

A respeito de como mantém o grupo:

- Consigo meios para manter meu grupo pedindo recursos aos ricos e tomando à força aos usuários que miseravelmente se negam de prestar-me auxílio.

Se estava rico?

- Tudo quanto tenho adquirido na minha vida de bandoleiro mal tem chegado para as vultuosas

despesas do meu pessoal - aquisição de armas, convindo notar que muito tenho gasto, também, com a distribuição de esmolas aos necessitados.

A respeito do número de seus combates e de suas vítimas disse:

- Não posso dizer ao certo o número de combates em que já estive envolvido. Calculo, porém, que já tomei parte em mais de duzentos. Também não posso informar com segurança o número de vítimas que tomaram sob a pontaria adestrada e certa de meu rifle. Entretanto, lembro-me perfeitamente que, além dos civis, já matei três oficiais de polícia, sendo um de Pernambuco e dois da Paraíba. Sargentos, cabos e soldados, é impossível guardar na memória o número dos que foram levados para o outro mundo.

Sobre as perseguições e fugas deixou claro:

- Tenho conseguido escapar à tremenda perseguição que me movem os governos, brigando como louco e correndo rápido como vento quando vejo que não posso resistir ao ataque. Além disso, sou muito vigilante, e confio sempre desconfiando, de modo que dificilmente me pegarão de corpo aberto.
- Ainda é de notar que tenho bons amigos por toda parte, e estou sempre avisado do movimento das forças.
- Tenho também excelente serviço de espionagem, dispendioso, mas utilíssimo.

Seu comportamento mereceu alguns comentários bastante francos:

- Tenho cometido violências e depredações vingando-me dos que me perseguem e em represália a inimigos. Costumo, porém, respeitar as famílias, por mais humildes que sejam, e quando sucede algum do meu grupo desrespeitar uma mulher, castigo severamente.

Perguntado se deseja deixar essa vida:

- Até agora não desejei, abandonar a vida das armas, com a qual já me acostumei e sinto-me bem. Mesmo que assim não sucedesse, não poderia deixá-la, porque os inimigos não se esquecem de mim, e por isso eu não posso e nem devo deixá-los tranquilos. Poderia retirar-me para um lugar longínquo, mas julgo que seria uma covardia, e não quero nunca passar por um covarde.

Sobre a classe da sua simpatia:

- Gosto geralmente de todas as classes. Aprecio de preferência as classes conservadoras - agricultores, fazendeiros, comerciantes, etc., por serem os homens do trabalho. Tenho veneração e respeito pelos padres, porque sou católico. Sou amigo dos telegrafistas, porque alguns já me tem salvo de grandes perigos. Acato os juizes, porque são homens da lei e não atiram em ninguém.
- Só uma classe eu detesto: é a dos soldados, que são meus constantes perseguidores. Reconheço que muitas vezes eles me perseguem porque são sujeitos, e é justamente por isso que ainda poupo alguns quando os encontro fora da luta.

Perguntado sobre o cangaceiro mais valente do nordeste:

- A meu ver o cangaceiro mais valente do nordeste foi Sinhô Pereira. Depois dele, Luiz Padre. Penso que Antonio Silvino foi um covarde, porque se entregou às forças do governo em consequência de um pequeno ferimento. Já recebi ferimentos gravíssimos e nem por isso me entreguei à prisão.
- Conheci muito José Inácio de Barros. Era um homem de planos, e o maior protetor dos cangaceiros do Nordeste, em cujo convívio sentia-se feliz.

Questionado sobre ferimentos em combate, contou:

- Já recebi quatro ferimentos graves. Dentre estes, um na cabeça, do qual só por um milagre escapei. Os meus companheiros também, vários têm sido feridos. Possuímos, porém, no grupo, pessoas habilitadas para tratar dos ferimentos, de modo que sempre somos convenientemente tratados. Por isso, como o senhor vê, estou forte e perfeitamente sadio, sofrendo, raramente, ligeiros ataques reumáticos.

Sobre ter numeroso grupo:

- Desejava andar sempre acompanhado de numeroso grupo. Se não o organizo conforme o meu desejo é porque me faltam recursos materiais para a compra de armamentos e para a manutenção do grupo - roupa, alimentação, etc. Estes que me acompanham é de quarenta e nove homens, todos bem armados e municiados, e muito me custa sustentá-los como sustento.

O meu grupo nunca foi muito reduzido, tem variado sempre de quinze a cinquenta homens.

Sobre padre Cícero Lampião foi bem específico:

Sempre respeitei e continuo a respeitar o estado do Ceará, porque aqui não tenho inimigos, nunca me fizeram mal, e além disso é o estado do padre Cícero. Como deve saber, tenho a maior veneração por esse santo sacerdote, porque é o protetor dos humildes e infelizes, e sobretudo porque há muitos anos protege minhas irmãs, que moram nesta cidade. Tem sido para elas um verdadeiro pai. Convém dizer que eu ainda não conhecia pessoalmente o padre Cícero, pois esta é a primeira vez que venho a Juazeiro.

Em relação ao combate aos revoltosos:

- Tive um combate com os revoltosos da coluna Prestes, entre São Miguel e Alto de Areias. Informado de que eles passavam por ali, e sendo eu um legalista, fui atacá-los, havendo forte tiroteio. Depois de grande luta, e estando com apenas dezoito companheiros, vi-me forçado a recuar, deixando diversos inimigos feridos.

A respeito de sua vinda ao Ceará:

- Vim agora ao Cariri porque desejo prestar meus serviços ao governo da nação. Tenho o intuito de incorporar-me às forças patrióticas do Juazeiro, e com elas oferecer combate aos rebeldes. Tenho observando que, geralmente, as forças legalistas não têm planos estratégicos, e daí os insucessos dos seus combates, que de nada tem valido. Creio que se aceitassem meus serviços e seguissem meus planos, muito poderíamos fazer.

Sobre o futuro Lampião mostrou-se incerto, apesar de ter planos:

- Estou me dando bem no cangaço, e não pretendo abandoná-lo. Não sei se vou passar a vida toda nele. Preciso trabalhar ainda uns três anos. Tenho de visitar alguns amigos, o que não fiz por falta de oportunidade. Depois, talvez me torne um comerciante. Aqui termina a entrevista concedida por Lampião em Juazeiro.

Na despedida Lampião nos acompanhou até a porta. Pediu nosso cartão de visita e acrescentou:

- Espero contar com os "votos" dos senhores em todo tempo!
- **Sem dúvida... respondemos.**

ANEXO VI

PROTETORES E COITEIROS DE LAMPIÃO

Entrevista concedida a pesquisadora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, em Aracaju, pelo Sr. Raimundo Ferreira de Carvalho, irmão e secretário particular do Governador Eronildes Ferreira de Carvalho, durante seis anos e meio.

De acordo com a entrevista da lavra da pesquisadora Barros(2018), eram protetores, indivíduos que mantêm transações comerciais de alto e médio porte, como fornecimento de armas e munições. São pessoas situadas na classe que detém o poder econômico e político no âmbito estadual e federal. Têm contatos pessoais esporádicos com Lampião, mas obrigam seus empregados, principalmente os vaqueiros de suas fazendas, a uma vida de promiscuidade com os cangaceiros. Têm poder para manipular os aparelhos de repressão, garantindo pouca ou nenhuma perseguição ao cangaço; porém não pagam ônus por integrarem este mundo.

Podem ser também pessoas que usaram o cangaço, esporadicamente, com interesses envolvidos, sem que tenham pago qualquer ônus pela participação naquele mundo. Tentando entender o sistema de valores que permeava o pragmatismo daqueles protetores, a entrevista aconteceu em Aracaju, o Sr. Raimundo Ferreira de Carvalho, irmão e secretário particular do governador Eronildes Ferreira de Carvalho, durante seis anos e meio.

O primeiro elemento que sobressai, é o profundo orgulho com que enumera os títulos: Governador, General, médico cirurgião, associado à lembrança afetiva do irmão.

Informa que seu pai chegou a possuir

"umas quarenta fazendas, nos municípios hoje Poço Redondo, Canhoba, e município de São Braz, Estado de Alagoas. Além das fazendas, lidava com fábrica de arroz na cidade de Colégio (Alagoas), 3 descaroçadores de algodão (um em São Braz e 2 em Canhoba) e uma casa comercial onde ele iniciou tudo. Ele era alagoano, da família dos Tenório, do município de São Braz. Ele veio de São Braz recomendado pelo Coronel Né de França, ser caixeiro (balconista) no município de Canhoba na casa de um cidadão de São Braz que tinha arranjado fortuna no Amazonas, naquela época. Depois esse homem voltou para o Amazonas, vendendo a parte a seu pai. Dali ele começou a vida, morrendo em 1969, aos 75 anos de idade, Por ter sido despachante na loja, recebeu o apelido de Caixeiro.

“Perguntado sobre o que sabia a respeito de Lampião, seu Raimundo começou respondendo:

"O que eu sei é que ele nunca nos incomodou. Meu pai tinha umas fazendas situadas

no Morgado, onde ele tinha apenas o gado, a casa e os currais e as mangas: De forma que eu conheci Lampião numa dessas fazendas de nome Bom Jardim (então Porto da Folha), quando tinha 17 para 18 anos, voltando da Escola Militar Aquela foi a primeira vez que eu o vi. Sei que ele não nos incomodava, porque nós não o perseguíamos, nem denunciávamos.

- Mesmo no governo os senhores não perseguiram Lampião?

- *"No governo nós também não perseguíamos ele, porque ele esteve até na casa de meu progenitor, a fazenda Borda da Mata, no município de Canhoba, onde passou uns três dias. E eu conheci pessoalmente e falei com ele pessoalmente."*

- Como é que ele tratava os senhores?

- *"Muito bem! Nós tratava muito bem e não incomodava nenhuma das propriedades. Nós recebíamos por isso naquela época o nome de coiteiro de Lampião!"*

- O que era coiteiro?

- *"Eram aqueles que davam guarida, que davam agasalho, que não diziam pra onde partiram, onde chegou, onde está, e assim por diante."*

- Como é que vocês tomaram essa decisão?

- *"A decisão se tomava porque sendo amigo, não há perseguição, não há inimigo. Nós não denunciávamos ele a ninguém. Ele tinha livre acesso a esta fazenda. Ali conheci também Maria Bonita."*

- Não havia nenhuma censura de ninguém?

- *"De ninguém! Ninguém nos censurava porque meu pai comandava na época o coronelato do sertão e todo mundo respeitava com muito rigor. " (risos)*

- E quando ele fazia umas chacinas ali em Poço Redondo, vocês falavam sobre isso?

- *"Não! Nós não comentávamos sobre isso, porque nas nossas propriedades nunca foi feita nenhuma. Era em outros lugares, menos nas nossas propriedades."*

- Como é que vocês se sentiam com Lampião matando tanta gente assim?

- *"Nós nos sentíamos muito bem; porque ele não nos incomodava e nós também não os incomodava."*

- E quando vinham essas ordens do governo para o governador Eronildes persegui-lo?

- *"Nós nunca recebemos ordem nenhuma para persegui-lo. As ordens eram as policias baiana, alagoana e sergipana que faziam a caça. Mas nós não intervínhamos em coisa nenhuma."*

- O governo federal nunca pediu ação?

- *"Nenhuma, nenhuma, nenhuma. O governo federal nunca falou sobre o assunto. Do nosso conhecimento, não! As policias que perseguiram eram baianas, alagoanas e sergipanas."*

Mas a sergipana não foi no governo Eronildes. Foi no governo do General Augusto Maynard.

O Governador Maynard não era amigo de Lampião?

- *"Do meu conhecimento, não. E também não era nosso amigo próprio, também não."*

- O senhor ouviu falar de uma ordem de Getúlio em 1938 para os governos do Nordeste acabarem Lampião?

- *"Ouvia falar, mas como secretário do gabinete, nunca vi uma notificação a esse respeito."*

- O Coronel Lucena não procurava vocês?

- *"De maneira nenhuma, não conheci". Só de nome! No início do governo do Dr. Eronildes Lampião passou aqui em Aracaju, dirigindo-se a Laranjeiras onde fez uma consulta de olhos aqui em Sergipe. Eu só fiquei sabendo depois que ele voltou de Laranjeiras.*

- O que é que Lampião conversava com o Sr.?

- *"Comigo pouca coisa, porque eu era rapazinho. Ele conversava muito era com meu pai. Muito educado, muito bem humorado, muito bem tratado. Ele era muito perfumado mas o perfume não era dos melhores; misturado com suor, não dava uma boa qualidade. Mas muito delicado, não parecia ser o homem que era. Porque as crueldades feitas no tempo dele, era feita mais pelos grupos dele que ele dividia: dez para um lugar, dez pra outro, sempre dividia em 3, 4 grupos os cabras dele.*

" Escutando o entrevistado eu me perguntava: Lampião tinha um tratamento para a classe dominante e outro para os pobres sertanejos? E as informações atuais de que ele usava perfume francês?

- O Sr. tirou retrato com ele alguma vez?

- *"Não senhora; nunca tirei retrato. Eu recebi dele, apenas um cinturão de presente. O cinturão eu ofereci ao museu. Está exposto, como oferta minha, no museu de São Cristóvão. Recebi também um punhalzinho, que está no Museu de São Cristóvão."*

- Eronildes como mais velho fez a distribuição dos bens entre os irmãos, por morte dos pais. Quase todos venderam as heranças, somente seu Raimundo preservando 3 fazendas.

- Teve alguma família importante de Sergipe atacada por Lampião?

- *"De meu conhecimento, não."* - *Como governador seu irmão mandava a polícia perseguir Lampião?*

- *"Nós não nos envolvíamos nisso, nunca perseguimos Lampião.*

- *Como a polícia podia agir sem ordem do governo?*

- *"Nós não nos envolvíamos". A caçada feita pela polícia sergipana foi no governo do General Maynard.*

- *Nós nunca incomodamos ele, nem ele nos incomodava," governo?*

- *Vocês nunca tomaram a decisão de acabar com ele em Sergipe?*

- *“ Graças a Deus, não! pior do que Lampião estão existindo hoje no Brasil*

Posso afirmar à senhora que nas nossas propriedade ele nunca ofendeu a ninguém. Nós também nunca o denunciemos a ninguém.

- *Lampião assistiu o desfile das tropas na revolução de 30, em Propriá, onde estava na casa do irmão, João, que tinha uma mercearia na Rua da Frente, perto do tecido dos Brito, da família do Coronel Francisco Brito."*

- *O Sr. conhecia João?*

- *“Demais”! Tomava até umas pingas lá, quando passava a cavalo. Lampião estava na fazenda Jundiá de Hercílio Brito, deu um pulinho em Propriá De lá então o Dr. Hercílio Brito mandou trazer-lo à noite, na casa do irmão, (de Lampião) quando ele assistiu o desfile das tropas.”*

- *Quem era o Dr. Hercílio Brito?*

- *"Era um grande chefe político e um grande industrial de Propriá, já falecido." Ele era amigo de vocês?*

- *"Amicíssimo! Meu pai acompanhava ele nos candidatos dele."*

Qualquer aprofundamento sobre o conteúdo das conversas entre o pai, o governador e Lampião, seu Raimundo corta peremptoriamente com um *"não tomei conhecimento"*.

Entrevista extraída do livro: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *A derradeira gesta: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão*. Rio de Janeiro: Mauad,2000. 3 ed. Revista e ampliada,2018. (p.198-201).

ANEXO VII

CONEXÕES DE PODER DE LAMPIÃO NO CEARÁ

Entrevista da lavra da pesquisadora, publicada em: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *A derradeira gesta: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão*. Rio de Janeiro: Mauad,2000. 3 ed. Revista e ampliada,2018.

No Ceará, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, colheu entrevista com o conhecido coiteiro de Lampião, Antônio da Piçarra no Crato, no dia 28 de julho de 1988, quando se

realizava um debate numa cadeia de rádios, sobre a passagem naquele dia, dos cinquenta anos da morte de Lampião.

No início da entrevista, falando da própria longevidade e da ‘possibilidade de encontrar tantos que já se foram’, fala várias vezes: *‘A única coisa que vou levar sem estar resolvido dentro de mim, é uma traição que eu cometi. Eu não fiz isso nunca com ninguém, mas trai Lampião!’*

O entrevistado conta que, em fins de 1925 um primo de Antonio da Piçarra, Coronel Franco Pinheiro, era prefeito do município de Porteiras no Ceará, onde também vivia um pernambucano da zona do Pajeú, de nome Horácio Novais. Este homem costumava juntar cabroeira e atacar as fazendas. Arranjando uma inimizade com o Coronel Franco, Horácio Novais põe fogo na fazenda Canoa, propriedade do prefeito.

- *‘Eu então, morando perto da fazenda, fui avisar ao meu primo. Ai já fui armado de rifle, levando dois rapazes. Ai fomos atrás de Horácio. Com poucos dias Horácio mandou uma carta para mim pedindo dinheiro, sob pena de vir fazer na Piçarra o que fez na Canoa. Ai eu fiquei: Horácio mais Lampião, perverso, matando, fazendo tudo, ai eu fiquei meio agoniado. Era casado com a segunda mulher. Ai convidei ela pra nós vender a propriedade e ir embora pra outro Estado. Tinha vontade de ir pro Maranhão, que tinha uns parente lá.*

Ela era muito pegada com o Padre Cicero. Ela disse: Não, não vamos não. Vá no Juazeiro e tome plano com Padrim Cirço. Ai eu disse, tá certo.’

Antonio da Piçarra viaja para Juazeiro levando a carta de Horácio Novais e se apresenta na casa do Padre Cícero, como um sobrinho do Padre Joaquim Manoel Sampaio Texeira, irmão de sua mãe, condiscípulo do dono da casa, no Seminário da Prainha em Fortaleza. Os dois padres eram como irmãos, e o Padre Cicero logo recebeu o sobrinho de seu amigo, mandando a beata abrir a porta com as palavras: - *‘Abra que é gente minha!’*

Eu entrei, mas já conhecia ele de menino, mas ele não me conhecia.’

- Em que ano?

- *‘Novembro de 1925. Ai então eu falei com ele, mostrei a carta e dei pra ele ler, a carta de Horácio pedindo dinheiro. Ele olhou a carta e disse, leia. Ai eu li a carta. Ai ele tinha um modo que quando eu pedia um plano a ele ele cochilava, ai acordava, eu lia a carta. Ele disse: Tá ruim. Que é que você faz? - Eu faço o que o senhor mandar!’*

Ele cochilou umas três vezes, viu? Cochilava e certificava. Ai ele disse: - Se o senhor mandar esse dinheiro, quando acabar Horácio manda pedir mais. Quando o senhor não tiver mais pra dar, ele vem e lhe mata. E assim, o senhor não manda o dinheiro. Agora mande uma carta. O senhor não era amigo dele?- Era, nós era amigo. - O senhor manda uma carta pra

ele, diz que fez agora um negócio, que está devendo um dinheiro, uma coisa, e tal, e você se sai, quando puder. se ofereça, diga que não quer ser inimigo, alega que você foi avisar seu primo o prefeito, diga a ele que quando puder dá o dinheiro. Assim eu fiz.'

No início do ano de 1926, em janeiro, é assassinado um primo de Lampião, em Pernambuco. Antonio da Piçarra faz uma concatenação dos fatos com seu problema pessoal.

- 'Nisso mataram um primo legítimo de Lampião em Pernambuco, a policia e os inimigo dele. E tinha mais três; era pra matarem. Ai correram pra Padre Cicero, os primos legítimos de Lampião. O meu caso foi em novembro e o caso da morte do primo de Lampião já foi em janeiro e ele (o Padre Cícero) lembrou-se, viu? E ai veio dois moços primos de Lampião: Sebastião Paulo e Francisco Paulo. Tinha mãe viva com três moças.

O Padre Cicero deu um cartão a eles e os rapazes foram com a família para a Piçarra. Ai o Padre Cicero me disse que Horácio não podia fazê mais nada comigo, porque a família de Lampião estava na minha fazenda.

Quando foi em 26 os revoltosos desceram e tiveram um encontro com Lampião. O Dr. Floro Barrolomeu da Costa, que era a 2ª pessoa do Padre Cicero e dono do Juazeiro, foi ao Rio e arrumou tudo. Fez uma força patriótica ai no Juazeiro, pra brigar com os revoltosos, como de fato brigaram. Ai então o Lampião teve uns encontro com os revoltosos aqui no Pernambuco e deu uma brigada com os revoltosos, por conta dele. Ai Dr. Floro soube dessa persiga de Lampião, mandou atrás de Lampião.

Morava no Juazeiro já, um irmão de Lampião, casado, nunca foi cangaceiro. Era o João. Mais novo do que ele. E já morava lá porque não podia morar no Pernambuco,

Ai Dr. Floro falou: Como é que eu posso mandar uma carta pra Lampião? Disseram: Aqui mora um irmão dele. Ele mandou chamar o irmão. - Você é irmão de Lampião? – Sou.

- Pois eu quero que você vá me deixar uma carta a ele; chamando ele que eu quero ir com ele na patriótica. Requero a anistia dele e de quem ele quiser E ele vai ser um capitão da patriótica

Ai o rapaz disse: Dr, se eu entrar no chão de Pernambuco e souberem, sou um homem conhecido, morro logo. Já mataram um irmão meu, já mataram um primo, portanto eu não posso ir não.

Dr. Floro disse: Que é que eu faço pra me entender com Lampião? Ele falou: Tem um cidadão ai na Piçarra, que lá mora, mais ele, uns primo meu que já vieram praqui por causa dos inimigo e o Padre Cicero mandou pra lá Dr. Floro disse Ah, muito bem! Eu vou fazer uma carta para ele pra ele mandar um desses primos atrás de Lampião levando uma carta pra ele.

Ai foi dito e feito! Mandou e eu mandei o rapaz ir se encontrar com o primo dele,

Lampião. Mas demoraram a encontrar Lampião. Nessa vinda de Lampião o Floro teve um ataque de coração e adoeceu de imediato, foi pra Fortaleza, de lá pra Rio, e acabou morrendo. Ai finalmente morreu Dr. Floro.

Com o chamado dele, Lampião chegou. Foi da vez que eu conheci ele. Tinha uma volante da patriota perseguindo os revoltosos e o Padre Cicero mandou esperar ele na estrada do Ceará."

- Quem levou a carta para Lampião?

- *'Foi o primo dele, Francisco Paulo (Chico Paulo). Ele entrou no Juazeiro garantido com a patriota.*

Lampião já tinha os parente dele morando mais eu, ai veio aqui pra casa, no dia 21 de março de 1926. Foi a primeira vez que eu vi ele. Lampião chegou junto com a volante (a patriota do Juazeiro). Foi uma festa que eu fiz.

Horácio Novais, já intrigado comigo porque eu não mandei o dinheiro, não veio. Quando Lampião voltou (ele me contou depois!), disse a Horácio: - Bom Horácio, você não tem mais intriga nas Porteira com o Coronel Franco Pinheiro! Hoje Antônio da Piçarra é meu amigo. Está com a minha tia lá, e os meus primos amparado por ele e pelo Padre Cicero. E o Franco Pinheiro é primo dele, é meu amigo também. Ai Horácio fez um grupo duns 12 homens e ficava agindo por conta dele. Só de vez em quando se juntava mais Lampião, mas aqui no Ceará não se teve mais noticia dos dois junto.'

- O que o Senhor me conta dos primos de Lampião que Viviam na Piçarra? De que viviam?

- *'Eles tinham tropa de burro e trabalhavam carregando carga, comprando cereais no Ceará mais barato, e vendendo em Pernambuco. E pegando frete de todo mundo. Era dezoito burros desses dois irmãos. Eram ricaço: propriedade boa no Município de Serra Talhada. Eles não trabalhavam não. Trabalhavam com burro de carga. Esse povo de Pernambuco não gosta de trabalhar na 'agricultura não, que arar num presta. O caso deles é negócio. É comprar e vender, pegar carga.'*

O pai de Lampião era pobre, rico ou remediado?

- *'O pai de Lampião era remediado bem. Tinha uma boa propriedade, tinha gado, tinha uma tropa de burro que os filho negociavam. Lampião e os outros dois. E ele negociava; carregava cereais ai do sertão. Um lugar chamado Arco Verde era ponta de linha nesse tempo, da estrada de ferro que vai para Recife. Eles carregavam frete, cereais.'*

- Quantas vezes Lampião esteve na Piçarra?

- *'Foi muitas; não sei da conta não. Agora, a derradeira brigada que ele deu do lado*

de cá do rio São Francisco, que do outro lado é a Bahia, foi na Piçarra, no dia 28 de março de mil novecentos e vinte e oito, numa segunda feira.'

- Como foi que se deu essa briga?

- 'Eu tinha uns amigo das volante que eram muito homem: Tenente Arlindo e aquele povo, os Nazareno. Eles viviam me mostrando as miséria que Lampião fazia nesse mundo todo. Eu ouvia falar naquilo tudo e conversava mais eles. Depois ficava pensando naquelas desgraça toda, e eu ajudando um cabra perverso como Lampião.. Eu vivia doido pra me sair da história de Lampião. Toda vez que Lampião passava, minha casa era varejada, corrida pela polícia, e aquele aborrecimento!'

Um dia Lampião vinha ai pra casa. O Tenente Arlindo vinha no rastro. Arlindo chegou primeiro que Lampião. Já sabia que Lampião estava no Ceará, mas não estava lá em casa. Mas estava perto.

Ai Arlindo já era meu amigo.

Interrompendo a narrativa, informa: 'Olhe, ele é avó desse meu genro!' Continua a entrevista:

'Lampião sabendo que Tenente Arlindo ia cercá-lo, se escondeu uma légua distante da minha casa. O Tenente Arlindo chegou. Eu já tava aborrecido mesmo, queria me encontrar com Lampião. Tenente Arlindo me chamou atenção: Tinha ordem do governo de Pernambuco, e avisou: Ele já tá aqui. Ai fizemos um trato pra Arlindo se esconder. Ele se escondeu numas casas sem sair de dentro.

Até que Lampião chegou e eu botei o Tenente Arlindo em cima de Lampião. Eu trai Lampião! Ai então houve a brigada e Arlindo acompanhou ele até que ele atravessou pra Bahia.'

- Fale sobre Sabino.

- 'Sabino morreu ai na Piçarra, no fogo que eu trai Lampião. Era um cabra ataiocado, de cabelo meio ruim, meio alourado, dos olhos amarelo, cabra perverso mais do que todos! No tiroteio ele saiu com três balaços. Lampião ainda pôde carregar ele prao mato e as volante ao redor dele. Ele ainda passou oito dias na fazenda. 72 praças e eu mais caçador procurando ele, e nunca se encontremo. E ele com Sabino. No fogo Sabino saiu com três balaço, ficou morrendo aqui, morrendo acolá, até que não aguentava e chamou Lampião: Lampião, você me mate, se não nós vamos morrer sangrado. Eu quero morrer matado por vocês e não quero morrer matado por essa poliça desse 'Queixo Quebrado' : (O Tenente Arlindo tinha o queixo quebrado dum tiro numa briga mais Lampião, em Pernambuco). Ai Lampião disse: Eu não tenho corage de matar. Foi até que teve um cangaceiro chamado Português e Sabino disse,

Português, você tem? E ele disse: Se o capitão mandar, eu atiro. Lampião disse: Eu não mando não mas não me importo. O cabra atirou mesmo na testa dele. Enterraram ele. Isso na surdina. Ficou Sabino enterrado na Piçarra, Eu mais o Tenente Arlindo no mato, na frente de 72 praças, e nunca se encontremo.'

- Qual foi a reação de Lampião depois disso?

-'Lampião mandou um grupo de cinco cangaceiro me matar. O chefe era filho daqui de Brejo Santo, e se chamava Antônio Francisco. Cometeu um crime aqui, correu e entrou no bando de Lampião na Bahia. Ai se chamava Moreno. Lampião disse que dava cinquenta conto pra ele me matar. Moreno veio da Bahia cortando caminho pra não passar nas cidades, e nem nas fazendas. Quando ele chegou no Ceará me avisaram e eu fui na caça dele. Depois que Lampião se acabou, ele mudou de vida e abriu no mundo.'

- Quantas tarefas tem a Piçarra?

- 'Mil e duzentas tarefas; muito grande. Pega três municípios: Para o poente - é Porteiras, sede da fazenda; para o nascente - é o Brejo Santo; e para o sul - é a cidade de Jati. Ela é grande: de sul a norte é uma légua, e de nascente a poente é mais de meia légua. A fazenda é grande e boa.'

Atividade?

'Engenho, cama, bastante gado, rebanho de ovelhas, muito cavalo bom, 1 lote de égua, 1 bocado de burro de cambitar. Nas terras da Piçarra tem areia, tem pedra, muito imbu.'

— Lampião lhe falava da vida dele?

—'Contou tudo! Contou que o pai dele estava em um sítio que arrendou em Água Branca, Estado de Alagoas. Lampião apareceu por lá pra ver o pai. O Tenente Lucena saiu da sede dele que era Santana do Ipanema e foi prender ele. Não encontrou Lampião, prendeu o velho e matou. Com cinco ou seis dias a velha morreu por causa da morte do velho. Aí Lampião disse: Agora eu não quero mais viver. Enquanto eu não matar Zé Saturnino, Tenente Lucena e Mané Neto, eu não quero viver!

Mas nunca matou!' (BARROS,2018, p.204-209)

ANEXO IX – MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO

Figura 12. Casa da família de Lampião no Poço do Negro, Floresta, Pernambuco, erguida em 1917. Foto Rucker Vieira, 1956 (MELLO, 2015, p.176).



Figura 13. Foto chapéu de Lampião, 1934 (MELLO, 2015, p.79).



Figura 14. Vaqueiros no Sertão, labuta do homem pecuário.



Figura 15. Representação do cangaceiro Lampião . Fotografia de autoria do pesquisador. Museu do Caís do Sertão, Recife, Julho 2018.



Figura 16. A indumentária sertaneja em couro .Fotografia de autoria do pesquisador. Museu do Caís do Sertão, Recife, Julho 2018.



Figura 17. Fotografia de autoria do pesquisador. Museu do Caís do Sertão, Recife, Julho 2018.



Figura 18. *Cangaceiro a cavalo*, Portinari, óleo sob tela, 54,5 x 46 cm, coleção privada, Madri, Espanha – Projeto Portinari, São Paulo, Brasil (MELLO,2015,p.212).

ANEXO X – MARCHAS, MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DA COLUNA PRESTES

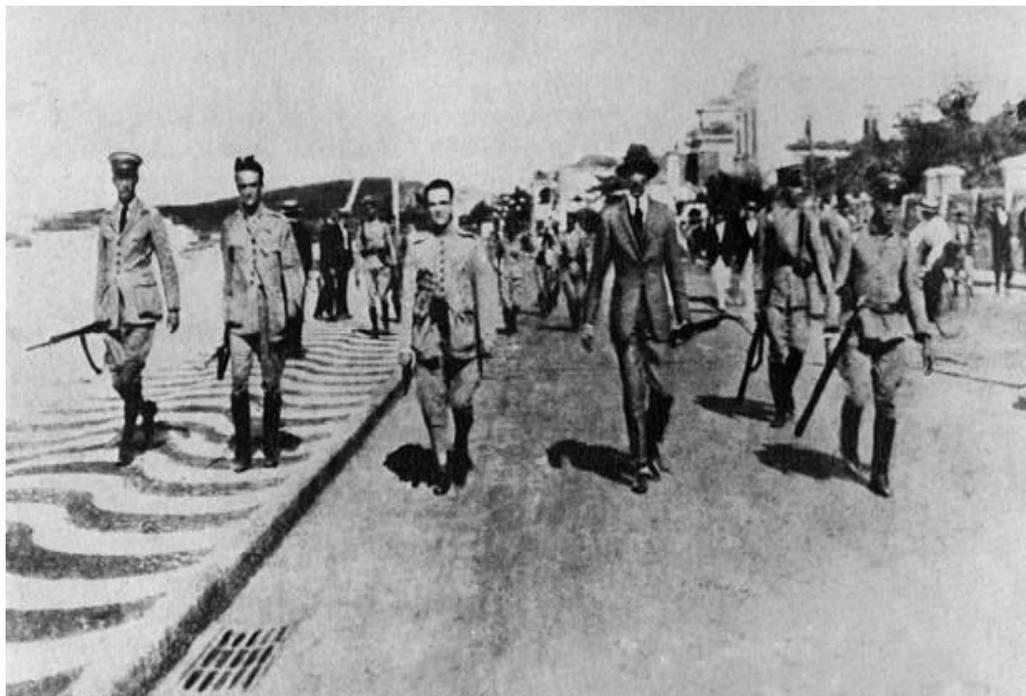


Figura 19. 18 do Forte, considerado o marco inicial do movimento tenentista que culminou na chamada Coluna Prestes. Fonte: ACERVO O GLOBO. Dia 5 de Julho de 1922: Levante dos '18 do Forte' de Copacabana marca tenentismo. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/dia-5-de-julho-de-1922-levante-dos-18-do-forte-de-copacabana-marca-tenentismo-21537055>>. Acesso em: 08 mar. 2022.

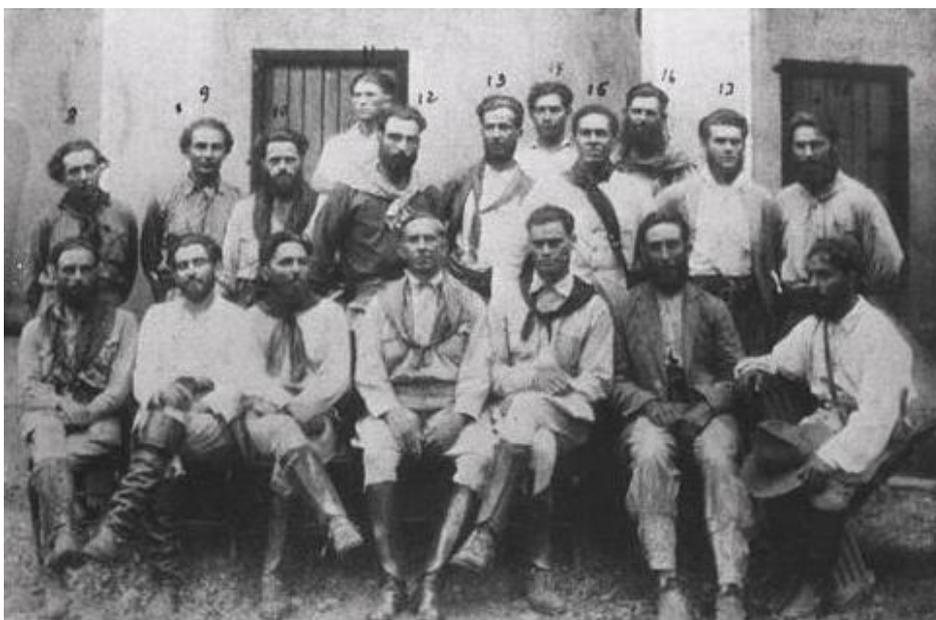


Figura 20. Esq./dir.: (sentados) Djalma Dutra, Siqueira Campos, Luís C. Prestes, Miguel Costa, Juarez

Távora, João Alberto e Cordeiro de Farias; (em pé) Pinheiro Machado, Atanagildo França, Emídio da C. Miranda, João Pedro, Paulo Kruger, Ari Salgado, Néelson Machado, Manuel Lima, Sadi V. Machado, Trifino Correia e Italo Landucci. CPDOC/FGV. Alto comando da Coluna Prestes. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Clube3Outubro> . Acesso em: 24 ago. 2021.



Figura 21. Membros da Coluna Prestes - Luís Carlos Prestes (segundo da esquerda para a direita) e Lourenço Moreira Lima (primeiro à direita) com Juan Clouzet, gerente comercial da Bolívia Concessions, 1927. La Guaíba, Bolívia. (CPDOC/SVM foto 001/19) .CPDOC/FGV. Coluna Prestes. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/ColunaPrestes> . Acesso em: 24 ago. 2021.